



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

DOMINGAS DA SILVA

O TABU E O VISÍVEL: TRIBALISMO E POLÍTICA NA ELEIÇÃO DE 2019-2020 EM
GUINÉ-BISSAU

FORTALEZA
2022

DOMINGAS DA SILVA

O *TABU* E O *VISÍVEL*: *TRIBALISMO* E POLÍTICA NA ELEIÇÃO DE 2019-2020 EM
GUINÉ-BISSAU

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFC/UNILAB como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia. Área de concentração: Antropologia.

Orientadora: Dra. Denise Ferreira da Costa Cruz

Coorientador: Dr. Daniel Alves De Jesus Figueiredo.

FORTALEZA

2022

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - Unilab
Sistema de Bibliotecas da Unilab - (Sibiuni)
Biblioteca Setorial da Unidade Acadêmica de Palmares
Catalogação na fonte

Bibliotecário: Mônica Cordulina da Silva – CRB-3 / 947

S578t Silva, Domingas da.

O tabu e o visível: tribalismo e política na eleição de 2019-2020 em Guiné-Bissau. / Domingas da Silva. – Redenção: UNILAB, 2022.

113p. : il.

Inclui Referências.

1. Tribalismo. 2. Etnicidade. 3. Eleições. 4. Guiné-Bissau – Política e governo. I. Título.

CDD306.096657

DOMINGAS DA SILVA

O *TABU* E O *VISÍVEL*: *TRIBALISMO* E POLÍTICA NA ELEIÇÃO DE 2019-2020 EM
GUINÉ-BISSAU

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFC/UNILAB como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia. Área de concentração: Antropologia.

Orientadora: Dra. Denise Ferreira da Costa Cruz

Coorientador: Dr. Daniel Alves De Jesus Figueiredo.

Aprovada em: 24/ 02/ 2022

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Denise Ferreira da Costa Cruz (Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Daniel Alves De Jesus Figueiredo (Coorientador)
Pesquisador da Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dra. Carla Susana Alem Abrantes
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Gilson Rodrigues
Universidade Instituto Federal de Rio Grande do Norte (Campus Pau dos Ferros)

Ao meu filho, Amir Salim da Silva Baldé, que, desde o ventre da mamãe, esteve comigo nesta caminhada árdua, por me escolher a ser a tua mãe mesmo com tanta dificuldade de estudar e cuidar de você ao mesmo tempo. Obrigada por alegrar os meus dias e me incentivar a não desistir. Ao meu companheiro, esposo, amigo e tudo, Adulai Baldé que esteve comigo todos os dias e momentos da minha vida, vibrando com as minhas vitórias e sofrendo com as minhas derrotas. Obrigada por tudo, meu AMOR...

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos ancestrais e Nasymbatchy pelas forças que iluminaram os diversos encontros necessários para a concretização deste processo. De modo geral, agradeço ao governo Lula que deu origem à criação da UNILAB e seu projeto diferenciado para prestar apoio aos Países da Língua Oficial Portuguesa (PALOP).

Em especial, à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) pela concessão da bolsa de estudo durante esses dois anos e meio; sem esse apoio, não seria possível realizar o meu estudo e concretizar este grande sonho. Minha eterna gratidão.

Ao povo guineense, militantes, políticos e, em especial, aos que estão vivendo na diáspora que fizeram das redes sociais o encontro das diversões, política, discussões e informações dos assuntos importantes sobre o país. Que, sem as vossas *lives*, vídeos e publicações não seria possível realizar minha pesquisa de campo, perante a situação que o mundo está atravessando neste momento da pandemia de covid-19. Qualquer palavra de gratidão será pequena, inválida. Certamente, devo muito do que sou hoje a vocês.

À professora Dra. Denise Ferreira da Costa Cruz que, mais do que uma orientadora, tornou-se uma conselheira acadêmica de jornada antropológica. Obrigada por acolher-me na Unilab e no programa; por acreditar na minha potencialidade e não me rejeitar mesmo sabendo que estava grávida e cursando Mestrado. Obrigada pela paciência na orientação, pelas críticas certas nas horas incertas. Nosso encontro foi um dos presentes da minha existência no programa PPGAS UNILAB/ UFC: motivo de gratidão eterna.

Ao professor Dr. Daniel Alves De Jesus Figueiredo, coorientador incansável deste trabalho, um pesquisador nato. Agradeço a sua colaboração para realização desta pesquisa. Obrigada pela paciência, amparo, pelas suas brilhantes sugestões antropológicas e pontuações no trabalho que conduziram ao avanço desta dissertação.

Agradeço aos professores Daniel Alves De Jesus Figueiredo, Carla Susana Alem Abrantes que compuseram a banca de qualificação e deram importantes contribuições para a realização deste trabalho.

Aos membros da banca de avaliação, por terem aceitado o convite e pelas contribuições.

Ao meu companheiro, esposo, amigo e namorado de todas as horas, Adulai Baldé, por estar sempre ao meu lado nos momentos de alegria e de tristeza. Gratidão pela força, incentivo e amparo que tem me dado, ao longo de todo esse processo, e por acreditar sempre

em mim e na minha potencialidade. O seu apoio fez toda diferença na minha vida e no meu percurso no mestrado: te amo, meu amor.

Ao meu amado filho, Amir Salim Da Silva Baldé, que, desde o ventre da mamãe, já estava comigo nessa correria de cursar o Mestrado. Quando eu descobri que estava grávida de você, uma alegria imensa tomou conta de mim e, ao mesmo tempo, um pesadelo porque era só eu e você, longe do papai e da família. Mas Deus sabe de todas as coisas e me fez superar o mais difícil e alcançar objetivos. Ter você, nesse percurso, é uma experiência sem igual que eu recebi durante todos esses dois anos. Você sempre foi minha motivação a não desistir deste percurso: nos momentos tristes você consegue me fazer sorrir e acreditar em vencer o impossível. Nosso amor será eterno. Gratidão por tudo, filho.

À minha mãe, Joanhina Fernandes (Amália), mulher que me ensinou, desde cedo, o verdadeiro significado da palavra “vida”, assim como me ensinou a ser forte, persistente e batalhadora. Você sempre foi a melhor mãe do mundo, mulher guerreira e incrível que me inspira todos os dias. Desculpa, mãe, pela ausência durante todos esses anos de estudos. Gostaria tanto de ter você por perto de mim, mas o destino não permitiu isso. Sinto muito a tua falta na minha vida aqui no Brasil. Acredito que dias melhores virão. Gratidão, mãe, por tudo, pois tudo que eu sou hoje é graças à tua educação, empenho, amor incondicional, carinho e compreensão. Te amo, mãe; se Deus permitir, em breve, estaremos juntas.

Ao meu pai, Joãozinho da Silva (*in memoriam*) que partiu desde os meus seis anos de idade. Sinto um vazio enorme de saber que eu cresci sem o seu carinho e apoio. Em todas as formas, você sempre foi o melhor pai do mundo, sonhou muito em ver o futuro dos seus filhos; por onde quer que esteja, sentirá a força dessa vitória e do amor que tenho por você. Te amo, pai, sinto-me grata pela força da sua ancestralidade que me concedeu durante esse percurso acadêmico no Brasil. Te amo para sempre.

Aos meus irmãos: Alexandre da Silva, João Pinto da Silva, Roberto da Silva, Ermínia da Silva e Santos da Silva; bem como aos meus sobrinhos: Lamine, Jan, Patrício, Chano; e à minha querida sobrinha, Samira; durante esse percurso, vocês estiveram comigo, mesmo estando longe me apoiando, mandando as energias positivas. Os vossos apoios incondicionais me fizeram acreditar que é possível chegar aonde estou hoje. Obrigada por tudo, meus amores. Amo vocês.

Ao meu amigo, que virou um irmão que a Unilab me deu, Calilo Fati, que esteve comigo desde a graduação, servindo do meu apoio e suporte acadêmico e conselheiro da vida. Obrigada pelos momentos compartilhados, por enxugar as minhas lágrimas várias vezes e me

fazer acreditar que “vai dar certo”. Esse percurso tornou-se mais leve graças à tua companhia e generosidade. Obrigada por tudo, meu irmão.

À minha querida amiga, Taiane Alves: a pessoa que me amparou, logo na primeira semana das aulas, auxiliou-me na gravidez e no pós-parto e me deu todo suporte e apoio necessários. Você é a pessoa a quem eu devo muito nessa vida e nesse percurso acadêmico. Amo você pois foi um anjo que Deus enviou para mim. E, sem a tua companhia, não seria possível concretizar este grande sonho. Esta vitória é nossa. Minha eterna gratidão, amiga.

Agradeço aos professores e às professoras do programa de Pós Graduação em Antropologia Associado UNILAB/UFC, em especial, ao professor Dr. Kleyton Rattes, professor Dr. Rafael Antunes Almeida e à professora Vera Rodrigues pelas aulas, palestras e discussões nos diversos espaços que compartilhamos.

Aos meus colegas de sala, da turma de mestrado de 2019, agradeço os momentos de construção e alegria que compartilhamos.

A todos os amigos e amigas da Unilab, familiares, conhecidos/as, sem exceção, que me ajudaram a fortalecer durante esse percurso do Mestrado.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo analisar a prática do *tribalismo* na Guiné-Bissau. Trata-se de uma etnografia que explora os diversos aspectos do *tribalismo* que marcaram o cotidiano guineense assim como também na política. Através das relações sociais e étnicas guineenses, explora-se o *tabu* do *tribalismo* e suas visibilidades e consequências nos períodos eleitorais. De modo geral, explora alguns acontecimentos que marcaram a eleição de 2019-2020 como ódio, violência, divisão, acusações entre os militantes e políticos. Assim, explora o discurso de viva escola *versus* escola *ika nada* e viva língua portuguesa *versus* viva língua crioula. E, por último, analisa os usos dos símbolos visuais étnico-religiosos pelos candidatos como fenômeno fácil de reconhecimento nos boletins de votos pelo eleitorado, chamando atenção ao seu grupo étnico e religioso.

Palavras-chave: Guiné-Bissau; *Tribalismo*; etnicidade; eleições de 2019-2020.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the practice of tribalism in Guinea-Bissau. It is an ethnography that explores the various aspects of tribalism that marked Guinean daily life as well as politics. Through Guinean social and ethnic relations, the taboo of tribalism and its visibilities and consequences in electoral periods are explored. In general, it explores some events that marked the 2019-2020 election such as hatred, violence, division, accusations between militants and politicians. Thus, it explores the discourse of living school versus school ika nada and viva Portuguese language versus living Creole language. And, finally, it analyzes the uses of ethnic-religious visual symbols by candidates as an easy phenomenon to be recognized on ballot papers by the electorate, drawing attention to their ethnic and religious group.

Keywords: *Guinea-Bissau; tribalismo; ethnicity; elections 2019-2020.*

RÉSUMÉ

Cette thèse vise à analyser la pratique du tribalisme en Guinée-Bissau. C'est une ethnographie qui explore les différents aspects du tribalisme qui ont marqué la vie quotidienne des Guinéens ainsi que la politique. A travers les relations sociales et ethniques guinéennes, le tabou du tribalisme et ses visibilité et conséquences en période électorale sont explorés. De manière générale, il explore certains événements qui ont marqué l'élection 2019-2020 tels que la haine, la violence, la division, les accusations entre militants et politiciens. Ainsi, il explore le discours de l'école vivante contre l'école ika nada et de la langue portugaise viva contre la langue créole vivante. Et, enfin, il analyse les utilisations de symboles visuels ethnico-religieux par les candidats comme un phénomène facile à reconnaître sur les bulletins de vote par l'électorat, attirant l'attention sur leur groupe ethnique et religieux.

Mots clés : *Guinée-Bissau; tribalisme; ethnie; élections 2019-2020.*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 BREVE HISTÓRICO SOBRE OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DA DISSERTAÇÃO.....	25
2.1 Pergunta e definição de objeto	25
2.2 <i>Tribalismo</i> como categoria presente e usada na Guiné-Bissau	26
2.3 O percurso metodológico virtual	31
2.4 Experiência na pesquisa etnográfica nas redes sociais e perfil dos meus interlocutores	34
2.5 Diário de campo	36
3 PERCEPÇÃO DA PRÁTICA DO <i>TRIBALISMO</i> NAS RELAÇÕES SOCIAIS E POLÍTICA GUINEENSE.....	41
3.1 Narrativa do <i>tribalismo</i> nas relações sociais guineenses?	41
3.2 <i>Tribalismo</i> na relação política guineense.....	56
4 APRIMORAMENTO DA PRÁTICA DO <i>TRIBALISMO</i> NA ELEIÇÃO DE 2019-2020.....	75
4.1 Eleições 2019-2020: É lado, lado ou Unidade?	77
4.2 Viva escola <i>versus</i> escola <i>ika nada</i>	82
4.3 Língua portuguesa verso língua crioula	87
4.4 Usos de símbolos étnicos e religiosos nos pleitos eleitorais de 2019-2020.....	94
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS	105

1 INTRODUÇÃO

Aqui, na Guiné-Bissau, todo mundo fala do tribalismo nos períodos das eleições e esquecemos que nós fazemos o tribalismo no dia após dia com os outros, não só no período da eleição. Eu sempre digo que o tribalismo que nós fazemos, na nossa relação do dia a dia, pode até não trazer o problema entre nós, mas, para mim, é, de facto, que pode trazer a divisão do povo guineense no decorrer do tempo. (Malam¹, 08 de abril de 2018).

Malam explicou assim na participação na *live*² da joana sob o tema: *o tribalismo é um tabu que ninguém fala, mas existe na nossa relação social do dia a dia.*³ Nessa *live*, tinham participações de várias convidadas, entre elas, cada uma trouxe diferentes interpretações do *tribalismo* e seu efeito na relação social e política na Guiné-Bissau. O *tribalismo*, nas relações sociais guineenses, é interpretado, pelos interlocutores, como um *tabu que ninguém fala, mas existe*.

Para Malam, o *tribalismo* que se faz nas relações sociais guineenses *é mais forte do que o tribalismo que nós fazemos nos períodos eleitorais, porém, apesar que não trazer divisões como no período das eleições onde a sua prática se torna mais visível, tensa e comentada pelas populações guineenses em massa*. De acordo com ele, alguns aspectos do fazer o *tribalismo*, na convivência guineense, geram desigualdade e diferenciação entre as pessoas que vivem no interior e centro da cidade de Bissau.

Esta dissertação analisa as diferentes formas interpretativas de fazer o *tribalismo* na Guiné-Bissau, sendo elas, na relação social e política Guineense, como, também, compreender o seu impacto na divisão étnica no país.

Para os meus interlocutores, a discussão em torno do *tribalismo* não é de hoje, visto que ela é uma problemática que ganhou força desde o primeiro golpe do Estado de 1980 que separou a Guiné-Bissau e Cabo Verde e deu a origem à abertura democrática em 1994, ano da realização da primeira eleição legislativa e presidencial na Guiné-Bissau e seu uso e visibilidade

¹ Nesta dissertação, pretendo usar os nomes fictícios dos interlocutores, por ser uma pesquisa com materiais coletados nas redes sociais sem a negociação e permissão do uso dos dados pelos autores das *lives*.

² *Live* em português significa, no contexto digital, "ao vivo". Na linguagem da *Internet*, a expressão passou a caracterizar as transmissões ao vivo feitas por meio das redes sociais. As *lives* são feitas de forma simples e ágil, geralmente, sem limites de tempo de exibição ou de quantidade de espectadores. Informações extraídas no *google*.

³ Vídeo disponível em: <https://www.facebook.com/100001156141430/videos/1638545046194018/>. Acesso em 20 de Janeiro de 2021.

nos processos eleitorais se extrapolou na eleição de 2019-2020, assim como também nas convivências guineenses que possuem alguns aspectos muito fortes e são vistas de uma forma naturalizada (*tabu*).

Antes, eu tinha um entendimento de que o *tribalismo* é um fenômeno que se faz somente no período da eleição pelo fato de que a minha vivência, na Guiné-Bissau, percebi que, nesse período, as pessoas comentam com mais frequência a palavra do *tribalismo*, assim percebi o quão é complicada a convivência das populações guineense nesses períodos eleitorais; ficando ainda mais tensa por causa de alguns termos dos discursos *tribalistas* usados pelos políticos para ganhar votos do pertencimento étnico.

Sendo um dos períodos mais conturbados da sociedade guineense, qualquer uso inapropriado do pertencimento étnico, acaba virando em uma problemática social e partidária que acaba deixando mágoas profundas na convivência entre os guineenses. Porém, o campo me deu outra concepção sobre a prática do *tribalismo* na Guiné-Bissau que também *se faz nas conveniências entre os guineenses no dia a dia*, mas que não gera conflito como nos períodos das eleições.

Neste texto, durante a pesquisa de campo na rede social, identifiquei diferentes sentidos de fazer o *tribalismo* na relação social e política guineense. Para os meus interlocutores, o *tabu* de *tribalismo*, na relação social, consiste em *raça fundinho⁴ ta barri padja* (jabula) e *raça bibidur ou raça polon⁵*.

Esse aspecto de fazer o *tribalismo* ocorre de uma forma naturalizada na convivência guineense, mas é uma expressão muito forte que traz diferenciação e divisão dos grupos sociais religiosos na Guiné-Bissau. Essa expressão, muitas vezes, é dirigida num tom de brincadeira, mas a sua natureza é completamente divisionista e diferencia as pessoas que fazem parte da etnia e religião islâmica e cristã.

Uma vez que as populações guineenses são diferentes, em termos de religião e etnias, mas iguais em termos da mistura e pertencentes de um território nacional, assim como

⁴ É uma expressão que os guineenses usam para diferenciar as etnias islamizadas das etnias cristãs. As etnias que fazem parte de islamismo não consomem as bebidas alcoólicas e muitas das vezes são identificados pela sociedade na forma de se vestir. Como na tradição muçulmana, o fundinho representa o vestuário importante que é usado nas cerimônias tradicionais e como também no dia a dia.

⁵ É uma expressão guineense usada para referir as etnias cristãs que consomem bebidas alcoólicas. As pessoas das etnias islamizadas chamam as etnias cristãs como *raça bibidur ou raça polon* (que consomem as bebidas alcoólicas). Polon significa uma árvore grande onde se realizam as cerimônias tradicionais. Lembrando que essa é uma expressão genérica, mas nem todas as pessoas que pertencem às etnias são cristãos que frequentam a igreja católica ou evangélica.

o casamento é um fenômeno muito importante que fortalece a mistura e unidade entre as diferentes etnias.

Segundo aspecto, o *tribalismo* como *sotaque linguístico* é um aspecto de *tribalismo* linguístico associado às pessoas que falam o crioulo misturado com suas línguas étnicas. É importante frisar que esse aspecto causa desigualdade, exclusão e divisão na escola, bem como também na sociedade entre indivíduos que vivem na capital e na região da Guiné-Bissau. Além disso, os guineenses que vivem no centro da cidade se acham superiores, civilizados e educados em contraponto aos que nasceram e moram no interior.

Em outras palavras, o *sotaque linguístico* é um aspecto que faz com que muitas pessoas do interior abandonem escolas, na capital Bissau, perante a exclusão e os desconfortos na hora de falar na sala de aula. Lembrando que, para os meus interlocutores, esse aspecto é muito importante para pensar o *tribalismo* na relação dos guineenses do dia a dia. Uma vez, é fácil ser guineense nascendo e vivendo na capital, difícil é nascer no interior onde os privilégios sociais e linguísticos não são pauta para os políticos, ou melhor, o Estado-nação não chega em algumas comunidades do país e as características – tradicionais, linguísticas e culturais – ainda são praticadas e frequentes para essas pessoas que, muitas das vezes, são designados de não civilizados pelos que vivem na cidade em pleno século XXI.

Terceiro aspecto do *tribalismo* como *Inveja*: configura-se como uma forma de fazer o *tribalismo* que consiste na generalização de *raça*, bem como no avanço e na progressão de uma pessoa de outra etnia.

Nesse sentido, muita das vezes, o julgamento não vem direto dessa pessoa que conquistou um emprego ou uma vida melhor, mas é feito de uma forma genérica, referindo-se à etnia tal pois conseguem isso e mais aquilo porque gostam de ir ao *Djambacus*⁶ e *murru*⁷.

Quarto aspecto de *tribalismo*: *Solidariedade étnica* que é uma forma de representações e identificações identitárias, parentesco, política e vizinhança que consiste na relação social guineense. Esse aspecto do *tribalismo* deriva de uma solidariedade muito forte, uma vez que as pessoas nunca abandonam sua etnia, parente ou vizinhança em situação de conflito, política, na ajuda no emprego ou em qualquer que seja a situação no país.

Quinto aspecto do *tribalismo* consiste em *ataque político*, generalização e ódio sobre um determinado político; constitui-se numa forma de acusações genéricas de um político

⁶ É um adivinho que pertence às etnias cristãs que prestam serviços espirituais como curas de doenças, maus olhares e desejos, nas comunidades e bairros de Guiné-Bissau.

⁷ Também é um adivinho das etnias que pertencem à religião muçulmana que prestam serviços espirituais como a curas de doenças, mão olhares e desejos.

que está no poder para com o seu grupo étnico. Muitas das vezes, os guineenses acusam um político pelo seu erro no poder e generaliza todos os membros da sua etnia, que, muitas das vezes, acabam gerando discussões e ódio entre as populações guineenses.

Sexto aspecto do *tribalismo: ignorância*, que consiste em forma de representação identitária e religiosa na escolha do candidato. Uma vez que, algumas populações guineenses não votam pela capacidade política de organização de um político, mas sim pelas representações étnicas, religiosas e afinidade política. Também deriva da forma como cada indivíduo se orgulha da sua etnia, esquecendo da unidade.

Esses são aspectos do *tribalismo* considerados, pelos meus interlocutores, como um *tabu* que ninguém fala. Mas são palavras do *tribalismo* muito forte que, às vezes, os guineenses expressam de forma inconsciente nas suas relações do dia após dia. Às vezes, causam discussões e conflitos entre pessoas de diferentes etnias, mas passam despercebidamente e sem ódio e divisão.

Em segundo sentido, os meus interlocutores analisam os aspectos do *tribalismo* na relação política como primeiros aspectos, *promessas* dos partidos para conquistar os militantes e ter mais votos. De acordo com meus interlocutores, as promessas eleitorais não se configuram como um aspecto que veio somente pelas representações étnicas ou de parentesco, mas sim, hoje em dia, na Guiné-Bissau, as populações procuram mais os partidos políticos que possuem mais dinheiro e promessas para filiar e que, muitas das vezes, acabam nas acusações, intrigas, divisão pelo interesse dos militantes e dos políticos.

Considere-se que, muitas das vezes, as disputas dos militantes para se beneficiar das promessas dos políticos, é baseada nas acusações e generalizações étnicas que consistem em um aspecto do *tribalismo* muito comentado pelos interlocutores, pelo fato que extrapola a convivência guineense nos períodos das eleições, assim como também na legislação de um candidato no poder, em que as acusações e as críticas não derivam somente de um candidato, mas sim para com todo o seu grupo étnico.

No terceiro aspecto, os meus interlocutores analisam o *tribalismo* étnico e religioso como acusações dirigidas pelas famílias e parentes a uma pessoa do mesmo grupo étnico e religião pelo fato de que possuem diferentes opiniões políticas, visões e partido político diferente. Alguns militantes são acusados, na eleição de 2019/2020, de não gostar da sua etnia e religião pelo fato que apoiou o partido de outra etnia e religião. Também é verificado, nas mudanças institucionais, no que tange à implementação da língua árabe no ensino guineense, pelo fato que o ministro da educação, no momento, é da etnia Fula e o Presidente também, fato

que foi muito questionado pelos militantes do presidente Domingos Simões Pereira (DSP) e alegaram que isso é um suposto ato de *tribalismo*.

Outro aspecto do *tribalismo* é a *violência* (abuso no poder na política) que foram considerados, para os meus interlocutores, como tribalismo e divisão. Na eleição de 2019/2020, aconteceram várias violências e raptos dos militantes que apoiam o DSP, após o anúncio dos resultados das eleições que deram a vitória do presidente Umaro Sissoco Embaló (USE).

Neste momento, muitas pessoas estavam fazendo suas críticas à política na rede social sobre a vitória do presidente USE. Porém, essas pessoas acabaram sendo raptadas e torturadas por grupos de pessoas não identificadas. Esse ato causou um susto nas populações guineenses, em que a sociedade inteira estava acusando o presidente USE recentemente, legítimo de suposto autor do rapto das pessoas que fazem parte dos militantes do presidente DSP. Os meus interlocutores alegaram que esse é um ato de *tribalismo*, divisão e ódio que aconteceu na política guineense em 2020.

Esses aspectos do *tribalismo* são considerados, para os meus interlocutores, como *tribalismo visível*, em que a sociedade começa a levar em consideração alguns discursos e acontecimentos nas campanhas eleitorais dos políticos e dos militantes para analisar os aspectos do *tribalismo*, o que, muitas vezes, acaba gerando conflitos e acusações.

Nesse sentido, de acordo com a minha observação de campo, a eleição de 2019/2020 foi uma das eleições mais conflituosas que aconteceram na Guiné-Bissau, levando em conta a luta pelo poder, abraçando o simbolismo étnico e religioso, promovendo a divisão da sociedade em geral.

O período eleitoral de 2019-2020, na Guiné-Bissau, causa a divisão ao extremo, em que os militantes dos partidos diferentes, famílias e vizinhos se rompem, por causa dos nervos aflorados dos discursos étnicos que incentivam o divisionismo étnico e fortalecem a categoria *tribalismo*.

Entretanto, as últimas eleições presidenciais de 2019-2020, na Guiné-Bissau, tiveram doze candidatos à Presidência que marcaram a política guineense; entre os quais, está o candidato Domingos Simões Pereira (DSP), do Partido Africano para Independência - PAIGC e Umaro Sissoco Embaló (USE), do partido Movimento para Alternância Democrática - Madem-G15; esses acabaram passando pelo segundo turno das eleições presidenciais, que acabou por trazer mais incêndio dentro da sociedade guineense.

Durante a campanha eleitoral de 2019, vários vídeos foram publicados nas redes sociais pelos simpatizantes e apoiantes dos dois candidatos, nos quais, usam das suas falas para

atacar algumas etnias e religiões; isso acabou por mexer com problemas crônicos e resultou nos ataques, discriminação étnica e xenofobia contras alguns grupos étnicos.

Nessa eleição, pude observar as questões de *lado, lado* que foi tanto comentado pelos meus interlocutores, agora as eleições da Guiné-Bissau é:

[...] lado, lado, onde as populações se dividem pela religião, etnias, intelectualidade, línguas, promessas de dinheiro e do trabalho e todo mundo quer apoiar um presidente pela afinidade, representações e interesse. Essa terra nunca vai ter paz e nem desenvolvimento se a gente não parar com isso e optar pela unidade e escola certa do presidente e sem essas questões. (Presidente 1, 02 de Novembro de 2018.)

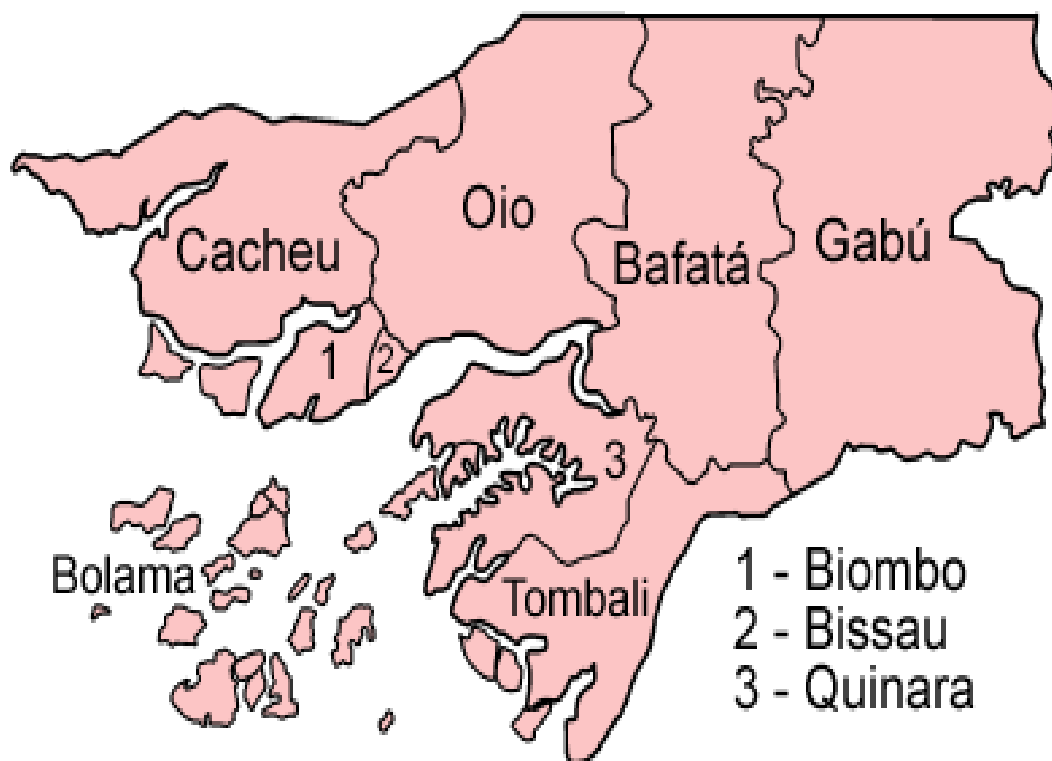
Em outras palavras, pude observar que a escolha de um presidente, representante do Estado ou do Governo, depende muito da educação formal e do *falar bem a Língua Portuguesa*, assim como foi questionado no debate eleitoral da eleição de 2019. Para os meus interlocutores, militantes da DSP, *não faz sentido eleger um presidente que não tem a escola e nem sabe falar bem a Língua Portuguesa*.

Assim, pude observar que a Guiné-Bissau é um país onde “falar é existir absolutamente para o outro” (FANON, 2008, p. 33); os políticos utilizaram a língua portuguesa para agradar a comunidade internacional europeia. Como analisam os meus interlocutores: *nossa língua oficial é o português e então devemos eleger um candidato que sabe falar muito bem o português para nos representar internacionalmente*.

De forma resumida, apresento-vos, nesta introdução, um breve histórico sobre a situação geográfica e histórica da Guiné-Bissau: é um país africano situado na costa ocidental da África com divisa ao norte pelo Senegal e ao sul pela Guiné - Conacri (antiga colônia francesa)⁸ e, ao sul e oeste, é banhada pelo Oceano Atlântico. Além do território continental, tem ainda a parte insular que compõe os arquipélagos de Bijagós, formados por mais de oitenta ilhas com superfície total de 36.125 km²; é, administrativamente, dividida em oito regiões e 37 setores, incluindo o setor autônomo de Bissau, a capital do país.

⁸ Ambos os países: Guiné Conacri e Senegal foram colonizados pela França.

Figura 1- Mapa da Guiné-Bissau.



Fonte: Wikipedia⁹

Tabela 1: Regiões da Guiné-Bissau

REGIÕES	CAPITAIS
Bafatá	Bafatá Bafatá
Biombo	Quinhamel
Bolama	Bolama
Cacheu	Cacheu
Gabu	Gabu
Oio	Farim
Quinara	Buba
Tombali	Catió

Fonte: Wikipedia¹⁰

⁹ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%B5es_da_Guin%C3%A9-Bissau. Acesso em 15 de maio de 2021.

¹⁰ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%B5es_da_Guin%C3%A9-Bissau. Acesso em 15 de maio de 2021.

De acordo com os dados do Banco Mundial (2020), a Guiné-Bissau tem uma população de aproximadamente 1.874.309 pessoas, constituída por uma diversidade étnica e cultural muito ampla. O país possui um mosaico cultural diversificado, tanto no seu aspecto linguístico como na música, dança, artesanato e outras manifestações culturais. O crioulo é a língua nacional do país, tendo o português como a língua oficial da nação, além de integrar a mais de vinte línguas nacionais de acordo com os grupos étnicos.

As regiões da Guiné-Bissau são compostas por muitas variedades étnicas e linguísticas espalhadas por todo território. Os grupos étnicos são: Balantas, os Fulas, os Mandingas, os Manjacos e os Papéis. Esses grupos étnicos são mais populares na Guiné, mas existem outros grupos que ocupam todas essas regiões, cuja denominação é pouco conhecida pelos habitantes. E existem ainda subdivisões dentro de cada grupo étnico.

Tcherno Djaló (2012) afirma que:

Existem outras pequenas minorias étnicas sem significado demográfico ou em vias de extinção enquanto grupo étnico distinto. Verificam-se, entre outros: os Bagas, os Bambaras, os Cobianas, os Conháguis, os Jacancas, os Jaloncas, os Landumas, os Padjadincas, os Quissincas, os Saraculés, e os Sossos. (DJALÓ, 2012, p. 21).

Os grupos étnicos da Guiné-Bissau, espalhados por oito regiões do país, povoam-se de acordo com suas características de origem étnica, cultural e religiosa. Isso demonstra que cada região é habitada por uma ou mais etnias, o que não impede a convivência desses em um mesmo lugar.

Tabela 2: grupos étnicos do país de acordo com a percentagem numérica.

Grupos étnicos	%
Balantas	26
Fulas	25,4
Mandingas	13,7
Manjacos	9,2
Papeis/Pepeis	9,2
Mancanhas/Brames	3,54
Beafadas	3,2
Bijagós	2,1
Felupes	1,43
Nalús e Sossus	1,2

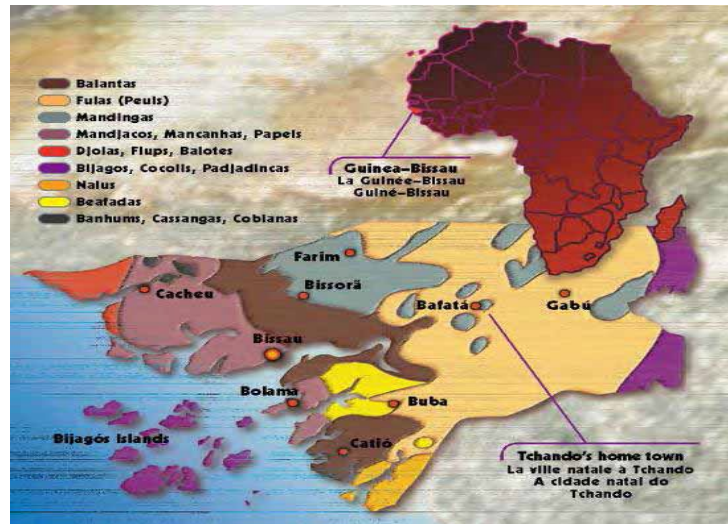
Outros*	5,3
---------	-----

Fonte: INEC, 1991 *apud* NÓBREGA 2003.

Segundo Namone (2014 *apud* INEC, p. 17), a Guiné-Bissau está dividida em três províncias: Leste, Norte e Sul ou Meridional, para além do Setor Autônomo de Bissau (SAB – Capital do país). Sendo assim, o SAB, com apenas 2,1% da superfície total, é ocupado por 20% da população total do país; a província Leste, composta pelas regiões de Bafatá e Gabu, ocupando maior superfície do território nacional, 42%, contém 28,7% da população; a província Norte, composta pelas regiões de Biombo, Cacheu e Oio, cuja superfície é de 31,6%, é a que comporta o maior contingente da população, 36,9%; a província Sul, que agrupa as regiões de Bolama, Quinara e Tombali, com extensão de 26,22% da superfície, abriga 14,4% da população total.

No que diz respeito à percentagem dos grupos étnicos por região, a capital Bissau é a que concentra o maior mosaico étnico e cultural do país. Os grupos étnicos mais numerosos da capital são os Balantas, com 19.8%, seguidos pelos Papéis, com 17, 6%. Na região de Bafatá, os grupos étnicos mais numerosos são os Fulas: 58,5%, seguidos pelos Mandingas, 23%. Na região de Gabu, os Fulas são a maioria: 77.1%; a seguir vêm os Mandingas: 17%. Na região de Biombo, os Papéis ocupam a primeira posição: 72%, seguidos pelos Balantas, 19.8%. Na região de Cacheu os primeiros são Manjacos: 41,7%, seguidos pelos Balantas: 26,7%, depois pelos Felupe: 11,8%, e Mandingas: 8,6%. Na região de Oio, os Balantas ocupam o primeiro lugar: 48%, seguido pelos Mandingas: 31%, e pelos Fulas: 9,5%. Na região de Bolama-Bijagós, os Bijagós são os grupos étnicos mais numerosos: 57,6%, seguido pelos Mancanhas: 8,2%, o restante saldo percentual é dividido entre seguintes grupos étnicos: Papéis, Beafadas, Balantas, Mandingas, Manjacos. Na região de Quinara, apesar de ser o território dos Beafadas, 29,2%, os grupos étnicos mais numerosos nela são os Balantas 41,2%, o saldo percentual restante é dividido entre seguintes grupos: Fulas, Papéis, Mandingas, Bijagós, Manjacos, etc. Finalmente, na região de Tombali, os Balantas ganham predominância: 48,7%, embora a história do povoamento desta região confira a este grupo o estatuto de imigrante, em busca de terra fértil para cultivo. A seguir, vêm os Fulas, com 17%, os Beafadas, com 5,3%, os Papéis, com 2,5%, os Manjacos, com 2,0%, e os Bijagó, com 1,4%. (NANONE, 2014 *apud* INEC).

Mapa 02: distribuição territorial dos grupos étnicos por regiões do país.



Fonte: Google¹¹

Todos esses grupos étnicos estão divididos em três grupos religiosos: grupos étnicos com a influência de Cristianismo, Islamismo e religião tradicional de matriz africana. Os grupos étnicos majoritários, com a influência Cristã, são: Balantas, Bijagós, Manjacos, Mancanhas, Papéis, Felupes, entre outros. Grupos étnicos majoritários com a influência de Islã são: Fulas, Mandingas, Biafada, entre outros.

Para salientar, as influências do cristianismo e islamismo, nascida na colonização, há um contrassenso das populações que praticam. Uma vez que as etnias, com a influência cristã, são minorias que praticam o cristianismo são oito por cento, sendo que a maioria das populações praticam a religião tradicional de matriz africana. Enquanto que os grupos étnicos islamizados são trinta e oito por cento das populações que praticam o islã e os restantes praticam a religião tradicional africana, como afirma Augel (2007):

No total da população do país, 54% são incluídos na categoria de adeptos das religiões chamadas de animistas, cuja crença está baseada no culto dos antepassados das forças da natureza e no poder da espiritualidade. Há cerca de 38% de muçulmanos, e uma minoria de cristão correspondente a cerca de 8% da população, concentrada nos núcleos urbanos, sobretudo na capital. Não há extremismo nem fundamentalismo no país, e a miscigenação tanto religiosa como étnica é muito grande. (AUGEL, 2007, p. 92).

11

Disponível

em:

https://www.google.com/search?q=mapa+do+territ%C3%B3rio+da+guine+bissau&sxsrf=ALeKk00JPgUiMzSOuY0_YL_vnEQXiw24-w:1621142665691&tbn=isch&source=iu&ictx=1&fir=xhURqKI4BfGM%252CrkxUnRoIcNORCM%252C_&vet=1&usq=AI4_-kQXKRW6m8NwWN8OiDTVxfoPJAwfKg&sa=X&ved=2ahUKEwjFud-Fu83wAhVupZUCHYNUBi0Q9QF6BAgNEAE#imgrc=tJCe3IWt0HN-kM. Acesso em 16 de maio de 2021.

Entende-se que a resistência da religião tradicional demonstrou o seu papel importante na luta contra a dominação colonial na Guiné-Bissau, uma vez que nem todas as populações que praticam o islamismo e cristianismo são cem por cento fiéis e conservadoras das religiões ocidentais, mas também praticam a sua religião tradicional. Como reforça Pyter (1994).

De facto, o papel da religião na luta contra o domínio europeu e as suas consequências foi substancial. Durante o período colonial, africanos tradicionalistas (chamados animistas) usaram a sua respectiva religião como arma contra a exploração e opressão. (MENDY, 1994, p. 59).

Percebe-se que “a sociedade guineense atual é a resultante de uma “situação de contato” que se traduz numa dualidade cultural. É precisamente no domínio cultural que a clivagem entre estas duas componentes da sociedade – uma tradicional, a outra nascida de colonização”. (DJALÓ, 2012, p. 22).

A sociedade guineense possui uma forte ligação com a cultura e a coletividade, uma vez que cada grupo étnico se representa através da sua estrutura, comportamento e hábitos. Lembrando que cada grupo estabelece sua forma distinta de olhar o mundo e interpretar sua cultura e tradição. Note-se que, mesmo com a mudança imposta pelo regime colonial, a sociedade ainda se apega à sua cultura tradicional/coletiva.

Djaló (2012) defende que:

[...] a sociedade tradicional guineense é uma sociedade estruturada integrada num sistema de valores e de comportamento muito rígidos, baseados na tradição e na ordem social estabelecida. A integração do indivíduo num tal sociedade faz-se através da família, do clã, do grupo étnico, do grupo etário e da classe social, considerando como normas que explicam a ausência de individualismo, porque cada indivíduo é obrigado a agir e a conformar-se com as normas sociais, como o sistema de valores e com a disciplina do grupo. (DJALÓ, 2012, p. 22).

Note-se que a coletividade é um dos fenômenos importantes e existentes em cada etnia, então, é, na base disso, que os grupos étnicos constroem suas regras e manifestações culturais. Percebe-se que a coletividade também se faz na relação entre diferentes grupos étnicos que partilham o mesmo território. Isso fortifica os laços de intercâmbio e harmonia entre as etnias e mostram a importância dos valores culturais diversos no território guineense. Como aponta Candé Monteiro (2019):

[...] entre os bissau-guineenses existem duas formas de identificação social: uma que se refere à identidade coletiva (nacional) e outra representação específica, isto é, aquela que remete o indivíduo à sua tradição cultural, nesse caso a origem étnica de cada sujeito. Mas há de se levar em consideração uma terceira via de afirmação identitária no que se refere aos assimilados, isto é, os *crístons de praça* que também são resultantes do cruzamento de origens étnicas diversas, mas que no contexto urbano identificam-se como crioulos, e usufruem da dimensão étnica como estratégia para a sua manutenção no poder político. (CANDÉ MONTEIRO, 2019, p. 33).

Nesse sentido, a diversidade étnica e a sua relação coletiva são uma das principais riquezas no território guineense. Porém, a construção do Estado, na Guiné-Bissau, propõe uma nova relação social entre os indivíduos no país, uma vez que a diversidade étnica é caracterizada como fenômeno englobante de caráter nacional, em que as fronteiras étnicas passaram a se identificar como uma única nação e identidade dominado pelo grupo crioulo.

Augel (2007) conta que:

As relações interétnicas são hoje em dia pacíficas, constatando-se um vínculo em geral positivo e interligando os vários grupos num sistema social englobante, controlado por um sistema estatal dominado pelo grupo, crioulo da capital, embora haja espaço para a diversidade cultural, sobretudo no que diz respeito às atividades religiosas e doméstica. Diferenças culturais persistem em harmonia. Há uma complementaridade relativa e certos traços culturais, por exemplo, por um lado, entre os Fulas, os Mandingas, os Biafadas, e os Nalus etnias muçulmanas; e, de outra parte entre os Papel, os Mancanha, e os Manjaco e até certo ponto os Balanta. (AUGEL, 2007, p.78).

Vale ressaltar que a diversidade étnica, na sociedade guineense, possui uma ampla variedade linguística. Uma vez que as variedades das línguas também se encontram no mesmo grupo étnico de setores diferentes. Como, por exemplo, dentro da etnia manjaco, cuja denominação é comum, mas a cultura e pronúncia linguística diferem-se uma das outras; o mesmo acontece em outras etnias. Mesmo assim, os grupos étnicos conseguiram articular em conjunto e compreenderam-se umas das outras. As línguas mais faladas seriam em número de dez, destacando-se:

[...] o balanta (estimando-se a existência de 245.000 falantes), o fula (estimativa de 200.000 falantes), o mandinga (100.000), o manjaco (80.000), o papel (72. 000), o beafada (20.000), o bijagó (100.000), o mancanha (19.000), o felupe (15.000), o nalu (4.000), sendo todas essas cifras apenas estimativas. (AUGEL, 2007, p.78).

Através dessa estimativa da Augel (2007), verificou-se que, dentro das organizações étnicas, existem várias línguas faladas pelos grupos étnicos, mas a sua consolidação é pouco dentro da capital e é mais falado nas regiões do país. O crioulo é uma das línguas mais faladas pelos habitantes da capital, quase noventa por cento da população fala devido a sua importância da resistência colonial e da união entre os grupos étnicos, embora não seja uma língua oficial do país.

Os linguistas definem os crioulos como um sistema linguístico em que o léxico é tomado na sua maioria de empréstimos da língua base, a língua do dominador e as estruturas são resultantes dos abstratos das línguas africanas. Foi no contato de português com as línguas étnicas mais carente naquele território que nasceu e se desenvolveu o crioulo guineense e acabou se tornando a língua da unidade nacional. (AUGEL, 2007, p.84).

A língua crioula da Guiné-Bissau nasceu num contato comercial e político entre os portugueses e os grupos étnicos na costa da Guiné no período da expansão do colonialismo europeu; vale frisar que, no período antes da chegada dos portugueses, a organização étnica, na costa da Guiné, possuía uma comunicação multilíngue, uma vez que, na tentativa de compreensão entre as línguas étnicas e o português, surgiu a língua crioula. Crioulo é uma língua mestiça com o português, que, hoje em dia, é falado pela maioria dos habitantes da Guiné-Bissau.

O procedimento metodológico desta pesquisa foi mediante análise das fontes bibliográficas e pesquisa de campo virtual nas redes sociais da seguinte forma: em primeiro momento, fizemos levantamentos e revisões bibliográficas dos textos, livros, artigos, dissertações e teses. Pesquisa dos textos da Revista Soronda, vinculada ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP) da Guiné-Bissau, que fornece os materiais importantes sobre assuntos culturais, políticos e socioeconômicos do país. Em segundo momento, fizemos pesquisa de campo virtual na qual coletamos vários vídeos, *lives* e notícias nas redes sociais, bem como nas diversas fontes eletrônicas do país, as quais contribuíram para o desenvolvimento do objeto desta dissertação.

Atento o leitor: usamos itálico nesta escrita para diferenciar as falas dos interlocutores e trazer, para o texto, as afirmações sobre as diferentes formas de fazer o *tribalismo* na relação social e política guineense que estão envolvidos. Quando escrevo, por exemplo, *o tribalismo não é só se faz na política, mas também se faz na relação social guineense no dia a dia*, não sou eu que faço essa afirmação, são eles que interpretam diferentes práticas do *tribalismo* dessa maneira.

Construí minhas análises a partir dessas formulações que constitui a principal teoria empregada nesta dissertação, uma teoria etnográfica, colocada em paralelo a teorias e formulações antropológicas, considerando, para isso, as minhas traduções da língua crioula para a língua portuguesa.

O texto se organiza em três capítulos, além da introdução e da conclusão: o primeiro capítulo pretende analisar os caminhos percorridos para a construção desta dissertação através da pesquisa etnográfica nas redes sociais em tempos da pandemia do Covid-19. Destacamos a minha experiência na definição do objeto ao trazer a categoria discursos étnicos como objeto de estudo e categoria *tribalismo* como conceito definido durante o percurso da pesquisa nas redes sociais, como também analisar os desafios da construção metodológica.

O segundo capítulo explora as diferentes formas de fazer o *tribalismo* na relação social e política guineense em suas várias formas de interpretação pelo povo guineense. Explica

também a prática do *tribalismo* na relação social guineense como um *tabu* e se torna *visível* nos períodos das eleições que culminam com conflitos e divisões étnicas.

O terceiro capítulo tenta explorar as formas de uso da categoria *tribalismo*, fomentado pelos políticos e militantes nas eleições de 2019-2020; para isso, trazemos para análise a questão do civismo, *tribalismo* e insurreição dos discursos de ódio conforme foram definidos nos vídeos, *lives* e notícias nas redes sociais.

Em seguida, analisamos a expressão Viva Escola *vs* Escola *ika nada* e língua portuguesa *versus* língua portuguesa. As expressões viralizaram nas redes sociais no momento das campanhas eleitorais e do debate político, trazendo várias problemáticas e discussões entre as pessoas nas redes sociais.

E, por último, analisa os usos dos símbolos visuais, étnicos e religiosos pelos políticos nos pleitos eleitorais de 2019-2020.

2 BREVE HISTÓRICO SOBRE OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DA DISSERTAÇÃO

O presente capítulo tem por objetivo apresentar os caminhos percorridos para a construção desta dissertação, destacando a minha experiência etnográfica em pesquisa nas redes sociais em tempos da pandemia do Covid-19, como também das abordagens metodológicas ao trazer a categoria discursos étnicos como objeto de estudo e categoria *tribalismo* como conceito definido durante o percurso da pesquisa nas redes sociais.

2.1 Pergunta e definição de objeto

Ao iniciar meu estudo no Programa Associado de Pós-graduação em Antropologia na Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) e Universidade Federal do Ceará (UFC), em agosto de 2019, tinha um propósito de falar sobre o *tribalismo* nos processos eleitorais na Guiné-Bissau para responder aos seguintes questionamentos: como o *tribalismo* se opera na relação social e política guineense? O que é o *tribalismo* na concepção dos guineenses? Assim, essas são as questões centrais desta pesquisa que responderei ao longo do texto.

Nesse sentido, o meu interesse de realizar pesquisa sobre o *tribalismo* na Guiné-Bissau, parte de uma temática que sempre traz desconfortos na sociedade guineense, é uma decisão tomada para contribuir academicamente para a melhor compreensão ou desconstrução dessas categorias.

Ademais, o meu percurso na inserção das disciplinas de graduação e Mestrado, leituras e discussões em sala de aulas sobre a temática etnicidade e política, fez-me ainda interessar mais por assunto, como também na carência desses estudos na Guiné-Bissau.

Para a melhor compreensão do conceito *tribalismo*, faz-se necessário recorrer a alguns teóricos como Amselle e M'bokolo (2014) e Mafeje (1971) para nos ajudar a ter uma discussão sólida sobre a temática proposta.

Em outras palavras, a escolha desse tema se baseia na compreensão dos impactos do *tribalismo* usados pelos políticos nos pleitos eleitorais, assim como também nas relações interétnicas, que, muitas das vezes, traz divisões, ódio e conflitos entre o povo guineense.

2.2 *Tribalismo* como categoria presente e usada na Guiné-Bissau

Passei toda a minha infância e adolescência em Bissau, usando o termo *tribo* e *raça* para referir-me à minha própria identidade e ao meu grupo étnico. Durante o meu percurso académico e a minha inserção no curso de Humanidades e Antropologia, questioneei-me seriamente o uso desse termo que é tanto usado na Guiné-Bissau e principalmente nos períodos eleitorais.

Quando comecei pesquisando sobre *tribalismo* na Guiné-Bissau, nos espaços interativos das redes sociais, imaginava que esse termo já não é usado pela população guineense para referir-se a um grupo social de acordo com a minha visão académica e por todos esses anos que estou vivendo no Brasil, na Unilab, e as mudanças que o mundo vem se enfrentando sobre a desconstrução de uso de alguns tipos de conceito pejorativo sobre um ser humano ou um grupo social.

No início da eleição de 2019, vi uma postagem da Rádio Jovem da Guiné-Bissau falando sobre a entrevista do presidente 1, alegando que *os políticos não queremos ouvir nenhum discurso sobre tribo, nessa eleição de 2019, vamos protestar qualquer tipo de discurso ligado a tribo, não há tribalismo somos todos unidos e filho de um país Guiné-Bissau*, disse ele.

Nessa postagem, analisei a fala e entendi que o termo *tribo/tribalismo* é usado até hoje na sociedade guineense para referir-se a um grupo social. Porém, minha intenção mudou ao longo da pesquisa e entendi que a categoria *tribalismo* é um termo muito usado pelos guineenses no período da eleição, mesmo com tantas visões desconstrutivas causadas pelo efeito do colonialismo no mundo.

De acordo com a minha observação do campo, pude entender que esse conceito não se aplica somente à divergência e nem para defender a unidade nacional, mas os guineenses usam o termo *tribo/al* para referir-se a um grupo social, associando o prefixo *ismo* como divisão. *Tribo/al* = Grupo/Pessoas- *ismo* = Conflito, divisão ódio, diferença e discriminação.

Para Figueiredo (2012), o termo *tribo/tribalismo* é introduzido como conceito antropológico que foi desenvolvido nos meados do século XIX e que corresponde ao início da consolidação da disciplina antropológica. Uma vez que a ideia da *tribo* era caracterizada no segundo estágio "barbárie", sucedendo o "primitivo" do estágio da "selvageria" e antecedeu o termo etnia e Estado, foram associados como sinônimos que adquiriu diferentes significados ao longo do tempo, mas que correspondem à mesma designação.

Nesse sentido, Figueiredo (2012) acrescenta que o termo *tribo* é o sinônimo do Estado, identidade política e civilização. A *tribo* era definida como forma de organização social dos povos segmentados em grupos de parentesco menores em que cada um formava-se um “clã” ou *jénos*.

Lembrando que os grupos étnicos da Guiné-Bissau se organizam em termos de clãs e parentes povoados em um ou mais territórios cuja coletividade deriva das misturas de casamentos que estabelece os laços de parentesco entre diferentes etnias, como dizem os meus interlocutores: *os guineenses são conjuntos de entrelaces*. Ao longo do tempo, o surgimento do Estado-nação permitiu a homogeneidade de todos os grupos étnicos e se insiram numa só identidade, cultura e nação guineense, considerando, para isso, com a abertura político-democrática, o termo *tribo* passou a ser associado ao de *tribalismo* devido a vários problemas de fundamentação dos discursos étnicos que acontecem nos períodos eleitorais. Figueiredo aponta que:

[...] a “tribo” que supostamente estava em todo lugar. Em especial, a noção corrente de que a mera existência de “tribos” explicava o “tribalismo” nos novos Estados africanos começou a ser contestada, inaugurando na África a noção de etnicidade como um recurso mobilizável por atores políticos, e não como um mal atávico’ (FIGUEIREDO, 2012, p.58).

Por outro lado, nas palavras de Figueiredo, a “tribo como categoria principal de descrição das sociedades que habitavam o mundo extra ocidental tenha correspondido ao soergimento da nação enquanto categoria política na qual a suposta superioridade evolutiva europeia se incarnava” (FIGUEIREDO, 2012, p. 56).

Nessa perspectiva, esse termo continua se perpetuando nos países colonizados e, principalmente, na sociedade guineense, uma vez que, ao longo da fala dos meus interlocutores, percebi que a categoria *tribo*, na sociedade guineense, é associado ao do termo *raça* e, esses dois termos são usados para designar e identificar um grupo social e, principalmente, quando se fala nos discursos políticos, nos pleitos eleitorais, a *tribo/tribalismo* se torna o termo usado com mais frequência para sua identificação.

Na perspectiva de Mafeje (1971), a *tribo/tribalismo* é uma representação exógena que foi trazida para explicar o modo de vida dos africanos - os antropólogos ajudaram a transformar esse termo numa noção científica para designar “povos isolados”.

Percebe-se que os guineenses são parte dessa representação exógena, considerados como povos isolados pelas suas características culturais diferentes. São invisibilizados dos seus conhecimentos endógenos, de suas histórias de colonialismo, que faz com que, muitas das vezes, escapam de questionar sua origem, sua ancestralidade por motivo de dominação das

categorias ideológicas que lhes são movidos para não reconhecer seus valores enquanto povo diferente. Essa categoria exógena do *tribalismo* constitui uma referência constante do nosso sistema de ensino. Como afirma Mafeje (1971):

A noção de tribalismo é (...) o exemplo mais emblemático do que ele chama de (ab-)uso de categorias exógenas para classificar as sociedades africanas de acordo com ideologias coloniais. O “tribal”, ao lado do “primitivo”, é referência constante da antropologia. Até hoje, como podemos ver no episódio há pouco narrado, em cursos de introdução e formação em antropologia (nos níveis de graduação e também pós-graduação), os textos considerados “clássicos” continuam a ser lidos e estudados muitas vezes sem a discussão necessária sobre os sentidos de tais termos. (MAFEJE, 1971, p. 352).

Por esse motivo, segundo meus interlocutores manifestaram, encontram-se aí as suas insatisfações pela falta de conhecimento histórico sobre alguns discursos pejorativos dirigidos aos grupos étnicos da Guiné-Bissau na eleição de 2019-2020. Isso porque o sistema de ensino guineense não permite estudar suas origens e ancestralidades, por isso que as populações, às vezes, acabam por cometer certos equívocos no que tange às questões étnicas no país.

Como aconteceu no vídeo de Mário, quando foi anunciado que o presidente USE foi eleito como presidente e cometeu um equívoco no seu vídeo alegando que os Fulas não são originários da Guiné-Bissau, motivo que o presidente USE não pode assumir o poder no país. Esse vídeo repercutiu na sociedade guineense e os meus interlocutores mandaram o recado na rede social para o Mário, militante do presidente DSP, para estudar a História da Guiné-Bissau e entender as origens de cada grupo étnico.

Historicamente, o modelo da política educacional guineense foi baseado no modelo deixado pela administração colonial, que produziu a exclusão social, a discriminação e o preconceito racial de determinados grupos étnicos e na categorização desses. Portanto, tivemos uma formação eurocêntrica, racista, machista e preconceituosa que exclui e reforça essa linha de divisão étnica, com a categorização de classes para manter a hegemonia cultural branca, com criação do estatuto de indigenato, assimilados e outros, baseada na falsa ideia de que existem povos culturalmente superiores e povos culturalmente inferiores.

Lembrando que, em alguns países Africanos e principalmente na Guiné-Bissau, a Antropologia pós-moderna, que permite desconstruir certos equívocos do passado, não se aplica como disciplina e muito menos ter um profissional formado nessa área; assim como o sistema de ensino guineense ainda está totalmente universalizado pelo conhecimento europeu que, muitas das vezes, impõe a um/a africano(a) a escapar de conhecer sua origem e sua

ancestralidade voltado a um tipo de conhecimento endógeno. Porém, o próprio africano ainda fala a mesma língua com os colonizadores. Mafeje confirma que:

Em muitas instâncias as autoridades coloniais ajudaram a criar as coisas chamadas “tribos”, no sentido de comunidades políticas; este processo coincidiu com e foi auxiliado pela preocupação dos antropólogos com “tribos”. Isto forneceu a base material, como também a ideológica, do que agora é chamado “tribalismo”. Não é de surpreender, portanto, que o africano moderno, que é um produto do colonialismo, fale a mesma linguagem (MAFEJE, 1971: 254).

Nesse sentido, de acordo com Mafeje, alegou-se que algumas conotações ideológicas subjetivas podem ser combatidas com a mudança radical do nosso sistema de ensino em África, bem como a formação dos antropólogos contemporâneos africanos em massa para que eles passem a ser protagonistas dos seus próprios conhecimentos, conforme afirma Hountondji (2009) e a classificação de suas identidades, como afirmam os meus interlocutores que assim destacam: *é importante estudar nossa história e nossa origem e a nossa cultura*, isso ajuda na desconstrução de usos de certos termos divisionistas na sociedade guineense.

Em outras palavras, Mafeje classifica o *tribalismo* como um fenômeno enraizado no racismo biológico e trazido para diferenciar os povos no mundo, contudo, muitas das vezes, recai-se numa perspectiva de divisão e exclusão de outros povos como humanos e não humanos, se assim considerarmos questões que envolvem cor da pele e sua cosmovisão. Porém, essa classificação de *raça* e *tribalismo* vai além do termo biológico, mas sim os meus interlocutores classificam a *tribo* e *raça* para identificar um grupo e *tribalismo* para ferir a divisão étnica.

Essa diferenciação *racial*, do *tribo* e *tribalismo* na relação social guineense, não se aplica no termo biológico da cor da pele; para os meus interlocutores, muitas das vezes, aplica-se numa divisão e diferenciação das pessoas vindo do interior em relação àquelas que vivem o centro da cidade; muitas das vezes, os guineenses, que vivem no centro da cidade, acham que são superiores aos guineenses que residem na região do país; assim como também essas pessoas são discriminados por não saber falar crioulo nem português, assim como por causa dos seus *sotaques linguísticos*, dentre outros aspectos relacionados ao *tribalismo* nas relações sociais guineense.

Na perspectiva de Amselle e M'bokolo (2014), o *tribalismo* é uma teoria criada para “dividir e conquistar”, uma vez que “o principal fenômeno de colonização é a instauração de novas divisões territoriais “círculos”, “distritos”, “territórios” (AMSELLE e M'BOKOLO, 2014, p.47); dividiram os pequenos espaços sociais e construíram-se em várias “raças”, “tribos” e “etnias”, acabando com as unidades sociais dos grupos e desarticularam suas relações e colocaram isolados cada grupo social nos seus territórios específicos.

Porém, de acordo com os meus interlocutores, pude observar que a homogeneização territorial étnica ainda existe na Guiné-Bissau, porque, numa aldeia, ou seja, ou em uma determinada região, não se vive somente uma etnia, mas sim haverá a existência de uma ou mais etnias em um mesmo território, independentemente da sua denominação localizada por uma etnia pertencente.

Em outras palavras, de acordo com as minhas observações, a unidade étnica ainda é preservada em alguns aspectos e circunstâncias, uma vez que o casamento tem essa potência de fortalecimento da relação ética, de solidariedade e tolerância religiosa através da mistura e entrelace construídos por laços familiares de diferentes etnias.

Para Amselle e M'bokolo (2014), o termo nação era equivalente ao de *tribo* e essas especificações suscitam um problema relacionado ao período histórico de colonialismo e neocolonialismo associado a uma nação específica. Nessa perspectiva, entende-se que o termo *tribo* possui sua transformação em períodos diferentes, uma vez que, com aparecimento de novos Estados nacionais, a palavra *tribo* é associada ao *tribalismo*, adquirido numa estrutura política nacional e internacional.

Por outro lado, o termo *tribo* é usado pelos dominantes para diferenciar as sociedades primitivas e as classificações das suas estruturas de vida, assim como de organização que se insere numa perspectiva de manipular e mudar a forma de ver o mundo dos nativos. E, em Estados modernos da África, o *tribalismo* se insere num sentido totalmente político de acusações, manipulação dos votos, ódio, diferença, divisão e conquistas do poder.

Como Afirma Amselle e M'bokolo:

[...] “tribalismo moderno” apresenta-se como um sistema de elementos significantes que é objeto de manipulação tanto por parte dos dominantes e quanto dos dominados no seio de um espaço nacional ou internacional; constitui também um meio de definição social e um sistema de classificação que atribui a cada um no seu lugar no interior de uma estrutura política definida. (AMSELLE e M'BOKOLO, 2014 p. 26).

Nesse sentido, essa citação se justifica por tudo que observei no campo de pesquisa, uma vez que, para os meus interlocutores, que definiram a prática do *tribalismo* na relação social e política guineenses, o *tribalismo* que se fez na relação social é associado, em algumas categorias históricas coloniais e criados por dominantes, para diferenciar as sociedades africanas dos povos mais evoluídos, cuja classificação recai nas ações e comportamentos avaliados entre as populações que vivem na cidade em detrimento daquelas que vivem na aldeia e que são mais apegados às suas culturas tradicionais e suas línguas.

Os meus interlocutores chamam isso de *tabu de tribalismo* cuja consequência social de conflitos e divisão é verificada nos pleitos eleitorais através das promessas e manipulação dos partidos políticos com objetivo de chegar ao poder.

Como sujeito dessa pesquisa, não me senti tão surpreendido com o uso dessa categoria pelo povo guineense e por ser também um assunto que não é questionado no sistema do ensino guineense. Assim, o uso dessa categoria *raça/tribo* é muito frequente nos discursos do dia a dia nas relações sociais guineenses, uma vez que a convivência das populações se insere na diversidade étnica que rodeia a sociedade guineense e o termo *raça e tribo* são as formas de identificar um grupo social.

A categoria *tribalismo* é muito usada nos períodos eleitorais e, durante esse período, a massa popular questiona muito sobre o uso dessa categoria nos discursos políticos. O *tribalismo* é usado em todas as ocasiões nos períodos eleitorais, seja nos bairros, pelos mais velhos, jovens, nas redes sociais, nos programas radiofônicos, em canais oficiais de TV, nas escolas, nas instituições, bem como nas sedes partidárias; o *tribalismo* é usado para defender a unidade nacional e como também estimular as acusações e rivalidades entre políticos e os militantes, como já observei em alguns vídeos nas redes sociais.

Antes do início da pesquisa, nota-se como os políticos aproveitam dessa problemática, nos períodos eleitorais, com os discursos de pertencimento étnico para dividir o povo e conquistar os votos. A partir desse ponto de vista, percebe-se que essa questão se reflete mais em dois momentos na sociedade guineense: primeiro, nos períodos eleitorais, momentos em que o país se confronta com as decisões políticas para escolha dos representantes do povo durante cinco anos de governo. Nesse momento, os políticos procuram fazer *promessas* com os bens materiais e dinheiro para conquistar mais militantes e fomentar acusações e discurso *tribalista* no sentido de incentivar os votos ao seu grupo étnico, com objetivo de chegar ao poder. O segundo momento se verifica nas palavras fortes dirigidas a um indivíduo para com outro que, às vezes, geram o *tribalismo*, contudo, de uma forma simples e que não gera conflitos, divisão e ódio, que acontece no dia a dia entre as populações de diferentes etnias.

2.3. O percurso metodológico virtual

O percurso metodológico utilizado nesta dissertação foi muito significativo e desafiante, pois, durante minha investigação, foi justamente no período que a eleição presidencial de 2019 estava acontecendo na Guiné-Bissau.

No momento, a pandemia de covid-19 ainda não havia começado, assim eu simplesmente estava acompanhando as campanhas eleitorais e captando as informações das eleições através das redes sociais para fortalecer minha ideia no projeto de pesquisa, mas sempre com a proposta de fazer pesquisa de campo presencial em Guiné-Bissau e ter a interação com o povo, bem como entrevistar as pessoas para entender como o *tribalismo* se opera na relação social e política guineense, assim como é proposto pelo pai da etnografia Malinowski (1978), o qual preleciona que o trabalho de campo presencial permite um resultado mais claro e objetivo.

Porém, devido à pandemia do covid-19, não foi possível fazer a interação com o campo físico e realizar as entrevistas com as populações, coletar os dados nas instituições eleitorais, ouvir os candidatos de diferentes formações partidárias, ouvir os indivíduos de diferentes identidades, uma vez que a pesquisa de campo é muito importante, porque ajuda o pesquisador a ter contato direto com o nativo pesquisado e entender melhor o seu objeto de pesquisa.

Nesse sentido, o avanço tecnológico, que a covid-19 trouxe para o mundo, permitiu novas formas de interação, sendo a *internet* a forma utilizada “como ferramenta de busca de informações, de natureza acadêmica, para a produção de textos científicos, ou mesmo para realização de estudos etnográficos, de comunidades presentes nas redes sociais” (FERRO, 2015, p. 05).

Em outras palavras, a etnografia virtual passou a ganhar mais força nesse período, uma vez que é o único método científico utilizado para observar comunidades culturais presentes nas redes sociais sem uma localização fixa, em que o indivíduo fica ativo para compartilhar algumas das preocupações, emoções e compromisso dos sujeitos pesquisados. Como explica Sousa (2020).

No período da pandemia, novas relações afetivas e profissionais foram criadas e ressignificadas, muitas pessoas passaram a trabalhar remotamente; famílias passaram a conviver cotidianamente com vários conflitos; pessoas ficaram afastadas de entes queridos para se proteger e proteger o outro; muitos continuaram nas suas atividades por serem essenciais, por não terem outra opção para se manter ou mesmo por não acreditarem que o vírus é real. Enfim, é uma nova realidade que se apresenta. Mas, e a escola? Quais os impactos da pandemia na educação? E os professores e professoras, que, como quaisquer outros cidadãos, passam por todas estas dificuldades, como estão vivenciando esta nova realidade? Quais os impactos e desafios da quarentena para escolas, estudantes e professores? (SOUZA, 2020, p. 02).

Percebe-se que a covid-19 trouxe grande impacto na educação e os (as) professores(as) e alunos(as) vivenciaram um momento conturbado no sistema de produção

científica. Durante a pandemia, as escolas e as universidades tiveram que cancelar suas atividades por medo de contato e contágio com os vírus.

Nesse sentido, em julho de 2020, o Ministério da educação do Brasil decidiu implementar o ensino remoto para salvar uma parte do ano letivo em meio à pandemia, cujas dificuldades para adotar o novo modelo do ensino remoto foram enormes para dar continuidade às aulas e outras pesquisas extra de campo. Uma vez que muitos alunos (as) não possuem as condições necessárias para o acesso à educação como *internet*, computador e celular, assim como também existe a dificuldade em assistir aulas no ambiente familiar, o que se configurou como algo impactante para o sistema de ensino.

Em outras palavras, os alunos de graduação e pós-graduação também tiveram o seu impacto na pesquisa de campo. O distanciamento social não permite a realização de trabalho de campo, nem como fazer a observação participante, visto que as atividades nas comunidades, nos bairros e nas cidades foram canceladas para não promover aglomeração e evitar a contaminação pelo vírus.

Nessa senda, com o avanço tecnológico, surgiram consideráveis alternativas que nos ajudaram a realizar pesquisas. A tecnologia nos impôs a viver uma nova relação social e estar “mais próximo” dos outros, mesmo estando no isolamento.

Durante esse período, as atividades, eventos, palestras e rodas de conversa foram retomadas por meio das redes sociais, vídeos aulas, *lives*, em que os assuntos sociais, culturais e políticos estão sendo repassados para o mundo inteiro.

Os guineenses não se escaparam dessa nova conjuntura da convivência social, digital e educativa. Com esses fatores que a pandemia nos ofereceu no momento, acabamos por mudar a nossa intenção metodológica para fazer a pesquisa bibliográfica e também observar os acontecimentos das eleições nas redes sociais que, hoje em dia, são meios muito importantes para colher as informações sobre determinados assuntos relacionados aos problemas culturais e sociopolíticos do país, uma vez que “a internet não possui ferramentas de avaliação de veracidade, análise de conteúdo ou qualquer instrumento que garanta a qualidade daquilo que é publicado”. (FERRO, 2015, p. 05).

Sendo assim, os guineenses sempre trazem os debates sobre o país para debater nas redes sociais e procurarem os problemas e as causas de cada assunto que impactaram as relações sociais e políticas de diferentes grupos sociais na Guiné-Bissau, assim, foi através disso que houve a possibilidade de realizar o meu campo e obter os resultados esperados desta pesquisa.

A partir de dezembro de 2019 até janeiro de 2021, exceto o período de cancelamento do calendário acadêmico causado pelo covid-19 em março de 2020, deu-se início à coleta dos dados no *Facebook* e outras plataformas de redes sociais.

Primeiro coletamos todos os vídeos, *lives* e notícias. Em um segundo momento, organizamos os materiais de acordo com o período em que cada vídeo, *lives* e notícias foram gravados, começando por 2018, 2019 e 2020, procedendo com a escuta e a transcrição dos dados coletados para avaliar os assuntos relacionados ao *tribalismo* na eleição de 2019-2020.

No primeiro momento da pesquisa de campo, procuramos vídeos, *lives* e notícias nas plataformas sociais, cujas abordagens são ligadas ao *tribalismo* para coletas e anotações dos dados no diário de campo.

No segundo momento, fizemos a transcrição das fontes anotadas no diário de campo para o computador, no qual passei horas e dias debruçada em cima da mesa para ser mais fiel possível às fontes obtidas durante a pesquisa na rede social. Lembrando que os vídeos e as notícias, pelo fato de serem públicos, merecem uma atenção especial nas horas de fazer análise pelo pesquisador (a) e evitar equívoco, buscando manter a originalidade das palavras e não acrescentar nada.

Durante a pesquisa na rede social, encontrei várias dificuldades em termos de análise dos dados de *lives*, vídeos e notícias. Como é uma pesquisa pública, às vezes, entro na página para conferir a notícia e rever os vídeos e vi que alguns foram excluídos da página pelo interlocutor. Por esse motivo, não analisei algumas informações importantes para minha pesquisa devido à falta de anotações. Nesse sentido, é importante ouvir e anotar os vídeos logo que o pesquisador encontrou o material, antes de ser excluído na página e evitar a perda das fontes importantes para a nossa pesquisa.

2.4 Experiência na pesquisa etnográfica nas redes sociais e perfil dos meus interlocutores

Minha experiência na pesquisa em rede social me trouxe uma nova percepção sobre etnografia. Assim, a observação física no campo e a participação virtual possui uma diferença que deve ser considerada. Sendo assim, a pesquisa virtual permite uma interação à distância com os seus interlocutores, em que o assunto é discutido em vídeos de notícias e transmissão direta no *Facebook*, *Instagram*, dentre outros meios de comunicação social.

Outro fato é que os pesquisadores, às vezes, não conhecem os seus interlocutores e nem fazem a negociação da pesquisa e contatos para terem acesso à informação. Contudo, deve-se levar em conta que os debates feitos nas redes sociais são acessíveis para todo mundo, sendo

que não é uma informação fechada que precisa de uma negociação com os nativos por motivo da ética de pesquisa e possíveis problemas na publicação da etnografia. Esses vídeos são gravados e ficam na página dos interlocutores para quem quiser acessar, ouvir e fazer suas análises depois.

Ao meu ver, isso fica claro que os pesquisadores de rede social têm que tomar certos cuidados em termos de analisar os vídeos e assuntos colhidos por meios virtuais para evitar equívoco na publicação da etnografia. Lembrando que nem todos os assuntos discutidos na rede social podem ser úteis para a nossa pesquisa.

Note-se que existe uma diferença entre a observação virtual não participante e observação física participante. A diferença é que a observação participante exige contatos e negociação do acesso à informação com interlocutores e como também ter alguém que irá te auxiliar na comunidade direcionando os contatos com seus sujeitos de pesquisa. A pesquisa virtual nas redes sociais não possui esse aspecto. Porém, depende do assunto de cada pesquisa, e como as informações de vídeos publicados, notícias e transmissão ao vivo que ocorrem de uma forma rápida que nem precisa da negociação e interação.

Em outras circunstâncias da pesquisa virtual, acontece a negociação e diversas entrevistas para os assuntos que não foram debatidos na rede social. Isso pode possibilitar o contato virtual direto e também a negociação que ocorre entre o pesquisador e o pesquisado através das mensagens enviadas por meios eletrônicos das redes sociais.

Dessa forma, a análise dos dados obtidos, tanto na observação virtual como física, possuem o mesmo peso. Uma vez que a escrita nos trouxe um desafio constante em termos de coletar os dados obtidos no campo para a nossa etnografia. Assim, percebe-se que o campo e a escrita possuem a diferença uma vez que o campo é outro e a escrita também é outro, os dois têm duas alternâncias nesses dois espaços (STRATHERN, 2014). Portanto, nota-se que a escrita se torna no sentido imaginativo e criativo e também é um segundo campo.

A minha experiência, durante a observação no campo virtual e a minha vivência sobre a realidade socioeconômica e tecnológica na Guiné-Bissau, fez-me perceber que, mesmo com o avanço tecnológico que o mundo apresenta, Guiné-Bissau é um dos países que ainda não possui fácil acesso aos instrumentos tecnológicos de comunicação digital, visto que o uso da tecnologia e acesso às redes sociais custa muito caro, por isso, nem todos têm acesso à *internet* e, conseqüentemente, uso das redes sociais.

Por esse e outros motivos, o uso da *internet* possui mais frequência dentro da capital, Bissau, o que nem todos também possuem condições financeiras para custear mensalmente a *internet* em suas residências por ser uma ferramenta para poucos ainda.

Nessa perspectiva, durante minha observação de campo, percebi que as pessoas que fazem *lives*, postam notícias, vídeos e eventos nas redes sociais são pessoas que estão vivendo na diáspora. Entre eles, a comunidade acadêmica no Brasil, Portugal e outros países onde não existe o problema de acesso à *internet*, instigando debates sobre a situação política e socioeconômica do país, que, muitas das vezes, acaba com insultos, ódios e discurso de *tribalismo* contra um determinado grupo social.

2.5 Diário de campo

- De dezembro de 2019 a janeiro de 2021.

De dezembro de 2019 a Janeiro de 2020, ocorreram as últimas eleições na Guiné-Bissau, disputada por doze candidatos e os mais destacados são: Domingos Simões Pereira, presidente do partido P.A.I.G.C (Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo-verde); e Umaro Sissoco Embaló, presidente do partido Madem G15 (Movimento para Alternância Democrática); são partidos com mais militantes na campanha eleitoral e disputaram a segundo turno da eleição de 2019-2020 no qual o Umaro Sissoco Embaló saiu como vencedor dessa eleição.

Nesse sentido, tive a oportunidade de observar, em trabalho de campo nas redes sociais, a evolução do processo eleitoral na Guiné-Bissau e de acompanhar diversas *lives*, notícias, vídeos e publicações no *Facebook* com os usos e repetições da palavra *tribalismo* que se tornou o objeto desta pesquisa, culminando com a procura de entender e descrever a noção do *tribalismo* na concepção guineense, ou melhor, o que os guineenses chamam e entendem por *tribalismo*, considerando que a palavra *tribo/tribalismo* é uma narrativa frequentemente usada pelas populações guineenses nos períodos eleitorais para defender a unidade étnica.

Entretanto, quando o período eleitoral se aproxima na Guiné-Bissau, muitos começam a falar do *tribalismo* apelando às populações para pensar e refletir no presidente que possa trazer a paz, progresso, desenvolvimento e concórdia nacional para todas as populações guineenses.

Assim, em 2018, foi anunciado o começo de candidatura para as próximas eleições presidenciais e legislativas na Guiné-Bissau para 2019/2020. A partir desse momento, as populações começaram a fazer *lives*, notícias de jornais, TV e Rádio da Guiné-Bissau, gravando vídeos e trazendo as discussões sobre a prática de *tribalismo* no país, fazendo as sensibilizações para as populações ficarem ciente dessa prática do *tribalismo* no decorrer dos pleitos eleitorais.

Foi, nesse sentido, que encontrei as *lives*, notícias e vídeos compartilhados no *Facebook* falando do *tribalismo*, quando, então, comecei a fazer coletas dos materiais e anotações de campo para entender esse conceito na percepção guineense.

Na análise dos materiais, observando *lives* de acordo com o ano, começando a análise do vídeo de 2018 até 2020. Primeiro, observamos a *live*¹² do dia 08 de abril de 2018 de uma cidadã guineense residente na França, cujo nome é Joana, a qual abordava o tema: *Há ou não o tribalismo na Guiné-Bissau? Os nossos irmãos capacitados são ou não discriminados pelo seu sotaque?* De acordo com ela, o *tribalismo* é um tema *tabu* que, às vezes, *ninguém fala, mas na realidade existe*. Essa *live* teve a participação de muitas pessoas e analisei somente a conversa de seis participantes que entraram na *live* e deram suas opiniões públicas sobre o tema.

Em seguida, observamos a notícia¹³ do dia 02 de novembro de 2018, cujo conteúdo era uma entrevista do presidente 1 do Partido de Renovação Social (PRS) na rádio Jovem da Guiné-Bissau, notícia anunciada na página do *Facebook*. Presidente 1 apela para civismo aos partidos políticos guineenses para fazerem uma campanha eleitoral sem ataques pessoais. Alegou que *o tribalismo na Guiné-Bissau é fomentado por certos políticos, mas na realidade não existe. Os políticos fomentam esse assunto quando querem conquistar o voto de um determinado grupo étnico, sobretudo nas eleições*, disse o presidente 1. Para ele, no período da luta pela independência da Guiné-Bissau, não existia *tribalismo*. *Se houvesse tribalismo, não haveria aquela conjunção de etnias na luta contra o colonialismo português*. Em outras palavras apontou que, *nas tabancas (aldeias) há mistura de várias etnias e não se pode confundir o tribalismo com solidariedades étnicas*, concluiu.

Por conseguinte, observamos notícia¹⁴ do dia 11 de dezembro de 2019 na entrevista do Presidente 2 à Rádio Jovem Bissau, anunciada na página do *Facebook*. Nessa entrevista, o Presidente 2 afirmou que, *caso o Umaro Sissoco Embaló fosse eleito como presidente da república, não haveria espaço para tribalismo e sectarismo na Guiné-Bissau*. De acordo com ele, as populações e todos os apoiantes de seu partido estão convictos que, com Umaro Sissoco Embaló na presidência, a Guiné-Bissau terá um futuro melhor em que não haverá o *tribalismo*,

¹² Vídeo disponível em: <https://www.facebook.com/100001156141430/videos/1638545046194018/>. Acesso em 20 de Janeiro de 2021.

¹³ Informação disponível em <https://m.facebook.com/radiojovembissau/photos/a.216599501753070/1951206314959038/?type=3&source=57>. Acesso em 14 de janeiro de 2021.

¹⁴ Informação disponível em: https://www.radiojovem.info/braima-camara-nao-havera-tribalismo-na-guine-bissau-caso-umaro-sissoco-embalo-for-eleito-presidente-da-republica/?fbclid=IwAR2hfNNZ84Hq_UWQMJ9rwVxrML37hIKt7fpCyBjRZpUPJF1_M6LCRPfB9s. Acesso em 13 de janeiro de 2021.

sectarismo e nem a separação entre os muçulmanos e cristãos. De acordo com ele, o Embalo é um candidato de concórdia nacional com objetivo de unir todos os guineenses.

No dia 27 de dezembro 2019, acompanhei e observei o debate¹⁵ ao vivo da reta final das eleições presidenciais do segundo turno, entre Domingos Simões Pereira e Sissoko Embalo, em Bissau, os dois candidatos a disputarem o segundo turno da eleição - foi um momento tenso de discussão e disputa entre os dois candidatos e seus militantes, assim como um momento que trouxe muitos conflitos e problemáticas nas redes sociais, devido ao uso da língua Crioula e Português nos debates políticos, que também teve outra reação no seio dos militantes e simpatizantes desses candidatos.

Em 07 de agosto de 2020, assisti à *live*¹⁶ do dia, quando foi anunciado que Umaro Sissoco Embaló era o vencedor das eleições contra Domingos Simões Pereira em 2019, que foi suportado pelo maior partido guineense, o PAIGC; alguns simpatizantes do DPS, como por exemplo, o Mário, em Portugal, fez uma transmissão ao vivo no seu *Facebook* alegando que o USE não pode ser presidente na Guiné-Bissau, porque ele não é puro guineense, porque é proveniente da etnia fula, que são pastores e imigrantes segundo a história e que USE pertencia ao Mali¹⁷ e não a Guiné-Bissau, por isso, os fulas não têm direito ao poder no país. Esse vídeo gerou uma repercussão nas redes sociais pelos guineenses e, principalmente, nas populações pertencentes à etnia fula, repudiando esse ato de *tribalismo* dirigido por esse cidadão.

Assisti a outra *live*¹⁸ no dia 11/08/2020, na qual Nando, cidadã guineense de etnia fula, faz críticas severas sobre o vídeo que foi gravado por Mário, fazendo apelo a Mário e, como também a todos os guineenses para deixarem de fazer insultos étnicos, porque isso só traz divisões em vez de união.

Também assistimos o vídeo¹⁹ de um cidadão guineense, chamado Bacar, em Bissau, feito no dia 23 de outubro de 2020 com o tema: *tribalismo versus ignorância*. Ele gravou esse vídeo analisando a manifestação dos militantes de MADEN-G15 na recepção do presidente Umaro Sissoco Embaló, da etnia fula, na sua visita a Lisboa, alegando que houve grande quantidade dos militantes da etnia fula manifestando e cantando em fula e utilizando o Slogan

¹⁵ Informação disponível em: <https://www.facebook.com/obulumcanal/videos/445542273055290/> Acesso em 20 de janeiro de 2021.

¹⁶ Vídeo disponível em: <https://fb.watch/243iOLH2bv/> Acesso em: 10 de agosto de 2020.

¹⁷ É um país africano que faz fronteira com a Guiné-Bissau. Antes da chegada dos portugueses e da conferência de Berlim esse país possuía uma fronteira única com a atual Guiné-Bissau - chamado de costa da Guiné.

¹⁸ Informação disponível em: <https://www.facebook.com/100010919049964/videos/1154738408233450/>. Acesso em 20 de janeiro de 2021.

¹⁹ Informação disponível em: <https://fb.watch/5pDPjhWmS7/>. Acesso em 27 de janeiro de 2021.

(*ancalan ida n'gore ma*"²⁰). Para ele, isso reforça ainda mais que algumas pessoas da etnia fula se usam da questão *tribal* para se promoverem, acirrando as divisões no seio dos guineenses.

A oitava live foi do presidente 03, do Partido da Unidade Nacional (PUN), fez um *live*²¹, em Bissau, no dia 28 de outubro de 2020, apresentando uma análise da situação política da Guiné-Bissau e criticando o mau uso da questão étnica nos pleitos eleitorais, assim como também das pessoas que falam mal da etnia na sociedade guineense. Para presidente 3, *o tribalismo existe na Guiné-Bissau desde a época do Luís Cabral* (primeiro presidente não legítimo da Guiné-Bissau). *Uma vez que Cabral preparava os cabo-verdianos para a administração e os guineenses para lutar*, disse ele. Mas, nas *eleições de 2019-2020*, *o tribalismo foi assumido politicamente e, nessa última eleição, configurou-se como a mais conturbada de todas que já se passaram na Guiné-Bissau, porque a questão tribal foi escancarada de uma forma vergonhosa*, concluiu.

Nono vídeo foi de Braima, no dia 29 de agosto de 2020, fez outro vídeo²² no seu *Facebook* em Bissau, falando do *tribalismo* étnico e religioso, cujo tema foi a *Introdução da língua árabe no sistema do ensino guineense*. Para ele, o presidente Embalo anda a fomentar o *tribalismo* na Guiné-Bissau, uma vez que a língua árabe é uma língua que pertence à religião muçulmana e quer que essa língua seja implementada no sistema do ensino guineense simplesmente porque é a língua da sua origem étnica e religiosa.

Djon, residente no Brasil, estudante da Unilab, mais especificamente no campus dos malês, fez *live*²³, no *Facebook*, no dia 02 de junho de 2020, questionando o *tribalismo* na Guiné-Bissau, cujo tema foi os *Balantas são os culpados?* Para ele, Guiné-Bissau é um país de todos os guineenses. Djon fez essa *live* chamando atenção a todos os cidadãos guineenses que fazem *lives* no *Facebook*, insultando outros grupos étnicos por causa da política. De acordo com Beto, as pessoas fazem *live* falando mal de um político, incluindo todos os pertencentes ao seu grupo étnico.

Antonia, residente no Brasil, no dia 23 de maio de 2020, fez *live*²⁴, apelando sobre o uso de força no poder, falando sobre os acontecimentos de raptos dos políticos e militantes

²⁰ Significa na língua fula gostar de si mesmo.

²¹ Informação disponível em: <https://www.facebook.com/100027961306217/videos/680282632913774/>. Acesso em 20 de janeiro de 2021.

²² Informação disponível em: <https://www.facebook.com/100003905033420/videos/1823098077830342/>. Acesso em 30 de janeiro de 2021.

²³ Informação disponível em: <https://www.facebook.com/100002302623754A/videos/3069601529793238/>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2021.

²⁴ Informação disponível em: <https://www.facebook.com/100001753875673/videos/2976890762379357/>. Acesso em 07 de fevereiro de 2021.

na Guiné-Bissau e considerando-a como ato de *tribalismo*. Para ela, essas pessoas que foram raptadas pertencem a uma etnia, isso pode desencadear guerras étnicas, divisão e ódio. Ela entende que essa cultura de violência e uso de força deve acabar na Guiné-Bissau, visto que os políticos deveriam pensar duas vezes antes de fazerem isso.

Durante a nossa observação das *lives*, vídeos e notícias no *Facebook*, a prática do *tribalismo* foi apresentada como categoria muito usada pelos guineenses, principalmente nos pleitos eleitorais. Nesse sentido, questiona-se o seu uso e impacto deste na divisão, conflito e ódio causado pelos políticos nos períodos eleitorais, assim como também na relação social guineense.

Em outras palavras, busca-se compreender a prática do *tribalismo* na relação social guineense, mas de uma forma que não se crie o divisionismo étnico. Percebe-se, então, que, entre todas as *lives* e notícias, a questão central foi o uso do fomento do *tribalismo* nos pleitos eleitorais e pós-eleitorais como período da sua visibilidade na convivência política guineense.

3 PERCEPÇÃO DA PRÁTICA DO *TRIBALISMO* NAS RELAÇÕES SOCIAIS E POLÍTICA GUINEENSE

O presente capítulo objetiva trazer as narrativas do *tribalismo* nas relações sociais e políticas guineenses, procurando descrever o que os guineenses chamam e entendem sobre a prática de *tribalismo* na Guiné-Bissau. Considerando que os meus interlocutores analisam a prática do *tribalismo* na relação social guineense como um *tabu* e seus discursos tornam-se visíveis nos períodos eleitorais e traz problemas e divisões entre as populações de diferentes grupos étnicos.

3.1 Narrativa do *tribalismo* nas relações sociais guineenses?

Tribalismo é um tabu nas relações sociais guineenses, que ninguém fala, mas na verdade existe e não só na política (Joana, 08 de abril de 2018).

O *tabu*, essa é a frase que ouvi nas narrativas *do live* da Joana, quando ela iniciou sua *live* com essa palavra: *o tribalismo nas nossas relações sociais do dia a dia é um tabu que ninguém fala, mas na verdade também existe*. Ouvindo essa fala, lembro-me quando estava estruturando meu projeto de pesquisa do mestrado; no momento, não sabia de algumas práticas do *tribalismo* feito nas relações sociais guineenses e trouxe as questões do *tribalismo* na política como foco da investigação e acabei mudando minha intenção ao longo da interação de campo na rede social e fui entender como o *tribalismo* se opera nas relações sociais guineenses.

Quando mudei meu campo para a pesquisa nas redes sociais, por causa da pandemia de covid-19 e distanciamento social, a qual se iniciou em março de 2020 no Brasil, e, por conta disso, não havia a permissão de ter um campo de pesquisa presencial, comentei com o meu esposo sobre a coleta dos materiais sobre *tribalismo* nas redes sociais e ele me mostrou um vídeo muito interessante de uma cidadã guineense, residente na França, chamada de Joana com o tema: *Se existe o tribalismo na Guiné Bissau ou não?* Para Joana, o *tribalismo é um tabu que ninguém fala, mas existe na nossa convivência sim*. Joana alegou que não viveu o *tribalismo* porque veio de uma mistura étnica Mandinga²⁵ e Balanta²⁶; assim, fez o debate para as pessoas darem suas opiniões públicas sobre o que cada cidadão entende por *tribalismo* na Guiné-Bissau.

A *live* da Joana teve as participações de outras pessoas convidadas para trazer suas opiniões sobre a prática do *tribalismo* na Guiné-Bissau; meu esposo me enviou essa *live* gravada

²⁵ Faz parte do grupo étnico Islamizado da Guiné-Bissau.

²⁶ Faz parte do grupo étnico Cristianizado da Guiné-Bissau.

no dia 08 de abril de 2018²⁷, no *chat de messenger*; entrei para consultar e me deparei com assuntos muito pertinentes para a minha pesquisa e pude analisar o que os guineenses chamam e entendem por *tribalismo* e como se faz nas relações sociais e políticas guineenses. Para Joana e seus convidados, na *live*, a noção de *tribalismo* nas relações sociais guineenses se estabelece como: *raça fundinho* e *raça bibidur* ou *raça polon* aspecto de referir a origem religiosa entre as etnias chamados cristão e muçulmano como forma de *tribalismo*.

A *live* teve o primeiro convidado, cujo nome é Mamadu, dando sua opinião sobre o *tribalismo* na Guiné Bissau. Mamadu alegou que não existe o *tribalismo* na Guiné-Bissau, mas existe o nome do *tribalismo*, uma vez que *as pessoas não têm coragem de fazer tribalismo ao público, mas fazem escondidos*, disse ele. E as pessoas costumam falar mal de uma pessoa através do terceiro e acaba generalizando todos os membros do seu grupo étnico. Como dizem várias vezes na Guiné-Bissau, *raça fundinho tá Bari padja*²⁸. *Esses são os nomes do tribalismo na Guiné-Bissau que, às vezes, as pessoas não dão de contas, mas é a forma de fazer tribalismo*, comentou o Mamadu.

Considerando esse aspecto de *tribalismo* na Guiné-Bissau – que propõe denominar e distinguir as etnias que fazem parte da religião islâmica e cristã – para o Mamadu, *isso é uma forma de divisão que os guineenses fazem com seus irmãos, distinguir e insultar uma raça, como se fosse não somos todos da Guiné-Bissau*.

Lembrando que a Guiné-Bissau passou por um processo de colonialismo e dominação religiosa que influencia a divisão territorial de acordo com as religiões, sendo que cada região, naquilo que corresponde aos grupos étnicos, estão divididas em dois grupos religiosos: grupos étnicos com a influência de Cristão e grupos étnicos com influência de Islã.

Mamadu alegou que essas denominações religiosas, em termos de insultos, podem trazer as divisões e problemas, visto que, às vezes, *pessoas falam isso num tom de brincadeira e depois passa e ninguém leva a sério*. O *tribalismo*, que existe em alguns países africanos, na Guiné-Bissau ainda não existe, afirmou o Mamadu.

E ainda:

Este tipo de denominação de raça bibidur e raça fundinho é puro tribalismo que a gente faz, mas não entendem disso, isso é a divisão, nós temos um país que tem um povo diverso, com uma história comum para a gente ficar a fazer esse tipo de denominação identificando de raça bibiduro/polun e raça fundinho, todos nós somos

²⁷ Vídeo disponível em: <https://www.facebook.com/100001156141430/videos/1638545046194018/>. Acesso em 20 de Janeiro de 2021.

²⁸ Quer dizer, os muçulmanos que usam os trajes típicos fundinhos são identificados como *raça fundinho* e, esse nome que as pessoas usam para ofender indiretamente as etnias muçulmanas como os grupos de etnias que gostam de bajular.

guineenses e ninguém pode trazer essa identificação religiosa para fomentar a separação e divisão (MAMADU, 08 de abril de 2018).

Em outras palavras, Mamadu, na sua fala, demonstrou que, na Guiné-Bissau, somos diferentes, porém, misturados, uma vez que os muçulmanos e os cristãos articulam, em conjunto e casam-se entre diferentes etnias. *A junção de duas etnias muçulmanos e cristãos não tem como ser Tribalista*, disse ele. Uma pessoa que tem uma parte muçulmano e outra cristã pratica os dois lados e, quando existe uma cerimônia na parte muçulmana, essa pessoa faz e depois faz também a cerimônia da parte cristã sem problemas, porque faz parte de dois lados, ou melhor, de duas etnias.

Mamadu afirma que:

Eu não entendo porque alguns guineenses ainda não entendem que somos diferentes em termos de raça, mas somos iguais, porque aqui na Guiné-Bissau é um conjunto de mistura, além de sermos todos guineenses, mas casamos em diferentes raças. Minha raça é Fula, mas a minha avó, mãe da minha mãe é pepel, mas o pai da minha mãe é Fula misturado com Manjaco, o meu pai é Fula. Quando tem um toca choro²⁹, casamento e qualquer tipo de cerimônia na região de Biombo todos nós da família participam sem dizer que sou muçulmano e não bebo as bebidas alcoólicas e não faço essa cerimonia. E assim também quando existe uma cerimônia, rapa³⁰, esmola³¹, casamento na parte da família da minha mãe também participam sem dizer que vou beber somente sumo³². Isso é uma mistura. Para mim, não fico bem com este tipo de denominação e ainda bem para alguém disser raça fundinho ta barri padja (MAMADU, 08 de abril de 2018).

Mamadu concluiu que *o tabu do tribalismo que existe entre as pessoas não é visível na nossa convivência do dia a dia por causa dessa mistura*; em outras palavras, a política, hoje em dia, fomenta o *tribalismo* e está se intensificando cada dia mais na Guiné-Bissau e, principalmente, nos períodos eleitorais que algumas práticas de *tribalismo* começam a ter mais visibilidade. Mas, na relação do dia após dia, os cidadãos guineenses não lidam com isso por causa da grande mistura que existe na Guiné-Bissau. Mesmo se alguém disser *raça fundinho ta barri badja e raça polon*, isso passa despercebidamente e não traz problemas e nem divisão.

Em seguida, o outro convidado, de nome Carlos, tomou a palavra e começou dando sua opinião sobre a prática do *tribalismo* na relação sociais guineenses e destacou: *sotaque* mistura de língua étnica e crioulo na oratória das pessoas vindo do interior como forma de *tribalismo*

²⁹ É um cerimônia de passagem das etnias cristãs quando morre uma pessoa com a idade avançada

³⁰ É uma cerimônia de iniciação dos muçulmanos para colocar o nome no bebê recém-nascido.

³¹ É uma cerimônia de passagem, quando morre uma pessoa com idade mais avançada.

³² Aqui no Brasil se chama suco ou refrigerante. Demonstra qualquer tipo de bebida sem álcool recomendado para as etnias muçulmanos islamizadas.

Para ele, os guineenses derivam de uma mistura de *raça*, por isso que o *tribalismo* não existe na Guiné-Bissau. *As populações falam do tribalismo, mas é muito pouco que nem dá para perceber e ninguém comenta sobre isso igual nos períodos eleitorais. Estou falando que o tipo de tribalismo que existe nos outros países africanos aqui na Guiné-Bissau não existe.*

Em outras palavras, Carlos analisou que existe o *tribalismo* sim nas relações sociais guineenses e que não dá para dividir e nem trazer os problemas e ódios para com os outros. Carlos afirma que:

Na nossa convivência do dia a dia a gente faz o tribalismo de uma forma de brincadeira, como podemos ver a questão do sotaque, às vezes as populações julgam o outro por causa do seu sotaque dizem vocês tem sotaque de balanta, fula, manjaco por aí vai e nem sabe falar o português e crioulo direito (CARLOS, 08 de abril de 2018).

Carlos analisou isso como *tribalismo* e como forma de discriminação dos sotaques étnicos, visto que as pessoas que falam sua língua étnica misturado com crioulo e português são consideradas como *analfabetas e que não tem educação formal*.

Para Carlos, esse tipo de *tribalismo* é uma exclusão das pessoas que vivem na tabanca (aldeia). As outras pessoas, que residem na capital e que frequentam a escola na capital desde criança, não devem fazer essa divisão e exclusão com essas pessoas que tem o sotaque, porque a maioria não fala a língua crioula e nem o português, visto que é a primeira língua que eles falam, ou seja, é a sua língua materna. Uma vez que essas pessoas, quando saíram do campo para cidade, começassem a aprender a falar crioulo e português na escola.

Carlos afirma que:

Estudei com um jovem vindo do interior para frequentar o liceu em Bissau, porque na sua região tinha até a sexta classe e não tem liceu. Quando iniciamos aulas no liceu, me lembro quando chegava no período de chamada orais, as pessoas que se acham gente de praça quando ele falava, muito começam a rir. E chegou um momento que ele fica com vergonha de falar na sala de aula e até se sente excluído entre os colegas da turma. Eu no momento não sabia deste tipo de prática de tribalismo e discriminação. Mas agora que eu entendo que nós guineenses praticam um certo tipo de comportamento que às vezes não deve acontecer na nossa sociedade. Porque se rir de uma pessoa que não sabe falar crioulo, isso demonstra que você é superior a ele. Para mim não acho isso correto. Devemos tratar os nossos irmãos que vem de tabanca como guineense porque eles são guineenses, apesar de que eles vivem no interior, mas não justifica que eles não entendem de nada só porque tem sotaque. Isso pode trazer uma revolta e ódio entre as pessoas de tabanca contra as pessoas que nascem e vivem no centro da cidade de Bissau. Para mim, todos nós somos guineenses independentemente do seu sotaque e se você sabe falar o crioulo e português ou não (CARLOS, 08 de abril, 2018).

O relato acima demonstra que as pessoas vindas do interior, muitas das vezes, são diferenciadas das pessoas que vivem no centro da cidade. Diferenças essas que se refletem no isolamento devido a seus sotaques, vestuários e a forma de estar no centro da cidade.

De acordo com Carlos,

[...] os guineenses que vivem no centro da cidade só de ver uma pessoa vindo do interior começam a dizer, pessoas de tabanca, olha como eles vestem e falam. Ou às vezes, quando uma pessoa que vive na cidade faz uma coisa errada, a gente começa a dizer que você faz as coisas igual a gente de ponta e nem parece que você vive na praça (centro da cidade) (CARLOS, 08 de abril de 2018)

Nessa perspectiva, pude observar, nos relatos de Carlos, o quanto a sociedade guineense ainda preserva a lei dos indigenatos que separa os assimilados de não assimilados. Na fala dos meus interlocutores, pude observar que, na sociedade guineense, se uma pessoa sabe falar bem o português, ela é considerada como civilizada e que tem uma boa educação. Enquanto as pessoas que saem de aldeia, muitas das vezes, são consideradas como pessoas que não sabem de nada e que não tem uma boa educação e nem são civilizados pelas suas características sociais de viver na aldeia e aprender a ser educado de acordo com suas culturas e tradições.

Importa esclarecer que, na Guiné-Bissau, ocorreu um processo histórico de colonialismo e com a lei implementada para dividir os povos de acordo com as suas características sociais, chamada lei de indigenato, que é a “lei responsável pela divisão da população na Guiné “Portuguesa” em “indígenas” e “não indígenas” significando não civilizado e civilizado” (MENDY, 1992, p. 286).

Trazendo essa conjuntura histórica para justificar essa prática de *tribalismo*, analisada pelo interlocutor Carlos, para Mendy (1992), a lei do indigenato permite dividir o povo causando danos nos seus comportamentos, línguas e educação endógenas. Por esse motivo, os indígenas são aquelas pessoas nascidas na província de Guiné e que eram desqualificadas pelas suas formas de comportar, estar e aparecer.

De acordo com Mendy (1992), a lei de indigenato estabelece um acordo entre as populações, justificando que, para todas as populações guineenses indígenas gozarem dos seus direitos como cidadãos políticos e civis garantidos aos cidadãos portugueses, tem que mostrar o interesse na nação portuguesa. Ter influência em falar Língua Portuguesa, ter bom comportamento adequado à civilização europeia.

Lembrando que, nesse período, nem todas as populações guineenses chamadas indígenas tinham interesse de se adequar à lei de indigenato, principalmente as pessoas que vivem no interior e que continuem praticando suas línguas nativas, suas culturas e tradições.

O meu interlocutor Carlos considerou que essa prática de fazer o *tribalismo*, também está presente até nas nossas instituições do Estado, não permitindo que ninguém que

não sabe falar português administre nenhuma das instituições do país. Falarei mais desse assunto no capítulo 03, naquilo que se refere ao caso dos usos da língua crioula e portuguesa nos debates eleitorais de 2019/2020.

Carlos conclui que:

Esta prática do tribalismo não está só entre as populações de praça e as pessoas do interior, mas também está presente nas nossas instituições. Podemos perceber que na Guiné-Bissau ainda existem pessoas que não dominam a língua portuguesa e nem crioulo, mesmo se estudar e formar numa das melhores universidades do mundo sempre vai ter dificuldades em termos de pronúncia. Porque nós estamos acostumados a falar o crioulo, e as nossas línguas maternas. Mas hoje em dia nas nossas instituições, essas pessoas que não dominam o Português muita das vezes são consideradas incapazes de administrar uma instituição do Estado. Para mim isto é uma forma de fazer tribalismo e divisão entre os próprios filhos da Guiné. Isso é feio e todos nós lutamos para aquele país e não devemos deixar essa divisão causando revolta entre nós (CARLOS, 08 de janeiro de 2018).

De acordo com Carlos, observa-se que, na Guiné-Bissau, existe uma divisão ainda muito forte em termos da língua nas relações sociais guineenses que vivem no interior e na capital, assim como também nas relações política institucionais – essa prática de fazer *tribalismo* deriva de uma conjuntura histórica da lei do indigenato que permite dividir os assimilados e não assimilados, aos que sabem falar português e aos que não sabem falá-lo, aos que sabem ler e aos que não sabem ler. Essa dicotomia foi incutida no pensamento guineense e principalmente na formação do Estado-nação, bem como no sistema do ensino adotado no modelo colonial que traz essa visibilidade de divisão na convivência guineense.

Outro convidado, de nome Valdo, traz a seguinte colocação: *inveja e generalização de raça na progressão de uma pessoa de outra raça como forma de tribalismo*. Para Valdo, os guineenses são conjuntos de interlace (mistura). O *tribalismo*, na Guiné-Bissau, não existe porque, quando chega no momento dos festejos, ninguém liga se é a festa dos muçulmanos ou dos cristãos, visto que todo mundo se junta para celebrar a festa. Para ele, nos momentos de festejos, não tem a raça e nem a religião entre as populações da Guiné-Bissau.

Valdo aponta que:

Para mim o tribalismo que existe na nossa convivência, não acho que isso pode trazer a divisão e até ao ponto de guerra entre raças. Como já vimos em outros países de África. Nosso irmão africanos entram em conflitos em termos de religião e raça. Mas aqui na Guiné-Bissau eu vi a nossa convivência muito solidário e tolerante com os outros. Por isso que sempre digo que gosto muito da nossa convivência mesmo se alguém fala de uma raça a pessoa dessa raça não liga, a não ser isso o problema deste tipo pode acontecer no período das eleições. Mas aqui na Guiné-Bissau ninguém separa dos muçulmanos e nem dos cristãos. Todos nós se juntam, conversam, participam das cerimônias e festas dos outros. Não tem natal, carnaval, páscoa e final do ano para os cristão e não tem ramadã e tabaski para os muçumlanos, mas sim todos nós filhos da Guiné-Bissau festejam e comemoram as

festas juntos, porque todos nós somos guineenses e todos nós lutamos para liberdade da Guiné-Bissau. (Valdo, 08 de abril de 2018).

Para Valdo, os guineenses sempre têm uma boa convivência, não existe intolerância religiosa e nem cultural na convivência guineense, mas sim a solidariedade que é um fenômeno muito importante e praticado nas relações sociais guineenses. Porém, para Valdo, *a única coisa que acho de errado que também é uma forma do tribalismo que pode até trazer os problemas e divisões um dia entre nós é que os guineenses fazem a inveja com uma pessoa e generalizam as pessoas da sua raça.*

Valdo complementa que:

Vou contar uma história aqui que passou comigo e pode ser que também passou com alguém aqui. Onde eu trabalho em Bissau tem pessoas de diferentes raças e as maiorias são da raça Fulas e Manjacos. No momento estava como estagiário e tem várias pessoas que estavam também como estagiário. Entrei como estagiário e fiz seis meses e depois fui chamado para me efetivar. Lá tem pessoas que estavam estagiando há um ano atrás e eu que fiz seis meses fui chamado em frente dessas pessoas para efetivar. Essas pessoas que fizeram um ano no estágio sem conseguir a efetivação começaram a dizer. Aqui só os manjacos e fulas conseguem emprego rápido. Só os manjacos que o Djambacus (irã)³³ escutam. Os manjacos gostam de ir ao irã para pedir emprego. Os fulas gostam de ir murru para pedir emprego e sucesso. Muitos me confrontaram com essas palavras em termos de brincadeira, mas na minha opinião acho que é a inveja que eles tem de mim e não querem ir direto a mim e começam a falar mal da minha raça que somos nós que gostamos de ir ao djambacu para pedir emprego e sucesso na vida. Muitos levam isso como brincadeira, mas isso é o tribalismo e inveja que eu vejo, falar mal de outra raça só porque conseguem o emprego e tem uma boa vida (VALDO, 08 de abril de 2018).

Por esse motivo, os manjacos são conhecidos, na Guiné-Bissau, como grupo étnico apegado às suas religiões tradicionais, uma vez que adoram muito o *irã* que representa como um símbolo fundamental dentro das suas comunidades.

De acordo com Mendes (2014), o *irã* é um dos símbolos religiosos que os Manjacos acreditam e recorrem a ele quando possuem uma necessidade maior, como promessas, pedidos, saúde, para não existir males dentro da comunidade ou nas relações familiares.

Mendes (2014) termina que:

[...] nas sociedades manjaca tradicionais os pedidos de irãs são feitos em diferentes momentos como: no momento da paz ou de guerra, de felicidade ou da dor, de saúde ou da doença, nos momentos de solução de problemas familiares, de namoro e para o sucesso econômico, ou seja, qualquer assunto de natureza é sempre resolvido no âmbito espiritual. (MENDES, 2017, p. 32).

³³ Os símbolos do Irã são feitos de um animal. E esse chifre é purificado dentro do altar de irã e as pessoas levam como guarda no seu corpo, ou podem situar num cantinho da casa e sempre tem que derramar a cana em cima dele para pedir a proteção da comunidade, ou do indivíduo que fez seus pedidos particulares para sua guarda.

Nesse sentido, percebe-se que essas características religiosas são feitas por todos os grupos étnicos, sejam etnias cristãs ou muçulmanas, mas os manjacos se tornaram populares nessas representações como adoradores de *irã*, porque são povos que nunca abandonaram suas tradições religiosas. E sempre quando existe uma discussão e acusações de sucesso no emprego ou em outros aspectos, entre um manjaco com pessoa de outro grupo étnico, sempre haverá essa diferenciação como foi analisado por meu interlocutor Valdo, o qual estabelece esse sentimento como sendo de *inveja*:

O que é “tradição” para alguns não é para outros. É um termo cujos sentidos são contestados em uma sociedade que agora, mais do que nunca, põe indivíduos que antes viviam em comunidades culturais e linguísticas relativamente homogêneas em situações sociais altamente diferenciadas (FRY, 2000, p. 79).

Nesse sentido, a religião tradicional, na Guiné-Bissau, mesmo são praticadas por todos os grupos étnicos, mas a representação e a inveja do sucesso recai sempre para as certas etnias e principalmente os manjacos, uma vez que, além de serem apegados à tradição, são conhecidos como os primeiros grupos étnicos do país que migraram para Europa em busca de melhores condições de vida.

De acordo com Valdo, o *tribalismo*, na Guiné-Bissau, em outras situações, é causado pela inveja que uma pessoa tem do seu colega no trabalho, na vizinhança, na escola, generalizando a sua etnia. O *tribalismo* como *inveja* funciona quando alguém de outra etnia está conquistando uma vida melhor, daí começa essa disparidade *racial* e é encabeçado por discursos étnicos dizendo que a etnia fula e manjacos só conseguem emprego porque são eles que gostam de ir ao *djambacus* e *murru* pedir essas coisas e ter sucesso na vida.

Em outras palavras, Valdo analisou as questões de migração e as bolsas de estudos para outros países.

Valdo afirma que:

E não só essas coisas que contei agora no meu trabalho que aconteceu comigo. Também no bairro onde eu morro sempre me dizem os manjacos que viajam para França, vocês que constrói casas de luxo, os manjacos que conseguem o visto para imigrar para Europa, ir à bolsa de estudo. Só porque tenho meus tios na França, meus irmãos que estão estudando fora do país. Os meus tios que estão vivendo na França constroem uma casa em Bissau e outra em Cantchungo^{Por} causa disso todos os dias os vizinhos ficam a dizer os manjacos é isso é aquilo. Para mim isso é inveja em forma de fazer tribalismo. (VALDO, 08 de abril de 2018).

Observando a fala acima do Valdo, resalto que os manjacos são conhecidos, na Guiné-Bissau, como migrantes, em que a maioria está vivendo na França (Paris) e Senegal, devido à conjuntura histórica do colonialismo e a resistência pacífica na Guiné-Bissau.

De acordo com Carvalho (2003), através do processo da efetivação do estatuto colonial da Guiné Bissau e o pagamento de imposto de palhota na resistência anti colonial na Guiné-Bissau e as condições precárias da luta de libertação do povo de colonialismo português, fizeram com que os manjacos adquirissem a característica migratória, uma vez que deixaram suas *tabanka* (aldeias) com objetivo de manter seus costumes tradicionais e suas formas de organização social no Senegal e ao, decorrer do tempo, com a luta pela independência, passaram a emigrar para França (Paris), e, atualmente, é inserida em fluxos migratórios da África para Europa, à procura de melhores condições de vida e que está se intensificando cada dia mais. Hoje em dia, quase toda a etnia da Guiné-Bissau imigra para Europa e outras partes do mundo.

A outra convidada da *live*, de nome Elsa, fez sua intervenção pegando na fala do Carlos dando suas considerações sobre os sotaques linguísticos. De acordo com a Elsa, na Guiné-Bissau, tem uma vantagem muito grande em termos da diversidade étnica, cultural, linguística e unidade que não é verificada em outros países africanos. Para ela, Guiné-Bissau é um país de raiz onde existe uma solidariedade muito grande entre as populações, não importa a raça e nem a religião, visto que os guineenses possuem uma ligação muito forte em termos da raça e união. A Guiné-Bissau não tem dono e é de todos os guineenses. Elsa afirma que:

Eu amo Guiné-Bissau e todas as raças. Me sinto orgulhosa de ser filha da Guiné-Bissau, e ainda bem das nossas diversidades étnicas que são as principais riquezas que nós temos e devemos preservá-las, da nossa cultura diferentes e solidariedade que nós temos para os outros. Sem falar da nossa língua materna que eu acho muito bonito de falar sem vergonha. Vejo que algumas pessoas sentem vergonha de falar sua língua materna na praça e no meio de outras pessoas. E quando as pessoas vem falar sua língua materna no meio das pessoas de outra etnia muitos começam a dizer que estão falando a língua materna para falar mal de uma pessoa. Para mim, nós guineenses devemos parar com isso. É um orgulho que nós devemos ter quando vi uma pessoa falando na sua língua materna é bonito de ouvir. Isso se conecta com sua origem e ancestralidade (ELSA, 08 de abril de 2028).

Para Elsa, falar sua língua materna é uma coisa muito bonita que conecta uma pessoa com a sua origem e ancestralidade. *O nosso sotaque é lindo só de falar as pessoas já sabem qual é a sua raça.*

Em outras palavras, Elsa chamou atenção para algumas pessoas que nascem na capital Bissau e que não sabem falar sua língua materna, sendo que começam aprender suas línguas: pede para as mães e papais falarem sua língua materna com seus filhos (as) que nascem na cidade de Bissau, porque é uma riqueza que os guineenses têm para preservar. Elsa afirma que:

Eu nasci em Bissau, numa família que ama falar sua língua materna. Na nossa casa, a minha mãe e o meu pai não falam conosco em crioulo e não em Português, mas sim, falam conosco na língua mancanha. Nasci e aprendi falar minha língua materna,

crioulo porque é a língua que toda a raça fala na Guiné-Bissau e um pouco de Portugues na escola. Mas eu sempre falo minha língua porque gosto de falar e também é uma língua que me faz conectar com a minha origem e ancestralidade, me sinto orgulhosa de ter esse sotaque (Elsa, 08 de abril de 2018).

Nesse sentido, na fala de Elsa, pude observar a importância dos pais a falar a língua materna com seus filhos, visto que, na capital Bissau, é a única forma que uma pessoa tem para se conectar com a sua origem e ancestralidade, mesmo com a consolidação da língua crioula e portuguesa, é importante preservar e manter viva a língua materna que é a base de todas as línguas faladas na Guiné-Bissau.

Outro fato: no dia 30 de setembro de 2021, na conversa com meu colega da Unilab, de nome Fai, entramos no assunto de *tribalismo* e ele falou, para mim, que participou de um debate na TV *obulum*³⁴ em que se tratou desse assunto como solidariedade étnica. Perguntei para ele, como assim? O *Tribalismo* também se faz na solidariedade étnica? Ele então disse que me enviaria uma *live*, gravada no dia 12 de maio de 2021³⁵, via *messenger*³⁶, e para que eu assistisse e entendesse como o *tribalismo* se faz na solidariedade étnica.

Nesse sentido, ele me enviou a gravação de *live* e fui direto para o *messenger*, abri a *live*, comecei a assistir e me deparei com um tema muito interessante: *Nô fala na busca de possíveis soluções para os problemas da Guiné-Bissau*. Em português: Nossa fala em busca de possíveis soluções para os problemas da Guiné-Bissau.

Fai destacou os aspectos de *tribalismo como solidariedade étnica nas relações sociais guineenses*, associando alguns problemas que acontecem entre as vizinhanças e como também nos bairros e nas regiões da Guiné-Bissau. *Alguns tipos de problemas, que acontecem na nossa convivência, às vezes, a gente não encontra uma forma justa para resolver, mas sim a gente parte, muitas das vezes, para a representação identitária como forma de resolver alguns problemas que acontecem entre nós*, disse ele. Para Fai deu o exemplo de alguns tipos de representações identitárias e alegou que:

Para mim, o tribalismo na solidariedade étnica funciona como, quando uma pessoa, pode ser meu irmão, irmã, vizinhas(os), parentes e família teve um problema com outra pessoa da outra etnia que mora no outro bairro, ou na outra casa, essas pessoas vão solidarizado com esse indivíduo da sua identidade e particularmente vão em direção de ataque dessa pessoa que mora no outro bairro, mesmo tendo razão ou culpa só porque somos vizinhos(as) ou temos laços familiares e parentes (FAI, 12 de maio de 2021).

³⁴ A TV Canal Obulum é uma organização de Comunicação Social independente que assegura o serviço de ... Promoção da Cultura da Guiné-Bissau.

³⁵ *Live disponível em:* <https://fb.watch/8v-EEgikhR/>. Acesso em 30 de setembro de 2021

³⁶ É um aplicativo que significa “mensageiro” em inglês. Criado pela Microsoft, softwares como esses nos permitem uma comunicação instantânea entre dois e até mais usuários.

De acordo com Fai, observa-se que o *tribalismo* como solidariedade étnica é um tipo de representação que ocorre no dia a dia e na convivência guineense, uma vez que a forma como os guineenses se representam não é a mesma forma como *o Cabral disse sobre a unidade nacional, porque a unidade nacional visa unir todos os guineenses e não pela representações.*

Nesse sentido, pude observar que a representação étnica leva em consideração a resolução dos problemas e dos conflitos na relação social dos guineenses e, principalmente, é na política que a representatividade é notória em termos de escolha dos membros dos governos e os problemas que acontecem no parlamento pelas questões identitárias e, às vezes, ninguém abandona uma pessoa da sua etnia para enfrentar um conflito política e social sozinho nos bairros e regiões da Guiné-Bissau.

Fai analisou esse aspecto do *tribalismo* dando exemplo prático dos problemas que acontecem entre estudantes guineenses na Unilab com outros estudantes internacionais de Angola, Cabo-verde, etc...

Para Fai:

Podemos também analisar os problemas que acontecem aqui na Unilab. Se um guineense teve um problema com uma pessoa de outra nacionalidade e todos guineenses compram essa briga pelas questões de representações e não pela busca de resoluções de problemas. Às vezes dizem “a gente não vai deixar meu irmão guineense sozinho nessa briga e vou defendê-la”, mesmo estando errado ou certo (FAI, 12 de maio de 2021).

Isso é a mesma coisa que acontece nas relações sociais e políticas na Guiné-Bissau: ninguém abandona as pessoas da sua etnia ou a pessoa da sua confiança, família e parente num problema sem ter essa solidariedade de defender. *Isso não acontece só na Guiné-Bissau e até aqui na Unilab os guineenses da mesma etnia não abandonam uma das outras num conflito com uma pessoa de outra etnia, como dizem, parente com parente, disse ele*

Parente com parente, para Fai, é uma solidariedade em forma de tribalismo e divisão que, muitas das vezes, as pessoas fazem, mas não levam em conta que é tribalismo. E, muitas das vezes, a gente não vê esse lado de tribalismo na Guiné-Bissau e nas relações sociais guineense, mas quando um político fala isso, os guineenses vão dizer que esse político está fazendo tribalismo.

Note-se que essa solidariedade étnica no discurso de *parente com parente* acontece na convivência guineense sem problema e divisão, mas, quando um político pronunciar essa frase, aí que se vê a discussão, nas redes sociais, que esse político fomenta o discurso de *tribalismo*, por aí vai.

Outro fato: era numa tarde do dia 02 de junho de 2020, eu estava tirando um cochilo na minha casa com meu filho e, de repente vi, uma notificação do *Facebook* entrando no meu celular, avisando que o Djon estava ao vivo. Fui direto para a *live* e me deparei com o tema: *o tribalismo na Guiné-Bissau, Os Balantas são culpados?*³⁷

Ao acompanhar a *live* do Djon, deparei-me com alguns aspectos importantes da divisão e do ódio entre os grupos sociais que ele analisou – sobre os legados das eleições presidenciais de 1999/2000, na época que ex-presidente da república Kumba Yala, do Partido de Revolução Social (PRS), foi eleito como presidente da república em 2000. Também deu a resposta de alguns vídeos que estavam rolando no *Facebook* sobre algumas pessoas que estavam falando mal de algumas etnias na Guiné e, principalmente, acusando a etnia Balanta como ladrões, que estão no poder e que trouxeram a prática do *tribalismo* na Guiné-Bissau, associando esses aspectos com as eleições de 2019/2020.

Djon alegou que, nessa época, surgiu a narrativa das populações, alegando que os Balantas trazem o *tribalismo* na Guiné-Bissau, coisa que nunca tinha visto antes. Acusando que no mandato do ex-presidente da república Kumba Yala só tinham as pessoas da etnia Balanta no poder e nas Forças Armadas. Nessa época as populações começaram a ter noção da prática do *tribalismo*, alargando a culpa do presidente para todo membro da etnia Balanta em vez de culpar o próprio presidente que está no poder.

Djon questionou, nesta *live*, essa prática de *tribalismo*, questionando: *será que a etnia Balanta são culpados do tribalismo na Guiné-Bissau? E como a culpa de um presidente pode ser de todo membro do seu grupo étnico?*

Djon alegou que a generalização política para com seu grupo étnico, na Guiné-Bissau, precisa ser repensada na sociedade guineense, uma vez que a culpa de um candidato não pode ser culpa de todos os membros dos seus grupos étnicos. Para Djon, *a generalização étnica na política é uma pura burrice que existe na cabeça das populações guineenses e principalmente das pessoas que gravam live no Facebook e falam mal dos candidatos políticos, generalizando os membros dos seus grupos étnicos.*

De acordo com o Djon, essa situação não pode existir nas relações sociais guineenses, porque é uma prática de fazer *tribalismo* muito grave que, às vezes, as pessoas falam inconscientemente, mas não sabem da sua consequência depois.

Djon, argumenta que:

³⁷ Informação disponível em: <https://www.facebook.com/100002302623754/videos/3069601529793238/>. Acesso em 02 de junho de 2020.

Eu particularmente não admito ninguém falar mal de um político de etnia balanta generalizando todos os balantas como se fosse todos os balantas são culpados do erro de um presidente? Para mim isso é um ódio que as pessoas criam quando falam de uma etnia. Eu particularmente não deixo isso passar em branco. Quem mexe com a etnia balanta mexe comigo. Porque não admito nenhuma falta de respeito da pessoa da outra etnia falar mal dos balantas (Djon, 02 de junho de 2020).

Djon chamou atenção sobre a generalização política na Guiné-Bissau, alegando o ódio que ele pode trazer na relação social guineense. Para Djon, não devemos questionar um político incluindo todos os membros da sua etnia; a culpa de um político não é a culpa de todos. Para ele, toda etnia tem pessoas boas e ruins e não devemos incluir o erro de uma pessoa para com todos os membros da sua etnia, uma vez que um político, um presidente não pertence só a uma etnia, mas sim é o presidente de todos os guineenses.

Sendo assim, nessa *live*, tinha as participações de outras pessoas comentando, sendo que alguns se revoltaram com esse tipo de comportamento em fazer *tribalismo* na relação social guineense. Deparei-me com um comentário muito revoltante de uma senhora que também estava assistindo à *live* no momento comentou assim: *Se alguém falar mal dos balantas eu falo mal da sua etnia também, a Guiné-Bissau não é de ninguém é de todos nós e nenhuma etnia não é superior que as outras etnias. Aqui nós todos somos guineenses e toda etnia tem poder nesse país.*

Naquele momento, analisei essa fala e a fala de Djon, então pude observar o quanto essas pessoas estavam falando com ódio e revolta sobre esse tipo de comportamento *tribalista*. E algumas pessoas da Guiné-Bissau, que estavam assistindo a *live*, também manifestaram as suas revoltas nos comentários sobre essa prática de *tribalismo* e muitos concordaram que, na Guiné-Bissau, enquanto esse tipo de *tribalismo* existir, vai chegar a um momento em que o país pode se confrontar, resultando em extremismo. O rapaz estava assistindo *live* também comentou assim:

Se a gente não acabar com esta generalização na política vai chegar um dia que vamos ter a guerra étnica, para mim não acho isso legal. Temos uma história bonita da independência que uniu toda raça da Guiné-Bissau e nós guineenses militantes dos partidos políticos não podemos deixar um político nos manipular ao ponto de apagar tudo isso e fomentar ódio entre nós. É verdade que ninguém se sente bem quando fala mal da sua raça e nós devemos ter cuidado com isso porque isso causa ódio e divisão entre nós irmãos guineenses (AGOSTO, 02 de junho de 2020).

Considerando isso, pude observar que essa forma de praticar o *tribalismo* é feita no dia a dia na relação social guineense, mas que não traz revolta e nem divisão. Como o Djon analisou na sua *live*: se um presidente da etnia Balanta tomou o poder, as populações guineense começam a falar *vocês balantas que tem a terra, só porque o presidente é da etnia Balanta, se o presidente não está cumprindo com o seu dever e compromisso com o povo as pessoas*

começam a dizer os Balantas tomou o poder e agora estão estragando a nossa terra, disse Djon.

Nesse sentido, considerando a fala de Djon, percebe-se que a generalização étnica é um problema que nós temos na Guiné-Bissau, visto que ninguém consegue separar o que é a política de um presidente e seu grupo étnico.

Em outras palavras, observei que essa fala não tem sua consequência no dia a dia, nem nas relações sociais guineenses, mas sim é notória nos períodos eleitorais, uma vez que é um período em que todo mundo se divide e todo mundo fica em alerta com alguns tipos de comportamento sobre o *tribalismo*. Se você diz ao Djon nos dias normais *os Balantas que tem a terra* ele não vai estar nem aí para isso. Mas quero ver você dizer essa frase para o Djon nos períodos das eleições, aí que vai ter o fogo no parquinho.

No dia 27 de janeiro de 2020, eu estava pesquisando vídeos e *lives* que analisam a prática de *tribalismo* na Guiné-Bissau no *Facebook*, deparei-me então com um vídeo gravado no dia 23 de janeiro por um jovem guineense, militante do PAIGC, chamado Bacar, da etnia fula, falando do tema *tribalismo versus ignorância*, o qual analisava a representatividade e a autodeclaração étnica como forma de *tribalismo*.

Bacar trouxe esse tema no seu vídeo, analisando o caso da manifestação dos militantes de MADEN-G15 na recepção do presidente Umaro Sissoco Embaló, da etnia fula, na sua visita a Lisboa, em outubro de 2020, alegando que houve grande quantidade de militantes da etnia fula que receberam o presidente em Lisboa, manifestando e cantando em fula e utilizando a música ancalan *ida n'gore ma*³⁸.

Bacar defende que:

Isso é puro tribalismo que os militantes de MADEN-G15 estão a fazer. Além de ser a maioria da etnia fula que receberam o presidente em lisboa, mas também cantando a música que chama atenção as outras etnias. Para mim, a música ancalan ida n'gore ma, mostra claro que é tribalismo, porque sei do seu significado na língua fula, significa gostar da sua cabeça ou do seu grupo étnico. Par que sou da etnia fula, mas não sou desse partido, ouvindo isso, não vou ficar bem, porque ouvi e falo a língua fula e sei muito bem do significado que esta música traz para esta manifestação, que os militantes estão usando para promover o presidente e provocando mais as divisões no seio dos guineenses; (BACAR, 23 de outubro de 2020).

De acordo com Bacar, isso é uma forma de representatividade étnica que as pessoas fazem no período eleitoral e, nessa eleição de 2019/2020, essa prática de *tribalismo* está cada dia mais presente nas relações sociais guineenses.

Bacar alegou que:

³⁸ Significa na língua fula gostar de si mesmo

Nesta eleição de 2019)2020 na Guiné-Bissau algumas pessoas ainda votam no presidente da sua etnia. Eu sou da etnia fula, mas o meu presidente é Domingos Simões Pereira da etnia cristã de Geba. Escolhi Domingos como o meu presidente, porque eu vejo a capacidade que ele tem para liderar o país e não pela questão da representatividade étnica. Isso que alguns guineenses não entendem, escolhe o presidente que você acha que pode mandar bem e trazer o desenvolvimento e progresso para todos filhos da Guiné e não da sua etnia (BACAR, 23 de outubro de 2020).

Para Bacar, esse facto, como forma de ignorância que as pessoas às vezes fazem com um candidato político de outra etnia, estabelece que *isso não pode acontecer entre nós guineenses escolher um presidente só porque é da sua etnia, mesmo não sendo competente para trazer o desenvolvimento para o país. Para mim isso é uma ignorância que a prática do tribalismo traz entre nós na política guineense.*

Em outras palavras, Bacar também analisou a questão de autodeclaração étnica neste vídeo como forma de *tribalismo*, alegando que as pessoas se orgulham demais da sua etnia; para ele: *vamos acabar com esta questão de dizer orgulho de ser fula, orgulho de ser manjaco, orgulho de ser mandinga e mancanha por aí vai, isso também é uma forma de tribalismo e divisão.*

Nessa fala, pude observar o quanto Bacar preservou o discurso de Cabral³⁹ e chamou atenção para alguns discursos que podem trazer a separação e a divisão entre os Guineenses, para ele: *o Cabral chamou atenção na mata sobre essa prática de orgulho a sua etnia como forma de fomentar tribalismo e separação, vamos viver as palavras de Cabral, não há Fula, Manjaco e nem Balanta todos nós somos filho de Guiné e vamos no que importa que é a unidade.* Bacar concluiu que se a gente não deve deixar de ter orgulho de ser Fula, Manjaco, etc.

Nunca vamos ter a unidade na Guiné-Bissau e principalmente votar num candidato só porque é da sua etnia e não pela competência, visto que nunca vamos alcançar o progresso e desenvolvimento na Guiné-Bissau. *A unidade de luta é uma das riquezas que o Cabral deixou para todos os filhos da Guiné e vamos viver isso e deixarmos de praticar o tribalismo.*

Por esse motivo, segundo os meus interlocutores o *tribalismo* não é só visto nos períodos eleitorais, mas sim está presente na relação étnica guineense, uma vez que na Guiné-Bissau se constitui uma diversidade em termos de relação e convivência com grupos sociais diferentes que, muitas das vezes, o *tribalismo* é praticado de uma forma inconsciente, ou seja, é um tabu que ninguém fala, mas quando um político faz isso todo mundo percebe porque é

³⁹ Amílcar Lopes Cabral é o líder da luta pela independência da Guiné-Bissau e fundador do movimento PAIGC.

período de eleições e as populações ficam mais atentas com alguns tipos de comportamento associado ao *tribalismo*.

3.2 Tribalismo na relação política guineense

A gente pratica o tribalismo no dia a dia, mas ninguém briga, ninguém leva isso a sério, e quando chega no período eleitoral algumas práticas do tribalismo começam a ser visíveis, tudo isso, porque os nossos políticos que fomentam essa divisão para a nossa sociedade que era tão unidos e misturados através das suas promessas. (Presidente 3⁴⁰, 28 de outubro de 2020).

O *tribalismo visível* é a frase que se houve, várias vezes, na *live* da Joana; assim, fui analisar, nas *lives* anteriores, o que os meus interlocutores falam sobre a visibilidade do *tribalismo* nos períodos eleitorais, ou melhor, como a prática do *tribalismo* se torna visível nos períodos eleitorais.

Ao longo da pesquisa, encontrei com uma notícia em uma página do *Facebook*, da Rádio Jovem Guiné-Bissau⁴¹, em entrevista com o presidente 1, do Partido de Renovação Social (PRS), afirmando que *o tribalismo na Guiné-Bissau é fomentado por certos políticos, mas na realidade não existe entre os povos, alegando que o povo guineense é unido e vamos manter com essa união nas eleições que se aproxima em 2019*, disse ele. Ainda apelou a todos os guineenses para escolher o presidente que possa trazer a paz e a estabilidade para o país.

Ao decorrer da entrevista do presidente 1, pude observar que a prática do *tribalismo*, na Guiné-Bissau, torna-se visível, nos períodos eleitorais, pois, nessa época, *os políticos querem conquistar o voto das pessoas dos seus grupos étnicos e dos jovens na cidade de Bissau fomentam o discurso de tribalismo sobretudo nas eleições*, afirmou o presidente 1.

Tendo em conta que, nesse período, todo mundo fica ciente dos problemas políticos do país e muitos começam a observar a prática do *tribalismo* com mais atenção nos discursos políticos e como também nas relações sociais – uma vez que em um período em que as

⁴⁰ Como usei os nomes fictícios nesta pesquisa, pretendo não identificar os nomes dos presidente que deu a entrevista nos jornais sobre a prática do *tribalismo na Guiné-Bissau* e identifiquei somente o partido em cada um se pertencem e coloquei presidente 1, 2 e 3 para diferenciar a fala de cada presidentes.

⁴¹ Informação disponível em: <https://m.facebook.com/radiojovembissau/photos/a.216599501753070/1951206314959038/?type=3&source=57>. Acesso em 14 de janeiro de 2021.

populações se dividem e cada um apoia o partido que acha que possa trazer o desenvolvimento para o país.

De acordo com a fala do presidente 1, analisei que o *tribalismo* na política, a qual não se faz somente pela representação étnica, mas também se faz pelas promessas de trabalho, bens materiais, alimentos e dinheiro de um candidato para os seus militantes, seja da sua etnia ou não. Porém, isso ocorre mais no centro da cidade da Guiné-Bissau, onde há populações de diferentes grupos étnicos, misturados em diferentes bairros do país. Enquanto em outras regiões do país, como é dominado pelas representações étnicas, ou melhor, cada região é ocupada por uma maior parte de um grupo étnico; assim, os políticos aproveitam disso para manipular o povo da região utilizando o *slogan* "vote em mim, somos da mesma etnia" Nóbrega (2003), ou melhor, aproveitam das suas produções de castanha de caju⁴² Alegando que *se eu ganhar as eleições vamos fazer a campanha de castanha de caju seja da melhor forma*, disse o presidente 1.

Nesse sentido, a partir da fala do presidente 1, percebi que algumas práticas do *tribalismo* na relação social guineense, que ninguém fala e nem traz problema, torna-se visível e problemática nos períodos eleitorais, isso porque os militantes de cada partido fazem a campanha a favor da vitória do seu presidente e ninguém quer ouvir mal do candidato que cada um apoia e muito menos falar mal de um grupo étnico a que um candidato pertence – isto faz, muitas das vezes, com que os militantes entrem em confronto nos bairros, nas redes sociais, no trabalho, na escola, etc; tal fato acontece por causa das promessas que os políticos fazem para eles caso seja eleito.

Os Militantes, por sua vez, enaltece algumas práticas *tabu do tribalismo* como forma de acusações aos seus adversários políticos para conquistar os votos e fazer as populações que não tem partido, indecisa de onde iria votar mudar de atenção para não perder as promessas feitas pelos seus candidatos à presidência.

Para Kushni (2007), esse tipo de política de "clientelismo" trata-se da sociedade moderna em que alguns países africanos adotaram conforme um princípio democrático universal improvisado nas experiências Européia e Norte-americana, cuja realidade política não consta com a lógica dos grupos étnicos heterogêneos, fazendo com que a própria ideia de desenvolvimento e consolidação democrática seja abarcada no sistema de *tribalismo*, conflitos étnicos e divisão do povo. Em outras palavras, esta forma de "clientelismo" será sempre nosso

⁴² É o maior produto estratégico para a economia do país.

estágio de subdesenvolvimento que traz sérias problemas na modernização política na Guiné-Bissau.

Presidente 1 completou que:

Estou aqui apelando nessa entrevista para todos nós filhos da Guiné que possamos refletir melhor na hora de escolher o nosso presidente na próxima eleição de 2019. Que todas as populações da Guiné-Bissau não votem pelo dinheiro, pelo arroz, carro, moto, promessa de trabalho etc., também apelo aos políticos para não fomentar os discursos tribalista que possa trazer problemas para a próxima eleição, apelo também que os militantes que apoiam os seus candidatos sem nenhum confronto e nem difamação para os outros candidatos, mobilizam os seus eleitorados de uma maneira transparente e não na base de difamação que pode trazer o desentendimento entre nós. (PRESIDENTE 1, 02 de novembro de 2018).

Sendo assim, os políticos fomentam o *tribalismo* entre as populações quando querem conquistar o voto de um determinado grupo étnico, sobretudo das promessas feitas aos seus militantes. Os militantes, por sua vez, não querem abrir mão de promessas feitas pelo seu candidato e *começam a fazer a campanha de mobilização de uma forma errada, fala mal de um candidato adversário*, disse o presidente 1. Isso é feito só para conquistar os votos e militantes, assim como fazer o seu partido ganhar as eleições, o que leva as populações a uma divisão e problema, *é verdade que ninguém gosta de ouvir o militante de outro partido falando mal do seu partido e perdendo os números de eleitores*, disse o presidente 1. Por isso que as populações se dividem e cada um arranja a sua forma de fazer a mobilização e trazer a vitória ao seu partido político.

Na fala de presidente 1, pude observar que os eleitores não partem de pressuposto da lógica de escolher um representante político competente que possui projetos coerentes para o bem social, mas sim buscam uma filiação partidária que atenda os seus interesses pessoais de acordo com as promessas feitas pelos políticos nos pleitos eleitorais.

De acordo com Teixeira (2008), a democracia, na Guiné-Bissau, possui duas formas de filiação partidária: em primeiro lugar, “luta de classe”, na perspectiva de apoiar um político que possui mais recursos econômicos (dinheiro) que irá atender às necessidades dos eleitorados em termos de financiamento nos pleitos eleitorais e com apoio financeiro a cada apoiante; segundo lugar, apoio étnico – os grupos étnicos apostam mais no apoio a representante que pertence à sua etnia de acordo com as promessas feitas por cada candidato a respeito do seu grupo social étnico. Como aponta Gluckman (1987, p. 294), no seu trabalho “os indivíduos usam a contraposição política das autoridades para atingirem seus próprios fins”.

Nesse sentido, entendo que a política na Guiné-Bissau não perpassa em busca da unidade para o desenvolvimento, mas sim dos interesses pessoais. Como pude observar, no

trabalho de campo, algumas populações se afiliam a um partido político por fins de benefícios e promessas dos seus presidentes.

Em outras palavras, presidente 1 analisou que a luta pela independência uniu todos os grupos étnicos num só objetivo da independência, *mas hoje por causa da política ninguém viu mais essa unidade nos períodos eleitorais, eu acho é um período em que todos nós devemos nos unir para escolher um bom presidente que irá levar o país adiante e trazer o desenvolvimento*, afirmou o presidente 1.

De acordo com o presidente 1, *se no período colonial não havia essa unidade étnica, acredito que a Guiné-Bissau não sairia do colonialismo até hoje*. Para alcançar o desenvolvimento para o país, é preciso a união entre o povo nos pleitos eleitorais: *a diversidade étnica é uma riqueza para construção da nação e não podemos estragar essa riqueza da unidade por interesses e pelas promessas dos partidos políticos*, disse o presidente.

Nesse sentido, Lopes (1982) afirma que:

A conjugação internética era a principal característica da fase de luta armada na Guiné-Bissau. O que agora queremos mostrar é que o Estado da Guiné-Bissau continua preso na engrenagem do colonialismo: não aplicando sequer as experiências saídas do movimento de libertação nacional. O Estado está, pois, no centro de uma luta em que se afrontam os interesses das diferentes classes ou camadas sociais. A própria base do que fazia a sua unidade, e portanto a sua força, durante a guerra de libertação, está dissolvida. (LOPEZ, 1982, p.54).

De acordo com essa citação, percebe-se que a construção do Estado, na Guiné-Bissau, é o mentor de novos tipos comportamentos que operam nas relações sociais e, principalmente, do fomento ao *tribalismo*, conflitos e divisões nos pleitos eleitorais e, naquilo que se coloca como a unidade étnica e como principais fenômenos da unidade, porém, virou como fenômeno de manipulação dos votos.

O que se pode perceber, nos relatos do presidente 1, é que a Guiné-Bissau é uma mistura étnica, por isso que não há espaço para o *tribalismo*, isso fica claro que *todos elas casam-se entre diferentes etnias*. Nesse caso, para ele, *os políticos evocam o tribalismo entre as populações, mas quando querem uma mulher nunca perguntam pela sua etnia*.

Nesse sentido, pude analisar que, na fala do presidente 1, mesmo com a formação do Estado na Guiné-Bissau, que permitiu a unidade e novos comportamentos sociais, ainda existe a perspectiva de não ceder ao *tribalismo* muito forte na relação social guineense, uma vez que os guineenses se casam entre diferentes etnias e todos têm uma boa convivência e solidariedade.

Em outras palavras, para ele, o *tribalismo* é fomentado pelos políticos no período eleitoral a fim de conquistar os votos e chegar ao poder e, quando passar esse período, torna-se

algo esquecido pelas populações e todos voltam a viver na solidariedade e harmonia por causa de casamento interétnicos e mistura de duas identidades étnicas que cada população guineense carregam e representam no país.

Encontrei, na minha pesquisa no *Facebook*, uma notícia, na emissora do Rádio Jovem da Guiné-Bissau do dia 11 dezembro de 2019⁴³, entrevistando o presidente 2 da campanha de MADEN-G15, dando apelo para as populações guineenses seguir a primeira volta das eleições de 2019 com mais tranquilidade e votar no presidente Umaro Sissocó Embaló que irá trazer a paz e estabilidade para o país.

Nessa entrevista, pude observar a fala do presidente 2 da campanha alegando que quando o presidente Umaro Sissoco Embaló for eleito *não haverá espaço para o tribalismo e sectarismo na Guiné-Bissau*, disse ele.

De acordo com Câmara, as eleições de 2019 ocorrerão de melhor forma na Guiné-Bissau com relação às outras eleições que já passaram no país: *eu sempre acompanhei as eleições na Guiné-Bissau e vi quão é complicado a convivência do povo nesse período, mas nessa eleição prometo que o nosso presidente Sissoko Embaló fará diferença porque ele é o presidente concórdia nacional*, disse, ele.

Camara comenta que todos os seus militantes fazem campanha sem atingir outro partido e seus militantes, algo que pode trazer a inconveniência para unidade nacional, fazendo apelo para os militantes de Madem-G15 ficarem atentos com seus discursos para não atingir as religiões e nem grupos étnicos: *vocês que são os militantes do Madem- G15, vamos fazer a proposta do nosso presidente seja firme, vamos fazer que essa eleição seja nossa, sem perseguição e sem ataques religiosos e sectarismo*, afirmou ele.

De acordo com ele, as populações e todos os apoiantes do partido Madem-G15 estão convictos que, com Umaro Sissoco Embaló na presidência, a Guiné-Bissau terá um futuro melhor em que não haverá o *tribalismo*, sectarismo e nem a separação entre as etnias muçulmanos e cristãos.

No dia 10 de agosto de 2020, acordei de manhã cedo e abri meu *WhatsApp* para verificar as mensagens e entrei no *status* em que a maiorias das pessoas publicam as fotos, notícias, dentre entre outros assuntos; então, vi uma publicação de uma amiga falando sobre *tribalismo*; li a postagem dela e não entendi bem sobre o tipo de *tribalismo* que ela está se

⁴³ Informação disponível em: https://www.radiojovem.info/braima-camara-nao-havera-tribalismo-na-guine-bissau-caso-umaro-sissoco-embalo-for-eleito-presidente-da-republica/?fbclid=IwAR2hfNNZ84Hq_UWQMJJD9rwVxrML37hIKt7fpCyBjRZpUPJF1_M6LCRPfB9s. Acesso em 13 de janeiro de 2021.

referindo e entrei no *Facebook* e também me deparei com várias postagens do tipo falando mal de um jovem, de nome Mário, militante do DSP, do partido PAIGC, que escreveu em sua rede social, alegando que *o Umaro Sissoco Embaló não pode ser presidente da Guiné-Bissau, porque ele não é natural de Bissau, e todos os fulas não são da Guiné-Bissau, mas sim vieram todos do Mali*⁴⁴

Nesse sentido, fui procurar o perfil do Mário que fez esse vídeo⁴⁵ no *Facebook* e achei o vídeo: assisti ao vídeo várias vezes para facilitar minha percepção. Mário, ao iniciar o seu vídeo, alegou que Domingos Simões Pereira, presidente do PAIGC, *é um candidato que está preparado para assumir a liderança do país pela sua inteligência e capacidade de falar português*, ao passo que Umaro Sissoco Embaló *ainda não está preparado para ser o presidente do país porque nem sabe falar o Português e nem tem o ensino superior*. Mário é militante do PAIGC que fez campanha para o Domingos Simões Pereira, em Portugal, e nunca acreditava que o seu partido ia ser derrotado pelo Sissoko Embalo. Como ele afirma:

Nós não vamos aceitar esta vitória nunca e nem vamos deixar um cidadão que nem é da origem da Guiné-Bissau mandar nesse país. Esse país não é dos Fulas, a raça fundinho não vai mandar em cima de nós. Fiz campanha para Domingos e vi o quanto ele podia ganhar essa eleição, esse presidente é um dubriado⁴⁶ qualquer⁴⁷, se não fosse dobragem que ele fez a vitória será de Domingos nosso presidente. (MÁRIO, 10 de agosto de 2021).

Ao longo da escuta do vídeo, percebi que Mario, como militante do DSP, não dirigiu esse vídeo somente para o presidente Umaro Sissoko Embaló, que venceu as eleições de 2019 contra Domingos Simões Pereira, mas sim fez a generalização, insultando todos os Fulas que vivem em Bissau, alegando que todos não são da Guiné-Bissau.

Nesse sentido, Mário falou com tanto ódio sobre a vitória de Umaro Sissoco Embaló e a derrota de Domingos Simões Pereira. Para ele, *o Umaro Sissoco Embaló não pode ser presidente da Guiné-Bissau, porque não sabe falar bem Português e nem possui o ensino superior, como o presidente Domingos que está fazendo doutorado em Lisboa*, disse ele. Em outras palavras, também observei que a fala do Mário trouxe uma revolta muito grande para todas as pessoas da etnia Fula natural da Guiné-Bissau nas redes sociais.

Entretanto, nesse dia, muitas pessoas da Guiné-Bissau, que vivem fora e dentro do país, acessam as redes sociais para dar a resposta ao Mário que insultou, no seu vídeo, todos os

⁴⁴ É um país africano que faz fronteira com a Guiné-Bissau.

⁴⁵ Vídeo disponível em: <https://fb.watch/243iOLH2bv/> Acesso em: 10 de agosto de 2020.

⁴⁶ Significa as pessoas que fazem malandragem para conseguir uma coisa.

⁴⁷ São as pessoas que fazem malandragem, para conseguir uma coisa.

membros da etnia fula. No vídeo do Mario, tinha vários comentários sobre esse ato de fazer *tribalismo*, generalizando todos os meus membros de uma etnia.

Deparei-me com um comentário de um rapaz, de nome Adão, que vive no Brasil, fazendo crítica ao vídeo do Mario. Para Adão, *é uma tristeza ver um jovem, que possui uma formação superior, falando assim na rede social, apoiando um ato político desse tipo, fomentando os discursos de tribalismo na rede social só porque o seu candidato perdeu a eleição. Para ele, os guineenses falam tanto da democracia mas ninguém sabe respeitar a opinião de outros e viver civismo.*

Adão afirma que:

Por causa da política ou da promessa de um político é triste e patético ver e ouvir esse tipo de barbaridade na rede social. De representação, de dizer que o fulano que ganhou a eleição é da etnia Fula, por isso que, tem que falar mal para todos os membros da etnia fula? Estou fazendo essa pergunta para você Mario, será que só os Fulas que votam no presidente Umaro Sissoco Embaló? Pronto, mesmo se os Fulas votam em massa no Umaro Isso Embaló, mas você Mario não tem direito e poder de falar mal para todos os membros da etnia fula. E não só votos dos fulas que podem fazer o USE ganhar a eleição, é claro que outras etnias também votam para a vitória de USE e os reconhecem como presidente (ADÃO, 09 de agosto de 2020).

A generalização étnica é uns dos principais fatores que marcaram as eleições de 2019/2020; na fala de Adão, percebi que, em alguns casos, os votos são totalmente dispersos, mas, que às vezes, *os militantes de cada partido esquecem disso*, disse ele. Para USE, ganhar a eleição não depende somente de votos da sua etnia fula *e nem da representação partidária, mas sim também os membros e políticos da outra etnia votaram nele para ganhar essa eleição, somente os votos da etnia fula não pode fazer o USE ganhar*, disse ele.

Em outras palavras, Adão apelou que todos os guineenses parem com esse tipo de fazer política falando mal de outra etnia, *até porque etnia não tem nada haver com a eleição e nem da política, quem sabe fazer a política não fala mal de outra etnia, para fazer ganhar o seu partido*, disse ele.

Para Adão, alguns militantes partidários da Guiné-Bissau ainda não sabem o que é democracia e liberdade de expressão: *esse país não tem espaço para racistas e fundamentalistas que confundem ser militantes para fomentar o ódio entre as etnias*, disse ele.

Adão se orgulhou de ser fula e manifestou o descontentamento sobre o vídeo de Mario: *fiquei chateado com este vídeo, mas para mim não tem problema, será que outras fulas vão se sentir bem ao ouvir esse vídeo?* disse ele. Adão alegou que não tem problema porque ele já tem conhecimento da consequência disso para a sociedade guineense. Mas para outras pessoas da etnia, ouvir isso pode trazer problemas e guerra entre a etnia fula com membros de outra etnia da Guiné-Bissau.

Outro vídeo que analisei foi de um jovem da etnia fula, militante de MADEN-G15, do nome Nando⁴⁸, dando a resposta ao vídeo de Mario, alegando a insatisfação de ouvir um cidadão que quer bem para Guiné-Bissau falando de uma etnia, manifestando o seu descontentamento sobre a vitória do USE. Para ele, *a política agora está se tornando cada vez mais perigosa na convivência guineense*, afirmou ele:

Eu particularmente nunca vi uma eleição igual essa de 2019/2020, ninguém dos militantes de DSP querem aceitar a vitória desse presidente USE. Eu ouvi esse vídeo de Mario e agora entendi o porquê que os militantes de DSP não querem o USE na presidência, é porque os Fulas não podem ser presidente da Guiné-Bissau, isso está claro, porque alguns guineenses têm essa mania de dizer raça fundinho não pode mandar na Guiné-Bissau. Agora que a raça fundinho tomou o poder e muito estão reclamando da vitória. (NANDO, 09 de agosto de 2020).

Em outras palavras, Nando mandou recado para o Mario no seu vídeo, convidando ele para estudar a história da Guiné-Bissau e conhecer a origem da etnia Fula e todas as etnias da Guiné-Bissau. *Os fulas são cidadãos puros da Guiné-Bissau, cidadãos que lutaram em massa pela libertação nacional e porque eles não podem mandar neste país?* Disse ele.

Os pleitos eleitorais de 2019/2020 levaram muitas pessoas a fomentar os discursos de ódio e fundamentalismo religioso e étnicos; no vídeo de Nando, analisei algumas palavras muito fortes e sua resposta ao vídeo de Mario. Para Nando, *o Mario é da etnia mancanha e os mancanhas nunca foram aliados dos fulas*, disse ele. Por isso, que todos os mancanhas não querem aceitar a vitória de USE.

Nesse sentido, também pude analisar a resposta de Nando que foi dirigida com muito ódio e generalização, acusando todos os membros da etnia mancanha que não querem a vitória de USE e todos os membros da etnia mancanha não querem ver o sucesso dos fulas e nem de estar no poder. Para Nando, aqui na Guiné-Bissau, *os mancanhas sempre tem a inveja dos fulas, mas agora querem ou não querem a vitória o USE já é presidente de todos os guineenses*, afirmou ele.

No vídeo de Nando, tinha muitas pessoas comentando: um rapaz, de nome She, comentou no vídeo e alegou que o DSP perdeu as eleições que é muito querido de praça (cidade). *Sinto muito por nós e todos nós somos vítimas disso, desse tipo de pensamento tribalista*, comentou ele.

Desde a eleição de 2000 até agora as pessoas fundamentam esse tipo de tribalismo. Quando o Kumba Yala ganhou a eleição de 2000 a sociedade marginalizou os Balantas. Em 2014 o Jovem ganhou a eleição os Manjacos foram marginalizados. Em 2019 o PAIGC perdeu o deputado na maioria absoluta no parlamento pelo

⁴⁸ Informação disponível em: <https://www.facebook.com/100010919049964/videos/1154738408233450/>. Acesso em 20 de janeiro de 2021.

MADEN-G15 a etnia Mandinga foram marginalizados e agora os USE ganhou as eleições os Fulas foram marginalizados de novo. Pergunto até quando a sociedade vai com esse tipo de tribalismo? Será que esse país é só para o PAIGC mandar e sair na hora que quiser? Militantes do PAIGC deixam de fazer tribalismo falando mal das raças, não é assim que faz a política, criam a estratégia de mobilização de uma forma transparente e não de falar mal de raça para conseguir os eleitores e votos (SHE, 09 de agosto de 2020).

No comentário de She, pude analisar que a generalização étnica, nos pleitos eleitorais, faz-se de acordo com a vitória de cada presidente e sua etnia, uma vez que, se o presidente da etnia Fula venceu as eleições, a sociedade generaliza todos os membros da etnia Fula; por sua vez, se o presidente da etnia balantas venceu a eleição, a sociedade generaliza todos os Balantas e assim sucessivamente.

O outro comentário que vi no vídeo de Nando é de um jovem, cujo nome é Boss, o qual alegou sua insatisfação por ver essa prática de *tribalismo* na Guiné-Bissau. Para ele, os Sissoko venceram a eleição não somente com o voto dos Fulas, até porque o DSP do PAIGC é mais votado na região leste, (cidade dos fulas). Para ele, *desde 1994 a etnia Fula votou mais no PAIGC até hoje em 2019 com criações de vários partidos no país.*

Em outras palavras, *o PAIGC sempre venceu as eleições na zona leste e nunca acusou os fulanes de tribalistas e agora que o USE venceu a eleição de 2019 e estão falando que os Fulanes são tribalistas. Essa é a primeira vez que vi o PAIGC e seus militantes abraçaram esse tipo de política, isso e não política, afirmou ele.*

A eleição de 2019, para mim foi uma das piores eleições que ocorreram na Guiné-Bissau, onde os povos esqueceram a unidade para fundamentar ódio e separação entre as raças, onde os povos levaram o ambição em frente e esqueceram da unidade para o avanço e desenvolvimento do país, cadê a unidade que o Cabral falou para nós? Agora na Guiné-Bissau somos todos intolerantes, racistas e não democráticos, traidores, ambiciosos, fazem a militância para o interesse pessoal e não em nome do bem estar de todas as populações (BOSS, 09 de agosto de 2020).

Na fala de Boss, percebi o quanto ele falou com ódio e decepção com alguns militantes de DSP nas eleições de 2019, também, na fala dele, percebi que, na Guiné-Bissau, a questão de regionalismo não funciona assim muito forte, uma vez que a maioria das populações da zona leste, onde residem, somente os Fulas, votaram em massa no DSP do partido PAIGC que sempre ganhou a eleição nesta zona desde 1994 e também pelo reconhecimento do símbolo do PAIGC que é parecido com da bandeira nacional da Guiné-Bissau.

Também pude perceber que, em algumas regiões da Guiné-Bissau, o PAIGC possui mais força, porque é um dos primeiros movimentos políticos que foi criado no país, na ocasião da luta pela libertação e o seu símbolo nos boletins de votos é fácil ser reconhecido por qualquer cidadão com relação ao símbolo de outros candidatos novos que surgiram recentemente como

no caso do partido MAIDEN-G15 que foi fundado recentemente por presidente Umaro Sissoco Embaló (USE)⁴⁹

Nesse sentido, alguns partidos novos, que surgiram nas últimas eleições da Guiné-Bissau e como também o partido antigo PAIGC e seus militantes, arranjam uma forma de fazer a campanha de sensibilização nos bairros de Bissau e, principalmente, nas regiões do país mobilizando as pessoas, jovens e mais velhos, mostrando-lhes os boletins de votos e onde cada um ia votar. Lembrando que as pessoas que vivem no interior do país, a maioria não tem educação formal e nem sabem ler e escrever, a campanha de sensibilização a voto ajuda muito essas pessoas no momento de votação a reconhecer os símbolos de cada candidato no boletim de votos e a forma como votar também.

Porém, essa sensibilização, nas regiões da Guiné-Bissau, ocorre muito mais fácil do que no centro da cidade de Bissau, algumas vezes, as pessoas que vivem na região alguns não tem noção o que é a prática do *tribalismo* e aceitam com mais facilidade a sensibilização dos militantes a votarem nos seus partidos. Ao passo que, na cidade Bissau, as pessoas são mais sensíveis, problemáticos e atentos com alguns tipos de sensibilização de votos. Por isso, que, muitas das vezes, os militantes de cada partido político entraram em choque na cidade de Bissau por causa de mobilização e votos.

Boss contou que:

Com esse voto em massa da etnia Fula para DSP na zona leste e ainda tem gente dizendo que os Fulas são tribalistas? Porque o USE da etnia Fula ganhou a eleição? E porque os Fulas que votaram na DSP não optou pelo presidente da sua etnia? Isso é uma vergonha nacional em relação a toda essa palhaçada política e incompetência dos militantes que não sabem fazer sensibilização. Eu digo que nós somos Fulanis, guineenses, muçulmanos com orgulho do que fazer o USE já é presidente e nunca vamos abdicar do direito que a democracia nos deu, que é o direito da escolha. Guiné-Bissau em primeiro lugar sem exceção das raças ou credos, todos somos iguais perante a nossa pátria amada Guiné-Bissau. Viva a unidade nacional. Abaixo os tribalistas e fundamentalistas. (BOSS, 09 de agosto de 2020).

Na fala de Boss, pude perceber que, nas eleições de 2019/2020, os militantes de MADEN-G15 e do PAIGC entraram em contradição e conflitos na forma de sensibilização dos votos – quando o USE venceu a eleição os militantes de DSP não concordaram com o resultado publicado pelo CNE (Comissão Nacional de Eleição da Guiné-Bissau), isso permitiu que muitas

⁴⁹ O Movimento de Alternância Democrática (MADEM), é um partido formado em 2018 na Guiné-Bissau. Como foi criado por 15 dissidentes do PAIGC, chama-se também MADEM-G15. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/movimento-de-altern%C3%A2ncia-democr%C3%A1tica-madem-g15/t-48482092>. Acesso em 26 de outubro de 2021. Lembrando que a maioria dos partidos que existem hoje na Guiné-Bissau os seus membros eram afiliados no PAIGC e em algumas circunstâncias desistiram do PAIGC para fundar os seus próprios partidos.

peessoas entraram em conflito e discussões na rede social e como também nos bairros de Bissau, fundamentando os discursos étnicos e religioso, como podemos observar nas falas acima.

No dia 30 de janeiro de 2021, eu estava fazendo pesquisa dos vídeos que falam do *tribalismo* na Guiné-Bissau e vi um vídeo gravado no dia 29 de agosto de 2020⁵⁰ por militante de DSP, de nome Braima, compartilhado por um rapaz que tenho como amigo no Facebook, entrei nesse vídeo para conferir e deparei-me com o tema *tribalismo étnico e religioso*.

Braima iniciou o vídeo cumprimentando as pessoas e falou sobre a sensibilização do fomento do *tribalismo* na Guiné-Bissau; para ele, *nunca vamos desistir de falar sobre esse assunto que já está a chegar no auge na Guiné-Bissau, eu vim aqui para mostrar as pessoas nessa rede que tribalistas não somos nós populações, mas sim os políticos e principalmente USE*.

Para Braima, os políticos estão tentando mostrar que as populações são *tribalistas*, mas o povo guineense tem o conhecimento de que são os políticos que fomentam isso na sociedade guineense e não o povo. Ele fez esse vídeo para dar a resposta sobre a *introdução da língua árabe no sistema curricular de ensino guineense*. Para ele, não é novidade para algumas populações que estão acompanhando o grupo *tribalista* do presidente USE. Braima deixou muito bem claro que é opositor do presidente Sissoko Embaló, mas eles são da mesma etnia que é fula e apoiou o DSP porque sabe que ele tem mais a capacidade de ser presidente da Guiné-Bissau e não USE. *Por isso que ele não é tribalista. Se eu fosse tribalista vou apoiar o USE, mas como não sou tribalista decidi apoiar o presidente que não é da minha etnia e nem da minha religião*, disse ele.

Braima alegou que o presidente USE não está preparado, em termos de inteligência, para assumir a presidência do país e, desde quando ele criou o partido para a eleição de 2019/2020, *não para de fomentar o tribalismo entre as populações guineenses, assim como também é um golpista que tomou o poder e autoproclamou sua posse como presidente da república*⁵¹.

De acordo com o vídeo de Braima, o governo entrou no poder e quer mudar tudo que é da constituição da Guiné-Bissau, uma vez que a implantação da língua árabe, no sistema

⁵⁰ Informação disponível em: <https://www.facebook.com/100003905033420/videos/1823098077830342/>. Acesso em 30 de janeiro de 2021.

⁵¹ Quando o resultado de votos eleitorais foi anunciado pelo CNE que o Umaro Sissoco Embaló foi eleito como presidente da república, o DSP e seus militantes recusaram o resultado e entraram com processo judicial no tribunal de contas da Guiné-Bissau anunciando fraude de votos pela vitória da USE. Quando USE completou 3 meses da vitória após a eleição e a espera do resultado da investigação por parte do juiz do tribunal e sem sucesso, decidiu junto aos seus membros do partido ordenar a cerimônia de tomada de posse. Por vez dos militantes de DSP viram esse ato como um golpe de Estado e passaram a denominar o presidente como autoproclamado.

do ensino anunciado pelo ministro da educação Arceni Baldé⁵², não tem nada a ver com o nosso ensino, uma vez que as populações da Guiné-Bissau nem estão preparadas para assistir aulas em português que é a nossa língua oficial, imagina na língua árabe. *Isso é fomento do tribalismo e fundamentalismo religioso.*

Afirmou ele:

A língua árabe não tem nada a ver com a religião muçulmana, e muitos problemas que já passaram na Guiné-Bissau sobre etnia muçulmanas não tem nada a ver com a religião muçulmana e como também de peregrinação a Meca, as pessoas confundem a cultura com a religião e cultura árabe com a religião muçulmana e diferença entre língua árabe com alcorão são realidades diferentes que não tem nada haver. Para ele, a Arábia Saudita tem mais de 300 etnias e cada etnia possui sua língua própria e muitos não falam a língua árabe, apesar que árabe é a língua comum. (Braima, 29 de agosto de 2020).

Nesse sentido, lembrando que a África e, principalmente, a Senegâmbia, atual Guiné-Bissau, passaram por um processo de catequização do Islã e como também do cristianismo que foi considerado como um ato de colonialismo. “Nos séculos XIX e XX, o Islão tornou-se como a fé de um número significativo de africanos a sul do Sara” (ANTONINI, 2012, p. 23); hoje em dia, na Guiné-Bissau, possui as etnias que foram islamizadas e as etnias que passaram pela catequização cristã e formaram duas identidades religiosas diferentes no país e além das pessoas que não representam essas religiões, mas praticam suas religiões tradicionais de matriz africana.

O colonialismo foi para o Islão o que o Império Romano tinha sido para o Cristianismo, estabelecendo as condições adequadas para colher os resultados de um trabalho” missionário” decisivo de comerciantes africanos muçulmanos, pessoal administrativo ao serviço das potências coloniais, “sábios” membros de irmandades religiosas, professores e viajantes. Personalidades africanas muçulmanas bem informadas introduziram o Islão como solução para as necessidades locais específicas. Ao contrário da tendência dos muçulmanos dos tempos antigos, eles não têm planos para introduzir a língua árabe e fazer da civilização árabe a nova sociedade africana islâmica, com o Norte do Sudão a ser a única exceção. Os Africanos mantiveram as suas próprias línguas e identidades (ANTONINI, 2012, p. 23).

De acordo com essa citação acima, percebe-se que o processo de expansão islâmica, na África, ocorreu de uma forma diferente com o processo de colonialismo português e expansão do cristianismo que pretendia civilizar o povo de uma forma radical a adotar a cultura, religião e língua.

Porém, o processo de expansão islâmica, pretende somente expandir a fé islâmica para todos os africanos e não a introdução da sua língua e civilização para os povos islamizados,

⁵² O ministro da educação da Guiné-Bissau que implementou o estudo bilíngue português e árabe no ensino guineense é da etnia e religião muçulmana. Link da notícia disponível em: <https://www.rfi.fr/pt/guin%C3%A9-bissau/20200827-guin%C3%A9-bissau-quer-instituir-ensino-bilingue-portugu%C3%AAs-%C3%A1rabe>. Acesso em 20 de outubro de 2021.

por isso que os muçulmanos da Guiné-Bissau falam sua própria língua e não árabe, a fim de manter suas identidades enquanto povo diferente.

Em outras palavras, os muçulmanos se representam como guineense, porque são os pertencentes dos territórios guineenses que passaram por processo de colonialismo, resistência pacífica e luta pela libertação do país, apesar de serem diferentes com outras etnias em termos da identidade religiosa.

Atualmente, alguns muçulmanos da Guiné-Bissau que estão no poder achavam que seria necessário implementar a língua árabe como a língua que surgiu num processo histórico da expansão da fé muçulmana. De acordo com Braima, a introdução da língua árabe, na Guiné-Bissau, *é pensada justamente para dividir o povo, uma vez que o presidente USE disse num comício que os militantes de DSP são contra os muçulmanos e não querem que o muçulmanos estejam no poder no país*, disse ele. E, com a vitória de USE, que é da etnia muçulmana, quer introduzir a língua árabe no currículo escolar guineense para fazer todas as populações da Guiné-Bissau querem ou não querem se inserir dentro da cultura árabe e falar sua língua.

Nesse sentido, para Braima, o projeto da introdução da língua árabe, no currículo escolar guineense do governo do presidente USE, é pensado basicamente na discussão que surgiu nos pleitos eleitorais de 2019/2020 entre os militantes de DSP que são considerados contra os muçulmanos no poder e os militantes da USE que a maioria são da etnia muçulmana e o USE e seu governo pensou nesse projeto para conectar todas populações da Guiné-Bissau e principalmente os militantes de DSP que são acusados de contra os muçulmanos.

Braima contou que:

Falar que os militantes de DSP não gosta dos muçulmanos tomar o poder nesse país é uma especulação e até eu fui acusado de que estou insultando minha própria etnia e religião muçulmana a favor de DSP isso é uma mentira e especulação, apoiar um presidente não tem nada a ver com a religião, sou da etnia e religião muçulmana, mas isso não significa se eu apoiar DSP e recusar esse projeto da instrução da língua árabe no currículo escolar guineense é porque sou contra a religião da minha etnia, isso não tem nada haver é uma especulação que o próprio presidente USE tem na sua cabeça com seus militantes e quer convencer o seu povo de que tem o poder de fazer tudo que ele quer na Guiné-Bissau e fomentar o discurso de ódio e tribalismo (BRAIMA, 29 de agosto de 2020).

De acordo com Braima, *foi na base dessa especulação que o presidente USE e seus militantes querem exhibir o seu poder fortalecer o ódio entre nós a população e a sua teoria de nacala n'idan n'gore ma e tribalismo*, disse ele. Em outras palavras, para Braima, *USE e seus militantes estão se fazendo de vítimas, dizendo que o DSP e seus militantes são tribalistas, ao passo que quem são tribalistas é o próprio USE e seus militantes. Uma vez que consideram a língua árabe como a língua dos muçulmanos e o portugueses como a língua de cristão*, disse ele.

Por esse motivo, como a língua portuguesa já está oficializada como a língua nacional, agora com a tomada do poder do presidente USE, a língua árabe também tem que ser oficializada no ensino guineense para ter uma equidade linguística no país.

Para mim isso é errado, se a língua árabe for implementada para ser ensinado na nossa educação. Vimos que a gente está lutando para implementar a língua crioula como a língua do ensino para facilitar aos que não sabem falar bem o português e que tem a dificuldade na compreensão na escola e agora o ministro da educação vem com essa teoria de dizer que a língua árabe também vai ser ensinado na escola da Guiné-Bissau? Vamos parar com essa palhaçada de fomentar o tribalismo nesse país. Isso só porque o ministro da educação e o presidente são da etnia e religião muçulmana, por isso que estão fazendo isso no nosso país (BRAIMA, 29 de agosto de 2020).

Nesse sentido, Braima alegou que alguns assuntos religiosos, como peregrinação a Meca⁵³, não podem ser da preocupação do governo e tratado por eles, mas sim tem algumas associações religiosas na Guiné-Bissau que são responsáveis por essa questão, como as mesquitas (igrejas muçulmanas) e comunidades muçulmanas, islâmica e o governo não pode mexer nisso, visto que não é da responsabilidade do governo, como Estado laico e não religioso, que permite a liberdade religiosa de todas as populações guineenses e todos os grupos étnicos e ninguém pode trazer o domínio da sua religião no Estado da Guiné-Bissau contra outras religiões. Para ele, *o governo não pode tratar de assuntos financeiros de peregrinação a Meca e deixar de outras religiões, é verdade as outras religiões não vão se sentir bem com esse assunto, ou arranjar uma forma de financiamento*, disse ele.

Nessa eleição de 2019 eu vi muitas pessoas da religião muçulmana apoiando o presidente USE em benefício da religião para poder usufruir da bolsa para Meca, fui acusado de não gostar da minha etnia e religião por causa disso. Mas eu particularmente não vou apoiar nenhum presidente como o USE que não tem a capacidade de liderar o país por causa disso. Eu e a minha família, as maiorias estamos apoiando DSP que não é da nossa etnia e nem da nossa religião, mas estamos apoiando o DSP por causa da capacidade que esse presidente tem para trazer o desenvolvimento para o país não em trocas de benefícios religiosos ou por outros fins. Se eu quero ir a Meca eu trabalho e posso custear minha própria viagem a cidade Santa de Meca. Muitas pessoas hoje em dia na Guiné-Bissau não sabem separar a religião e a política que são duas coisas diferentes (Braima, 29 de agosto de 2020).

Na fala de Braima, pude observar que o apoio financeiro para viagem a meca, que o governo costumava apoiar alguns muçulmanos, possui a sua parcialidade e representação religiosa por parte do governo e, com o tempo, pode trazer problemas religiosos no país.

⁵³ É uma tradição islâmica, os muçulmanos viajam para cidade Santa de Meca todos os anos ou pelo menos uma vez na vida para seguir os preceitos religiosos. E alguns muçulmanos que não têm condições financeiras de custear sua viagem muitas das vezes fazem pedido ao governo ou em algumas instituições privadas do país para conseguir o dinheiro para custear sua viagem e outras que tem condições, viagem por conta própria. Também a religião cristão faz essa mesma tradição de peregrinação todos os anos em Bissau ou na região do país, às vezes acontecem fora do país, mas que não é tão custoso como da religião muçulmana para Meca.

Em outras palavras, a questão de representação religiosa e étnica do partido, às vezes, é vista de uma forma parcial e imparcial na relação política guineense, uma vez que Braima é da etnia e religião muçulmana e apoiou o DSP, que é da etnia e religião cristã pela questão democrática, civismo e não da representação religiosa e étnica. Mas alguns membros da sua etnia e religião não ficam bem com isso, acusando ele de ser contra e não gostar da sua etnia e religião muçulmana.

Braima, terminou o vídeo alegando que o presidente USE fez várias promessas, manipulou seus militantes com bens materiais dizendo que *tem dinheiro, avião, carros entre outros para trazer o desenvolvimento da Guiné-Bissau. Mobilizou os seus militantes e fez propaganda eleitoral enganosa com avião, dinheiro e carros que pegou emprestado dos seus homólogos internacionais para fazer campanha eleitoral na Guiné-Bissau e depois devolveu*, disse ele.

Após o anúncio do resultado final de segundo turno da eleição de 2019, em 1 de janeiro de 2020, na qual Umaro Sissoco Embaló (USE) venceu, Domingos Simões Pereira (DSP) com 53,55 dos votos, mas o líder do PAIGC DSP recusou o resultado alegando que *houve compras de votos e os resultados ferem a ilegalidade*⁵⁴ e entrou com processo judicial para reavaliar o resultado. Esse resultado extrapolou a convivência social guineense e trouxe várias divergências entre os militantes de DSP e de USE nas redes sociais e como também nos bairros de Bissau.

Também, nesse período, houve vários raptos e espancamento de alguns militantes e membros políticos, deputados e jornalistas por pessoas não identificadas. A Guiné-Bissau viveu um momento intenso com esse ato e com o anúncio da vitória de USE como presidente eleito. E esse caso de rapto começou a preocupar as populações guineenses que fazem *live* e trazem suas opiniões públicas como cidadãos.

Alguns militantes do DSP do partido PAIGC começaram a fazer acusações contra o presidente da república USE de que foi o principal agente envolvido nessa ação de violência e divisão do povo. Porém, o presidente USE repudiou essa acusação e diz que não está envolvido nesse ato e é contra qualquer tipo de ato de violência e apoia a liberdade de expressão e paz na Guiné-Bissau como presidente de concórdia nacional⁵⁵.

⁵⁴ Informação disponível em: [Janeiro 2020 – PROJECTO GUINÉ-BISSAU CONTRIBUTO \(didinho.org\)](http://www.didinho.org). Acesso em 22 de outubro de 2021.

⁵⁵ Informação disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/bissau-repudia-falsas-informa%C3%A7%C3%B5es-que-associam-pr-a-raptos-e-agress%C3%B5es/a-56919281>. Acesso em 22 de outubro de 2021.

Por esse motivo, alguns militantes do PAIGC e cidadãos guineenses manifestaram suas preocupações perante a situação de raptos e espancamentos, alegando que essa forma de violência e uso do poder é ser um ato de *tribalismo*, proibição da liberdade de expressão e democracia.

Neste âmbito, no dia 23 de maio de 2020, uma cidadã, de nome Antonia, residente no Brasil, fez uma *live*⁵⁶ no seu *Facebook*, manifestando-se sobre esse ato de violência contra as opiniões públicas das cidadão guineense alegando que:

Nesse vídeo fiz dois apelos, não a violência e o tribalismo. Porque tem crescido o uso de força (espancamento) contra os meus irmãos guineenses. Por isso pedi aos nossos dirigentes que buscassem o caminho de diálogo não a violência, também que parassem de instigar o tribalismo no País porque temos mais de 20 etnias e com o nosso histórico de guerra isso pode ser catastrófico (ANTONIA, 23 de maio de 2020).

De acordo com a Antonia, a questão do espancamento e uso de força no poder é assunto muito triste e traz muito incômodo para ela. *O abuso de poder e força não deveria existir na nossa sociedade com vasta diversidade étnica, e, a violência gera outra violência*, disse ela.

Em outras palavras, Antônia alegou que, se esse ato de violência continuar na política, vai chegar um momento em que a sociedade vai explodir, *porque ninguém quer ver a pessoa da sua etnia a ser espancado e rapto igual um animal*, disse ela. A liberdade de expressão deve existir na sociedade guineenses uma vez que a Guiné-Bissau é um país democrático, onde todos os guineenses têm direito de manifestar, escolher e repudiar, *mas agora na Guiné-Bissau ninguém pode falar mal de um candidato político um político é porque vai ter sua consequência*, afirmou ela.

Nesse sentido, de acordo com Antônia, os políticos instigam a violência entre as populações, dividindo a sociedade através de orgulho de dizer sou da *raça tal e aquilo*. *Nasci e cresci em Bissau e nunca tinha noção sobre a raça, e ninguém tinha essa noção sobre divisão da raça*, afirmou ela. Ser guineense é saber viver a mistura, não ódio e divisão, visto que são coisas que nunca se tinha visto antes na sociedade guineense.

Me lembro quando eu era criança, na nossa tabanca (aldeia) em Guiné quando existia um problema entre as vizinhanças, famílias e parentes e os mais velhos acordaram cedinho às 05-06 horas de amanhã, chamaram um aos outros e sentaram num tchemberem⁵⁷ conversavam entre eles sem barulho, procuravam uma forma pacífica de resolver seus problemas. Nós crianças acordamos de manhã e vi eles sentados e conversando no tchemberem e não nos deixávamos saber do problema. Era assim que

⁵⁶ Informação disponível em: <https://www.facebook.com/100001753875673/videos/2976890762379357/>. Acesso em 07 de janeiro de 2021.

⁵⁷ Aqui no Brasil nas comunidades indígenas se chama oca. Uma casa pequena e redonda feita de massa de areia, em algumas aldeias de Bissau é feita para cerimônias e reuniões familiares.

a sociedade guineense é feito naquela época, mas agora isso não existia mais é só desentendimento política violência em cima de violência entre raças, para onde vamos com essa política na Guiné-Bissau? (Antonia, 23 de maio de 2020).

Nesse sentido, na fala de Antônia, percebe-se que, antes, as populações da Guiné-Bissau não tinham noção do que era a etnia e nem da divisão étnica, coisas que começaram a serem aprimoradas nos períodos das eleições, sendo que as populações guineenses e principalmente os mais velhos tinham uma forma de conscientizar seus problemas sem mencionar suas etnias e religiões e muito menos causar a guerra e violências no seio das aldeias, *mas agora os políticos querem tomar o poder para usar a força e causar a violência, divisão e não sabem procurar um jeito pacífica para conversar e resolver os problemas*, disse ela. Como disseram Amselle e M'bokolo (2014, p. 33): “durante o período pré-colonial não havia nada que assemelha-se a uma etnia. A origem das etnias reside na ação do colonizador que, ao almejar a territorialização do continente africano, dividiu as entidades étnicas posteriormente reapropriadas pelas populações”.

Assim, percebe-se que, na fala de Antônia, que se está se referindo a um período antes e depois do colonialismo português em que a estrutura de homogeneização étnica é frequente até hoje, apesar que as etnias foram divididas territorialmente no período colonial, mas a solidariedade entre grupos diferentes, que partilham os mesmos territórios, é verificável e estão se intensificando cada dia mais através da mistura de casamentos entre as etnias que faz com que todas as populações guineenses sejam conjuntos desses interlaces étnicos independentemente da construção de um Estado-nacional que juntam todas as etnias numa só identidade, língua e cultura.

Na Guiné-Bissau, todo mundo se mistura, a gente festeja as festas dos muçulmanos e dos cristão em conjunto, existem casamentos de diferentes raças que permitem todos nos pertencem uma ou mais raça, mas agora, por causa da política isso está transformando cada dia mais numa divisão, pela força de violência e tribalismo que os políticos instigam na nossa sociedade tão unidos. Na Guiné somos iguais e irmãos de uma mãe e não pela raça, não há fula, mandinga, papel, manjacos etc. e todos somos de uma mãe, por isso não há tribalismo, abaixo os tribalistas. (ANTÔNIA, 23 de maio de 2020).

Por esse motivo, na fala de Antônia, percebi que a Guiné-Bissau é um conjunto de mistura que foi formada através da união e solidariedade que fortalece o casamento entre as etnias. E o casamento entre as etnias é uma das coisas mais ricas que existe na sociedade guineense que faz também um indivíduo pertence a uma ou mais identidade, motivo que faz com que o *tribalismo* não seja muito verificado na convivência guineense. *Por isso que estou apelando aos nossos políticos que preservem isso, queremos paz na Guiné-Bissau e não divisão, ódio e tribalismo como aconteceu na guerra de Ruanda*, ressaltou ela.

Entretanto, ao longo da escuta dos meus interlocutores, percebi que há várias interpretações da prática do *tribalismo* na sociedade guineense, também me fez perceber que algumas interpretações do *tribalismo* deriva do momento histórico de colonialismo, uma vez que a convivência das populações guineenses é totalmente enraizada na ideologia do colonialismo.

Nessa senda, segundo Geertz: “O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu,”. (GEERTZ, 1973, p. 04). Por esse motivo, cada grupo social e cultural possui sua forma de interpretação e como também criar os seus próprios significados para designar os seus símbolos, objetos, identidade e seus comportamentos.

Assim, considere-se que as interpretações e significados de algumas palavras configuram-se como um de tipo identidade e forma de explicar um tipo de comportamento que às vezes, nasce de uma circunstância histórica em que um determinado grupo social foi marginalizado, impregnado e coagido a interpretar-se alguns termos do tipo preconceituoso para se identificar e justificar sua pertença que não veio diretamente da interpretação de um determinado organização social e cultural.

Como Mafeje (1971) chama de “ideologia do *tribalismo*” que é a categoria histórica que predomina no pensamento social guineense ou de outras palavras que foram dados para um determinados grupos sociais e fizeram com que esses grupos tornaram-se reféns dessas ideologias históricas do colonialismo.

Nesse sentido, de acordo com relatos dos meus interlocutores e as definições dos autores que contemplam esses conceitos do *tribalismo*, percebi que o *tribalismo* é uma categoria política, histórica, exógena, divisionista e conflituosa.

Considerando que a Guiné-Bissau está composta por mais de vinte grupos étnicos diferentes e, dentre esses grupos, cada um tem o seu modo de organização social coletiva e cultural diferente e, ao longo dos períodos históricos de colonialismo, foram designados como povos "primitivos" e “isolados”. Assim, são vários estudos e definição sobre o *tribo/tribalismo* relacionados aos grupos sociais.

Em linhas gerais, de acordo com os meus interlocutores, podemos destacar que o *tribalismo* se faz de diferentes aspectos na relação social guineense no dia a dia, que é considerado como um *tabu* pelo fato de que não traz muita repercussão.

Para os meus interlocutores, é importante levar em consideração esses aspectos de fazer *tribalismo* na sociedade guineense, nos períodos das eleições, uma vez que alguns aspectos dessa prática começam a serem visíveis através das promessas dos políticos e interesse

dos militantes que acabam sempre com acusações, ódio, divisão e *tribalismo* entre as pessoas de diferentes etnias.

4 APRIMORAMENTO DA PRÁTICA DO *TRIBALISMO* NA ELEIÇÃO DE 2019-2020

Entre todas as eleições que já passaram na Guiné-Bissau desde 1994 o discurso do tribalismo nas eleições de 2019 foi assumido e declarado politicamente (Presidente 3, 28 de novembro de 2020)⁵⁸

Por um longo período do tempo, desde a primeira eleição de 1994, pensei que os pleitos eleitorais, na Guiné-Bissau, além de ser um período muito tenso para os guineenses na escolha dos representantes do Estado, é um período em que todas as populações se unem, independentemente da sua etnia ou religião, se fortalecem em busca do presidente que irá trazer o desenvolvimento para o país, assim como o bem comum para todos e não pelos interesses pessoais e promessas dos políticos. Porém, minha concepção mudou e se alterou em dezembro de 2019.

Quando deu o início dos pleitos eleitorais em 2019, comentei com meu esposo e colegas que a eleição de 2019 será uma das melhores eleição da Guiné-Bissau, pois vi as articulações dos jovens, adultos e principalmente dos que estão vivendo na diáspora, que disponibilizam os seus tempos e deixaram os seus trabalhos, estudos para voltar para Guiné-Bissau e fazer a campanha eleitoral e sensibilizar a sociedade sobre a eleição de uma forma justa, transparente sem conflitos, acusações e divisões.

Meu esposo e colegas me deram algumas pistas e me disseram para eu ficar de *olhos nessa eleição e as coisas não estão como você pensa*, eu insisto em dizer como assim? Essa eleição está tendo muito articulação dos jovens formados preocupados com o desenvolvimento do país e eles(as) estão fazendo vários debates e criação das páginas de sensibilização na rede social; assim é impossível de não correr bem, porque nós jovens somos os futuros da Guiné-Bissau e com essas páginas e rede de debates será bom para a nossa sociedade e os mais velhos vão poder ficar de perto sobre as notícias e situação do país e dos seus candidatos coisas que nunca tinha visto em nenhuma eleição na Guiné-Bissau desde 1994.

A eleição de 2019, na Guiné-Bissau, surpreendeu-me e, até agora, continuo indignado com alguns acontecimentos nessa eleição, pois percebi que, até então, não tinha aprendido suficientemente sobre algumas práticas do *tribalismo* feito nessa eleição. A pergunta que eu sempre fiz no meio dos pleitos eleitorais é: será que o discurso do *tribalismo* é fomentado

⁵⁸ Informação disponível em: <https://www.facebook.com/100027961306217/videos/680282632913774/>. Acesso em 20 de janeiro de 2021.

pelos políticos ou mesmo é uma acusação dos militantes ao presidente adversário? Essa é a pergunta que se pretende responder nesta sessão e abordarei os conflitos dos militantes no *Facebook*. Uma vez que alguns militantes do presidente (DSP) estão tentando fazer a sensibilização das pessoas votarem contra o presidente (USE) e os militantes de USE também ao seu lado disputando e sensibilizando os votos para o seu partido. Parece-me que a disputa foi grande, os militantes passaram 24 horas na rede social mandando indireta, acusando o partido e seus militantes e essas acusações vêm sempre com choques e discussões entre os militantes nas redes sociais.

O segundo turno da eleição presidencial dividiu por completo a população da Guiné-Bissau entre Domingos Simões Pereira e Umaro Sissoko Embaló. Famílias inteiras, imãs, padres, pastores, amigos, colegas, organizações da sociedade civil, movimentos de apoio aos candidatos derrotados na primeira volta e as próprias direções dos partidos segmentam-se em todas as regiões do país por ausência de uma visão clara sobre os projetos presidenciais dos dois candidatos⁵⁹.

E, ao longo da pesquisa, pude observar que alguns militantes, na diáspora, que se encontram em Bissau e como também aos que estão em Bissau para fazer a campanha eleitoral a favor da vitória do seu presidente do PAIGC, (DSP) foram acusados de assinar o pacto de negociação de fazer campanha para o DSP em troca de dinheiro e promessas de trabalho, assim que o presidente for eleito.

Em outras palavras, também os militantes de DSP acusaram o presidente USE de comprar os militantes com promessas de dinheiros, bens materiais, como carros, aviões entre outras promessas feitas pelo presidente para os seus militantes, motivo que fizeram com que o presidente fosse chamado *dubriado*⁶⁰ de votos e nessa *dubriagem* que venceu a eleição e levou inconformismo ao presidente do PAIGC e os seus militantes a não aceitar o resultado eleitoral elegendo a compra de votos pelo USE; fato que extrapolou a convivência das populações guineense, marcado pelos conflitos, *tribalismo*, acusações e raptos de violências entre os defensores de cada partido.

De acordo com Diário da Notícia da Guiné-Bissau, o Umaro Sissoko Embaló acusa Domingos Simões Pereira de não reunir as condições de ser o presidente da concórdia nacional que a Guiné-Bissau precisa nos próximos cinco anos. Domingos Simões Pereira, por sua vez, acusa Umaro Sissoko Embaló de não ter uma visão de mundo contemporânea para ser o

⁵⁹ Informações disponível em: <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/29-dez-2019/votos-etnico-e-religioso-vai-definir-novo-presidente-na-guine-bissau-11655504.html>. Acesso em 23 de novembro de 2021.

⁶⁰ Se refere a pessoa que faz malandragem para conseguir alguma coisa.

presidente da República a quem cabe o papel de acabar com a crise política e institucional em que o país mergulhou nas últimas duas décadas⁶¹.

Também observei o desentendimento de alguns cidadãos que não se identificam como militantes de nenhum partido e que somente escreveram suas opiniões sobre a eleição nas redes sociais.

Pude observar isso com meu esposo e colega por simplesmente escreveu uma chamada de atenção na rede social e, de repente, deparou-se com vários comentários e acusações no seu *post* de não gostar do seu país Guiné-Bissau e não quererem o desenvolvimento para o país só porque chamou atenção para os militantes de DSP para fazer a campanha de forma justa e evitar alguns rumores eleitorais sobre *quem tem escola e quem não tem escola como denominaram o DSP como doutor e pode ser presidente e USE não tem escola e não pode ser presidente* que estava acontecendo no auge dos pleitos eleitoral. E meu esposo, em discussões com o seu amigo, causou o desconforto, de sentimento até de bloqueio nas redes sociais, coisas que aconteceram com várias outras pessoas nessa eleição.

Este capítulo se detém em pensar como o *tribalismo* se gera nos pleitos eleitorais de 2019-2020 e lembrando que, para os meus interlocutores, o *tribalismo* que se faz nas relações sociais guineenses que é um *tabu* e se torna *visível* nos períodos eleitorais através das promessas dos candidatos aos seus militantes.

Por outro lado, objetiva descrever alguns acontecimentos que marcaram os pleitos eleitorais de 2019 que originaram o *tribalismo*, violência, acusações e divisão entre as populações nessa eleição.

Ao longo deste capítulo, pretendo demonstrar como a língua é um fenômeno fundamental na divisão dos povos e conflitos que marcaram as eleições de 2019 e como também as questões do discurso da importância da escola para eleger o presidente e aos que não tem a escola. Também se debruça a entender como os símbolos étnicos e religiosos se tornaram como fenômeno de propaganda eleitoral nos boletins de votos e como também sua na sua utilização para comícios nos bairros e regiões de Bissau pelos presidentes candidatos políticos.

4.1 Eleições 2019-2020: É lado, lado ou Unidade?

Em novembro de 2019, a Comissão Nacional de Eleições (CNE) da Guiné-Bissau liberou a campanha eleitoral para doze candidatos à disputa presidencial e, entre os doze

⁶¹ Informações disponível em: <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/29-dez-2019/votos-etnico-e-religioso-vai-defnir-novo-presidente-na-guine-bissau-11655504.html>. Acesso em 23 de novembro de 2021.

candidatos, estavam Domingos Simões Pereira, presidente do PAIGC, e Umaro Sissoco Embaló, presidente de Madem-G15, os quais foram os candidatos que possuíam mais forças e com mais números de eleitores que conseguiram votos significativos no primeiro turno de eleição para disputar a segunda volta.

No decorrer das campanhas, pude observar o quanto o país estava tenso e focado nas eleições para escolha do presidente que iria trazer a paz, desenvolvimento e progresso para a Guiné-Bissau. E a maior parte das populações tinham sua filiação partidária para apoiar o candidato da sua preferência.

Nesse sentido, os apoiantes de cada partido político criaram algumas páginas no *Facebook* e no *Instagram* que servem como suporte das informações referentes a mobilização e sensibilização dos votos e notícias sobre os candidatos políticos. Além disso, também houve várias criações dos perfis falsos do *Facebook* e *Instagram* dos apoiadores de cada partido com objetivo de vazar as informações acusativas sobre os candidatos políticos e os militantes adversários.

Ao longo da minha observação de campo, pude perceber embates políticos causados pelos militantes nas suas páginas do *Facebook* e no *Instagram*, uma vez que, o discurso de *tribalismo* foi uma das principais causas de acusações políticas nesse período. O civismo e a sensibilização política também derivam de uma acusação eleitoral, em que os próprios militantes criam ódios aos militantes adversários com opiniões contrárias sobre os partidos políticos.

Como aconteceu na *live* do interlocutor Braima, que estava oposto às ideias de propostas de candidatura do presidente USE, que é o presidente da sua etnia e religião, porém, na fala de Braima, alegou-se que foi acusado de não gostar da sua etnia e religião pelo fato de apoiar o presidente de outra etnia e religião e não só também pude observar algumas narrativas de divisões nas redes sociais e nas conversas com colegas.

Era sábado, dia 28 de dezembro de 2019, dia de reflexão eleitoral na Guiné-Bissau, recebi no *messenger* a chamada de uma amiga da infância, da etnia Fula, e, ao longo da nossa conversa, conversamos muito sobre a eleição que seria no domingo, dia 29 de dezembro, com um tom de brincadeira falei para ela vais votar em que partido? Ela me respondeu: *é claro que vou votar no Sissoko Embaló*⁶². *Porque aqui agora é lado*. Naquela hora fiquei sem saber de nada, perguntando de novo para ela, *lado a lado*, como assim?

⁶² Presidente de MADEN-G15 da etnia fula que ganhou a última eleição contra Domingos Simões Pereira do PAIGC da Etnia Balanta).

E ela, *lado, lado*, você não sabe? E eu, não sei disso, e ela *ok. Lado, lado aqui nesta eleição é que ninguém vai deixar de votar no presidente da sua etnia, os militantes de DSP estão dizendo que os fulas não pode ser presidente nesse país e agora que vamos mostrar isso que os Fulas podem ser presidente da Guiné-Bissau sim e vamos provar isso com USE na presidência*, disse ela.

Após a nossa conversa, fiquei pensando nessa narrativa de “*lado, lado*” e continuei fazendo minhas observações nas redes sociais. E analisei o vídeo de Braima, como já tinha dito na descrição em cima que, militante do Partido PAIGC acusou alguns grupos de pessoas da etnia fulas que foram receber o presidente Sissoko Embaló na sua visita em Portugal em 2020 – alegando de terem cometido o ato de *tribalismo* cantando em fula *ancala n’buia n’goré ma* (que significa “tem que gostar de si ou nós mesmo”). Quer dizer orgulhar e gostar de si mesmo, ou gostar do seu próprio grupo étnico.

Em outras palavras, durante minha observação pude observar o vídeo do presidente 3 que, na sua fala, levantou a questão do *tribalismo* como fenômeno visto desde o período de colonialismo na Guiné-Bissau, uma vez que *o Luís Cabral colocava os Cabo-verdianos para administração e os guineenses para luta e essa divisão é um ato de tribalismo e nepotismo que existia desde luta colonial e na eleição de 2019 isso é assumido politicamente*, disse o presidente 3.

Nessa senda, "os membros do PAIGC demonstravam um total despreparo em relação à administração do país, assente sob as bases da divisão administrativa colonial. A situação parecia indicar que não houve um preparo para a manutenção do poder, em detrimento da luta por conquistá-lo" (BIJAGÓ, 2011, p.46).

Nesse sentido, percebe-se que essa política de divisão administrativa, proposta no regime de Luís Cabral, forneceu a base de separação da Guiné-Bissau liderado pelo comandante de Guerra Nino Vieira, em que seu Osvaldo Vieira, na sua narrativa objetivava de colocar *cada Santchu na se pó* (cada macaco no seu galho) Gomes e Koudawo (2000), quer dizer vão acabar com todos os cabo-verdianos mestiços no poder na Guiné-Bissau e que atualmente essa narrativa ganhou outra denominação “*lado, lado*” que significa (grupo, grupo) quer dizer, cada um no seu grupo. Esse discurso é usado frequentemente na sociedade guineense no período eleitoral de 2019.

Note-se que o discurso de *cada santchu na si pó* se perpetuou nas eleições de 2019 como “*lado, lado*” que se constitui claramente o discurso de *tribalismo* e divisão que começou dentro do movimento PAIGC desde o período da luta pela independência e ainda mantém viva na sociedade guineenses.

Assim, as narrativas do “*lado, lado*” me proporcionaram um olhar na observação das eleições de 2019 como uma das eleições que ocorreu na base de divisão e conflitos, pode-se observar as questões de uso da língua crioula e portuguesa, nos debates eleitorais, que proporcionaram a formação do “*lado, lado*” – tem guineenses que estão no lado de uso da língua portuguesa e tem guineenses que estão de lado de uso da língua crioula. E essa formação de *lado a lado* acabou com discursos de ódio e ofensas dos militantes adversários em defesa do seu partido político.

Em outras palavras, pude observar também o discurso da escola. O discurso da escola entra como a narrativa mais comentadas pelos militantes na eleição de 2019 que forneceu a base da divisão e formação de *lado, lado* como pude observar, no campo de pesquisa, que alguns guineenses defendem a “escola” como fenômeno principal para o mandato de um presidente da república da Guiné-Bissau e aos que estão contra o discurso de *escola* dizem *escola ika nada* (escola não é nada), a favor de defender o seu presidente Sissoko que foram acusados de não ter nenhuma formação superior e nem concluiu o ensino médio que também proporcionou o debate de *lado lado*.

Nesse sentido, na fala do meu interlocutor presidente 3, na sua *live*⁶³, manifestou sua insatisfação com alguns acontecimentos que marcaram eleição de 2019 e alegou que essa eleição foi uma das piores que já aconteceram desde 1994, em que o discurso de *tribalismo*, acusações e ódio são fenômenos da divisão do povo guineense nesta eleição. Como afirmou ele:

Na minha experiência que eu tenho sobre o processo eleitoral desde 1994 como presidente e candidato nunca tinha visto as coisas que aconteceram com o povo guineense nesta eleição de 2019. Parece que as coisas estão piorando cada dia mais e a nossa democracia está se afundando cada dia mais. Nesta eleição estou pensando de onde o povo guineense vai chegar com esse ódio, divisão e fomento de tribalismo? Cadê aquela unidade que o Cabral falou no período da luta? Vamos pensar bem povo guineenses, vamos pensar na unidade e progresso em vez das promessas políticas, isso não nos levará a lugar nenhum. Nós guineenses precisamos urgentemente colocar a unidade em primeiro lugar e Guiné-Bissau em primeiro lugar. (Presidente 3, 28 de outubro de 2020).

Nessa senda, percebe-se que, no período das eleições, é impossível verificar a unidade entre o povo guineense através das promessas políticas e luta pelo poder. Também pude observar que a juventude guineense, hoje em dia, pretende mais se filiar no partido com o principal objetivo das promessas do emprego. Coisas que ouvi várias vezes nas narrativas dos meus interlocutores em algumas postagens no *Facebook* e como também dos estudantes que

⁶³ Informação disponível em: <https://wwczw.facebook.com/100027961306217/videos/680282632913774/>
Acesso em 28 de outubro de 2020.

estão vivendo na diáspora. Como dizem os meus interlocutores: *apoie o partido que irá oferecer emprego para os jovens*. Coisas que chamam muita atenção aos políticos, por isso que, quando querem mobilizar os eleitores, fazem promessas do emprego coisas que fazem com que os próprios militantes entrem em choque e divisão para defender o seu partido e beneficiar das suas promessas.

Em outras palavras, na minha observação, entendo que se filiar no partido político vai depender muito dos laços e afinidades com esse presidente, uma vez que a maioria não escolhe o partido pelas representações étnicas e nem religiosa, mas sim pelas condições financeiras de um partido, a sua forma de falar bem o português e de articular. Sendo que, na sociedade guineense, falar bonito é um sinónimo de *pega tesso*⁶⁴ e muitos apoiam o DSP pelo seu jeito de saber falar o português e articular bem nas entrevistas eleitorais. Como disse o interlocutor Braima:

Apoiei o DSP pela sua capacidade e a forma que ele fala bem o português e também por ser académico e doutor. Eu sei que ele é um presidente que está mais preparado para liderar este país do que USE. Para mim não tem como colocar no poder um presidente que não tem escola e nem sabe falar bem o português? Como esse presidente pode nos representar internacionalmente? Para mim não tem como e o DSP é um presidente nato que merece ser presidente nesse país. (BRAIMA, 23 de outubro de 2020)⁶⁵

Note-se que esse discurso de se filiar num partido que sabe bem falar o português e que tem a escola, levou a sociedade numa divisão, acusações ódio e *tribalismo* no período eleitoral de 2019, uma vez que os eleitorados de USE não se sentiram bem ao falar mal do seu presidente que não sabe falar o português e nem tem a escola para ser presidente da Guiné-Bissau.

Nesse sentido, essa narrativa proporcionou *lado, lado* e viralizou nas redes sociais e ao ponto de fomentar grandes problemas e divisões entre as populações. Essa narrativa dividiu a sociedade, uma vez que os militantes de DSP são classificados como militantes de *praça que sabem falar bem o português e tem a escola*; e aos que são os militantes de USE são chamados de burros porque apoiaram o presidente que *não sabe falar o português e nem tem a escola*. E nesse aspecto podemos verificar a divisão do povo na eleição de 2019.

⁶⁴ Na percepção guineense é designada a uma pessoa inteligente, que sabe tudo da escola e que fala bem o português.

⁶⁵ Informação disponível em: <https://fb.watch/5pDPjhWmS7/>. Acesso em 27 de janeiro de 2021.

4.2 *Viva escola versus escola “ika nada”.*

No dia 26 de dezembro de 2019, é sinalizado na Guiné-Bissau como fim das campanhas eleitorais e foi dado o prosseguimento com o último evento de debates eleitorais⁶⁶ para os dois grandes candidatos a disputarem o segundo turno das eleições– Domingos Simões Pereira, do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), e Umaro Sissoco Embaló, do Movimento para Alternância Democrática (MADEM G-15) – ficaram frente a frente de Tv, na Rádio, num debate público que durou duas horas, sendo que esse debate aconteceu 24 horas antes do encerramento da campanha eleitoral para apresentar suas propostas e projetos eleitorais para as populações guineenses.

Foi um dos debates políticos mais seguidos da história democrática da Guiné-Bissau. Mais de uma dezena de rádios estiveram em cadeia e transmitiram o embate que aconteceu um dia antes do término do período de campanha eleitoral para a segunda volta das presidenciais, marcadas para 29 de dezembro; foi através dessa transmissão, via *Facebook*, que eu tive a oportunidade de acompanhar de perto tudo que aconteceu nesse debate e ver as reações dos militantes através dos comentários que rolam em baixo da transmissão ao vivo.

Lembrando que, no início do debate, os jornalistas estabeleceram uma regra em termos da língua em que a pergunta será dirigida em português e os candidatos podem responder em língua que quiserem: pode ser em crioulo ou em português, sem exceção.

Nesse sentido, o DSP, por sua vez, escolheu dar as suas respostas em português. Porém, em duas línguas: uma vez que fala em português e usa o crioulo para esclarecer suas respostas aos jornalistas e as populações guineenses. E USE, por sua vez, falou somente em crioulo em resposta a perguntas dos jornalistas. E sentiu incômodo pela resposta de Domingos em português e rebateu: *Domingos, por favor fala em crioulo, para as populações que estão na ilha, nas outras regiões que não falam o português possa te escutar melhor.*

Fato que levou as populações a uma discussão danada nas redes sociais e os militantes de DSP aplaudindo a importância da escola e da língua portuguesa ao passo que os militantes de USE estão afirmando que a escola *ika nada e baixo a língua portuguesa*, fato que eu pude observar na fala dos militantes que estavam assistindo direto nos seus comentários alegando que:

⁶⁶ Informações disponíveis em: <https://www.facebook.com/obulumcanal/videos/445542273055290>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

DSP é o presidente nato, veja como ele fala e comporta, mais uma vez ele está nos mostrando que está muito bem preparado para liderar o país porque tem a escola. E o USE que procura voltar para escola para aprender ainda mais. A Guiné-Bissau não merece presidente que não tem a escola. (DEBATE ELEITORAL, 26 de dezembro de 2019).

Nessa senda, através desse comentário, de um militante de DSP, muitos guineenses questionaram a forma que os militantes de DSP estão fazendo a campanha eleitoral, trazendo os assuntos de *escola* e motivando a divisão do povo nesse momento; pude observar na fala de militantes de USE que:

Os militantes de DSP estão fomentando divisão mais uma vez na sociedade guineense. Para mim acho que esta narrativa de viva escola é uma divisão que vocês estão fazendo, uma vez que a Guiné-Bissau é um estado recém independente, onde ainda existem várias pessoas que não tem acesso a uma educação formal, uma vez a nossa sociedade antes de colonialismo não existia educação formal, e a maioria dos políticos que ocuparam as nossas instituições, que lutam para libertar a Guiné-Bissau não tem educação formal, e com a minoria que tinham o direito de acessar o ensino de quarta classe⁶⁷ e com suas experiências culturais e sem a sabedoria mínima do ensino formal, que conseguiram libertar o povo guineense. Se os militantes da DSP estão falando da escola hoje e com certeza vai ferir outras pessoas que lutaram para libertar o país que ainda são os analfabetos. E muitos desses analfabetos são os eleitorados e precisam de ser respeitados pelas suas visões políticas naturais sobre o país independente de ter a escola ou não (DEBATE ELEITORAL, 26 de dezembro de 2019).

De acordo com Namone (2014), a educação formal na Guiné-Bissau foi implementada em 1834 pelo governo liberal que assumiu o poder na Guiné portuguesa, mas esse não teve por objetivo abranger a maioria da população, atingindo apenas um reduzido número dos que residiam nos centros urbanos.

Nesse sentido, percebe-se que, antes da luta pela independência, não havia uma educação formal, mas sim a educação era da tradição oral africana, completada por ritos de iniciação e pela transmissão de símbolos que sustentam a produção de significados (HAMPATÉ BÂ, 2010, p.181-218). E, em toda a África ao sul do Saara, na Guiné-Bissau em particular, a forma mais profunda de transmissão dos conhecimentos se manifestava através dos ritos de passagem ou rito de iniciação (HAMPATÉ BÂ, 2010).

Ainda hoje, existe essa forma de transmissão dos conhecimentos, sobretudo nas zonas rurais, em que esses ritos ocorrem em sítios reservados especialmente para a sua realização na Guiné-Bissau, chamados de “barraca de fanado⁶⁸”. Essa forma da educação é

⁶⁷ No período da luta pela independência o projeto educativo do Paigc era até quarta série do ensino fundamental aqui no Brasil, mas na Guiné-Bissau é designado quarta classe.

⁶⁸ O fanado é um ritual de iniciação extremamente valorizado pelas comunidades guineenses que ocorre entre quase todas as etnias, mas cada etnia tem a sua forma de realização de acordo com as demandas culturais de cada grupo específico. Nas etnias da religião muçulmana ocorre de diferentes formas onde os meninos e meninas todas participam desse processo. Nas etnias da religião cristã é realizada somente pelos meninos e as meninas têm sua

realizada pelas pessoas mais velhas, consideradas detentoras do saber. Podemos admitir que se trata de uma educação informal valorizada pelas comunidades que a praticam, tendo em conta o seu valor na transmissão de conhecimento de geração em geração, nesse sentido, esse tipo de educação vai além da educação escolar e, por isso, ela se realiza até hoje na Guiné-Bissau.

Para além do momento dos ritos de iniciação, a transmissão de conhecimentos é feita também de diversas formas, podendo ocorrer ao ar livre, à noite, em volta da fogueira, nas reuniões com os mais velhos ou sábios, que podem contar muitas histórias dos tempos dos seus antepassados. Essas histórias não estão escritas, são narradas. Por isso, existe um ditado que diz: “na África, quando um velho morre é uma biblioteca que desaparece” (HAMPATÉ BÂ, 2010).

Entretanto, a educação, no período pré-colonial, transmitida oralmente, como diz Cá (2008), carrega um dinamismo vital, comunica-se e prolonga-se até chegar ao indivíduo e ao grupo, cumprindo, assim, uma importante função sociocultural, pois no pensamento negroafricano, a tradição oral é o laço que une os vivos aos antepassados. Nesse sentido, a literatura oral foi sempre uma grande riqueza para os povos africanos, porém, essa forma de educação foi objeto de repressão colonial.

Os colonizadores pretendiam eliminar as formas de transmissão dos conhecimentos das populações autóctones e incutir nas suas mentes a cultura dita “civilizada”, obrigando-as a abandonar as suas culturas. Mas, apesar dessa repressão, às culturas tradicionais africanas resistiram ao período colonial, tendo sido praticadas na clandestinidade, nos espaços distanciados daqueles ocupados pelos colonizadores. Até hoje, na Guiné-Bissau, essa forma de educação está ainda presente no cotidiano de uma grande parte da população, especialmente nas zonas rurais do país. (NAMONE, 2014).

Sendo assim, de acordo com meus interlocutores, aos que representam como militantes de DSP, apoiaram a importância da escola (educação formal) como fenômeno que traz o desenvolvimento e o progresso da Guiné-Bissau, fato que levaram muitas pessoas, que não tem conhecimento formal, ou melhor, não tem acesso à escola, revoltaram-se e protestaram contra o uso dessa narrativa na eleição de 2019, alegando uma suposta divisão e *tribalismo* cometidos pelos militantes de DSP. Como afirma um jovem no comentário feito no debate eleitoral:

Para mim essa narrativa não passa de ser um discurso de tribalismo e divisão, Uma vez que a nossa sociedade antigamente não existia esse tipo de educação e os nossos

forma específica de ser educada. O ritual do fanado pode durar até seis semanas e culmina com a excisão das meninas e dos rapazes.

avós, e antepassados não conhecem o que é a escola. Mas através das suas formas de educação oral que eles conseguiram lutar e resistir para libertar a Guiné-Bissau. A educação formal é uma coisa ainda muito recente na nossa sociedade, uma vez que a maioria dos nossos deputados que estão na Assembleia Nacional Popular são analfabetos e como também alguns ministros e funcionários que estão no poder nas nossas instituições são analfabetos que não tem a educação formal agora que eles estão aprendendo sobre a escola dos brancos. E nas nossas regiões ainda a escola dos brancos não atingiu muito essa zona, mas sim continuaram ainda com as suas formas de educação oral. Se os militantes de DSP estão falando viva escola é porque são inocentes e estão pensando como na era colonial que os portugueses massacraram as populações guineenses através dos seus valores tradicionais e essa narrativa de escola nesse debate eleitoral, isso não passa também dessa forma de violência moral que os militantes de DSP estão fazendo para as populações que não tem o privilégio de acessar a educação formal, mas que são eleitores e suas visões políticas merecem respeito e o próprio presidente USE merecem o respeito como candidato eleitoral e general do povo. (DEBATE ELEITORAL, 26 de dezembro de 2019).

De acordo com meus interlocutores, que se apresentam como militantes de USE, protestou-se contra esse ato de *viva escola* como um ato de *violência moral* uma vez que, para os portugueses, conseguiram assimilar a sociedade e foi um momento de muita violência repressão dos costumes tradicionais dos nativos guineenses, causas que levaram a formação do movimento PAIGC a lutar contra esse ato de violências e humilhação dos nativos que se apegam nas suas culturas e tradições.

Nesse sentido, nota-se que o sistema colonial, na Guiné-Bissau, dividiu a sociedade guineense baseado numa estrutura de assimilação e, para ser chamado como assimilado, obrigatoriamente, tem que ter a educação formal, saber ler e escrever e assim ganhar os privilégios sociais como consta na lei dos indignados. Essa “imposição da cultura portuguesa, que produzia nos indivíduos uma tal alienação que os levava a rejeitar os seus valores e instituições tradicionais por causa da sua suposta inferioridade” (MENDY, 1992, p. 278).

Nessa senda, de acordo com a minha observação, a sociedade guineense é uma sociedade em que essas categorias de alienação ainda são presentes nas suas convivências no centro urbano, uma vez que a educação formal tem essa potência de fazer assimilar o indivíduo e como também fazer esse indivíduo a rejeitar tudo aquilo que é chamado de tradição.

A eleição de 2019 trouxe à tona essa discussão e pude observar a rejeição das pessoas que ainda são apegados aos seus valores tradicionais, como no caso das populações que vivem no interior, região que não tem uma educação formal, mas que são pessoas que cumprem com seus direitos cívicos como guineense e que lutam pela liberdade da Guiné-Bissau e que, com certeza, o discurso de *viva escola* inferioriza essas pessoas e causa a desigualdade do povo guineenses. Como foram colocados pelos meus interlocutores, *lado a lado*, os militantes de praça, que tem *a escola* contra os militantes da região que não *tem a escola*.

Em outras palavras, a escola possui grande importância na vida de um ser humano, isso ninguém pode negar, assim como também nas mudanças sociais que, hoje em dia, o capitalismo e a modernidade abrangeu o mundo inteiro, mas podemos pensar que antes do colonialismo e da modernidade chegarem à Guiné-Bissau, já existia uma estrutura de organização e tradições, no modo educacional que a maioria dos indivíduos ainda praticam e a educação informal e não formal são coisas que devem ser valorizada para evitar a diferença e divisão do povo guineense e principalmente no período eleitoral.

4.3 Língua portuguesa verso língua crioula

Hoje está tudo mudado na Guiné-Bissau e todo mundo quer falar bem o português para se achar intelectual e ter privilégios. Frase que eu ouvi várias vezes nas *lives* e como também nas palavras com colegas nos pleitos eleitorais de 2019.

Nesse sentido, “a língua portuguesa é falada somente no centro urbano, sobretudo na capital, nas comunidades socialmente privilegiadas, pode-se observar que o domínio da língua oficial é motivo de prestígios sociais” (AUGEL, 2006, p. 80) na sociedade guineense.

O debate eleitoral de 2019 proporcionou as discussões dos militantes do uso e não uso da língua crioula e portuguesa no debate eleitoral e viralizou nas redes sociais. Os militantes de cada candidato em disputa entraram numa discórdia do uso dessas duas línguas.

Considerando o uso da língua crioula e portuguesa nos debates eleitorais, alguns militantes analisaram como forma de *tribalismo*, uma vez que as pessoas que vivem na região do país que não se adequa dentro desta perspectiva linguística – uma vez que a maioria não fala crioulo e nem português, mas sim falam sua língua étnica.

Para os meus interlocutores, o fato de como essas pessoas, residentes na região do país, podem se situar no debate e ouvir as propostas dos seus candidatos políticos? Para esses militantes, é importante falar língua crioula e língua no debate eleitoral porque é a única língua que facilita a compreensão entre diferentes grupos étnicos com características culturais e linguísticas diferentes e a inclusão dos intérpretes das línguas étnicas para facilitar as pessoas que residem na região do país que não falam a língua crioula e nem português.

Em outras palavras, alguns militantes concordaram que o uso da língua portuguesa é importante ser usado nos debates eleitorais porque é a língua oficial do país que facilita a compreensão com exterior e com países dos Palops e como também das comunidades internacionais que apoiam os processos eleitorais na Guiné-Bissau. Também, consideram que

o candidato que sabe falar bem o português é que está mais preparado para administrar o país e representar o povo guineense nos eventos internacionais.

De acordo com os meus interlocutores militantes da USE, pude observar que o uso da língua portuguesa e crioula é uma estratégia política adotada pelos dois candidatos. Uma vez que os políticos, às vezes, problematizam a questão da língua nos seus debates para atrair os seus militantes ao ponto de conquistar o poder e trazer a divisão entre as populações guineenses. Na perspectiva de Amselle e M'bokolo (2014), o *tribalismo* deriva da estratégia de “dividir para conquistar”, e os políticos adotaram também essa mesma forma de conquistar através de usos das línguas e promessas para chegar ao poder e ter respetos e privilégios sociais.

Por esse motivo, percebe-se que a língua crioula é uma língua comum na Guiné-Bissau, quase é falada pelas maiorias das populações guineenses residente no centro urbano e pelas minorias nas regiões. Também é uma língua que une a subcultura nacional guineense. Ao passo que a língua portuguesa é a língua oficial da Guiné-Bissau usada pela administração do país, uma vez que a sua consolidação é falada pelas minorias das populações do país, ou melhor, é usada nas instituições do Estado e, principalmente, nas escolas do país. Porém, mesmo assim, alguns funcionários e professores preferem falar em crioulo nessas instituições para facilitar a compreensão da fala.

De acordo com Augel (2006), o crioulo da Guiné-Bissau surgiu no século XVI através do contato entre os navegadores portugueses e as populações locais que possuíam suas diversidades étnicas e linguísticas. Nesse sentido, o crioulo surgiu na tentativa de comunicação entre os comerciantes mandinga, fula no golfo da guiné e os portugueses. Por isso, o crioulo ganhou muitos léxicos da língua portuguesa (AUGEL, 2006). Note-se que o crioulo deriva de duas misturas sociais, sociedades lançadas e grumetes. Como explica (Benjamim Pinto Bull, 1989) e (Jean Louis Rouge, 1986) apud, (Mané, 2017):

O crioulo antigo entre a sua formação, fins dos séculos XV e XVIII, era o crioulo falado nas vilas então existentes, onde vivia os lançados e os grumetes”, enquanto que o autor Jean Louis Rouge explica que através das sociedades grumetes e lançados que desenvolvia o kriol (crioulo) (BULL, 1989, p.78; ROUGE, 1986 *apud* MANÉ, 2017, p. 24).

Nesse sentido, segundo esses autores acima, os lançados e grumetes são aqueles portugueses que estão afastados da sociedade colonial portuguesa e os mesmos contribuem na resistência e promoção da língua crioula, uma vez que controlavam e exerciam várias atividades do comércio. Vale enfatizar que a região de Cacheu é a primeira capital instalada pelos

portugueses através do comércio estabelecido nos rios Geba e casamance que veio a ser um berço da cultura crioula onde surgiu o primeiro “krioul de guiba”⁶⁹.

Como afirma Mané:

A exemplo da cidade de Cacheu tornou-se o berço da cultura crioula da Guiné portuguesa, sendo a primeira capital instalada pelos portugueses através do comércio estabelecido nos rios Geba e Casamance. Essa primeira parte da Guiné portuguesa com o posto administrativo em Cabo Verde. (MANÉ, 2017, p. 24).

Por esse motivo, devido à mudança de capital regida pelo interesse comercial dos colonizadores portugueses em “cada cidade na Guiné portuguesa, veio a desenvolver o seu próprio crioulo” (MANÉ, 2017, p. 24).

Em meados de século XVII e XVIII, o capital foi transferido para Bolama Sul do país, daí surgiu a crioulo de Bolama e assim sucessivamente o crioulo vem desenvolvendo sua pronúncia de acordo com cada região e capital. Como salienta Mané:

O crioulo teve seu auge de novo a partir dos anos 1961 no processo da luta armada para independência, a língua guineense conheceu grande expansão durante a luta de libertação, ela conseguiu, no entanto, constituir-se como um elemento de resistência com mais destaques nos movimentos nacionalista que contestam a independência. (MANÉ, 2017, p. 24).

A intensificação da língua crioula, no período de luta armada pela independência, não tinha sua consolidação expressa pelas populações por ser uma língua nova e de contatos para se comunicar com os colonizadores portugueses. Nessa perspectiva, entende-se que algumas populações passaram por alfabetização para compreender o crioulo e facilitar a comunicação com os outros e aderir ao movimento da luta.

Como aponta (Augel, 2006):

[...] o crioulo na época não era expresso amplamente pela população, tendo em conta isso, foram feitas. Uma alargada alfabetização, tanto das crianças como dos adultos feita naturalmente em crioulo. [...] A alfabetização foi feita para que a população que teve acesso à informação pudesse compreender o que o levava a aderir ao movimento contra o poder colonial, nesse caso os adultos no interior do país, portanto, o crioulo é mais falado na zona urbana de capital Bissau, enquanto que nas zonas rurais continua viva a língua étnica predominante. (AUGEL, 2006, P. 71).

Note-se que as pessoas que nascem e vivem no interior do país aprendem primeiro a falar suas línguas étnicas. Essas pessoas aprendem a falar a língua crioula, na capital, por ocasião de deslocamento de região para cidade para cruzar o estudo no liceu⁷⁰ Isso resulta de uma estimativa de 20% das populações que vivem no interior que não falam o crioulo. E ao

⁶⁹ É o tipo de crioulo mais profundo falado pelos nossos antepassados, vovós e vovôs antes da sua influência moderna.

⁷⁰ Instituição do ensino médio na Guiné-Bissau.

passo que o português, que é a língua oficial, é falada pelas minorias no centro urbano. Porém, “o crioulo a língua corrente no país sem prejuízos para as línguas étnicas” (AUGEL, 2006, p. 80).

Nessa senda, na base dessa afirmação, e de acordo com a minha observação de campo, o crioulo, sendo uma língua que não traz o prejuízo para as línguas étnicas, traz a união e entendimento entre diferentes grupos étnicos da Guiné-Bissau, e ainda não é aceitável nas instituições do país, uma vez que as instituições da Guiné-Bissau ainda privilegiam somente a língua portuguesa para a comunicação e ganhar os privilégios sociais como pude observar nos comentários feitos no debate eleitoral de 2019 e a forma como o presidente USE estava respondendo às perguntas dos jornalistas em crioulo e o militante de DSP achavam que isso não pode acontecer num debate eleitoral falar crioulo para a população guineense e afirmou que:

USE, por favor responda as perguntas em português e não em crioulo. O diabete terá que ser falado em português porque é a nossa língua oficial e na Guiné-Bissau todo mundo vai à escola e todo mundo sabe falar e escrever em português até aos 12 anos da escolaridade e prosseguindo com o curso e onde terão a oportunidade de falar bem o português e acho que o senhor não foi a escola por isso que está falando em crioulo e nós não merecemos um presidente como você que nem sabe falar o português no mínimo imagina para representar a Guiné-Bissau nas comunidades internacionais. Por isso que eu digo, DSP presidente da Guiné-Bissau o nosso engenheiro Doutor que sabe falar o português que nos representam. (DEBATE ELEITORAL, 26 de dezembro de 2019).

Note-se que a questão da língua continua sendo problema entre as populações da Guiné-Bissau e, principalmente, no campo político. Uma vez que o crioulo e o português, atualmente, construíram as ferramentas para eleger um presidente.

Para Fanon (2008), a linguagem é uma construção colonial que propõe a hierarquização das línguas dos colonizados – a língua e a cultura do colonizador assumem o status cotidiano do colonizado. Nesse sentido, podemos observar que o colonialismo faz com que o homem colonizado obtenha duas dimensões, ou melhor, condições de existência, uma como branco e outra como o seu semelhante.

Em outras palavras, Fanon (2008) salienta que o domínio da língua portuguesa funciona como ferramenta de aproximação entre o negro e mundo dos brancos, chamando-os “mundo civilizados”. Uma vez que quanto mais assimila os valores culturais dos brancos mais civilizado estará. Aos que não aceitam assimilação dos brancos é considerado de selvagem, ou melhor, falar crioulo representa uma forma de selvagerias e de incompetência.

Para enfatizar, assimilar não é uma questão individual, e sim um fenômeno socialmente construído pela força do colonialismo que ainda perdura em nossa sociedade. E esse processo faz com que o indivíduo colonizado se afaste do seu semelhante e da sua origem.

Os militantes de DSP provocou a discussão nos comentários embaixo da transmissão do debate, uma vez que o militante de USE respondeu no seu comentário e alegou que ele é um assimilado que quer acabar com a cultura guineense e a língua crioula e provocar a divisão e também fez acusações de *tribalismo* contra o presidente DSP, que estava falando em português, alegando que ele está mostrando que sabe de tudo e que tem mais privilégio na sociedade porque sabe falar o português e tem a escola. Ele afirma que:

Para ser um presidente da república não precisa ser engenheiro ou Doutor, mas sim mostrar caráter, dignidade com o seu povo, responsabilidade e comprometimento de liderar um país. Mas aqui na Guiné-Bissau tudo é ao contrário, a gente respeita mais as pessoas que sabem falar português e desrespeitam as pessoas que não sabem falar bem o português, sendo que a Guiné-Bissau ainda é muito nova com 46 anos de independência e agora que a Guiné-Bissau está trabalhando nas questões da educação formal que antes não tinha, e muitos dos nossos avós e pais ainda não sabem falar o português porque a educação deles não é transmitida em português, mas sim nas suas línguas étnicas e o crioulo é a nossa língua que nos une que facilita a nossa compreensão. Se o DSP está mostrando que sabe de tudo porque fala o português bem e tem a escola e nível de Doutor é porque está a fomentar a divisão e tribalismo porque a língua portuguesa é o símbolo da divisão entre os pequenos assimilados de praça e as pessoas que vivem no interior os não assimilados. Vocês que são militantes do DSP pensem bem nessas atitudes de fazer civismo e deixem de fomentar o ódio e a divisão entre o povo (DEBATE ELEITORAL, 26 de dezembro de 2019).

De acordo com essa fala, pude observar nos pleitos eleitorais de 2019, os militantes da DSP fazendo acusações contra o USE e alegando que *Sissoko não tem nenhum diploma*. Esse comentário viralizou na rede social e todo o mundo que pertencia ao militante de DSP estava escrevendo em sua rede social pedindo para o presidente USE mostrar seu diploma e onde ele estudou. Fato que o presidente USE chegou a bater uma foto do seu cartão de estudante justificando que estudou o ensino superior em Lisboa, a foto do seu cartão universitário viralizou nas redes sociais e não convenceu os militantes da DSP e começaram a fazer acusações e difamação contra o presidente USE.

Os militantes da USE começaram também com suas difamações ao presidente DSP alegando que *se o DSP terminar o curso de Doutorado, precisamos também ver o seu diploma como vocês dizem que é engenheiro Doutor e sabe falar o português*.

E daí que o fogo começou no parquinho: se os militantes de DSP escreveram nas suas páginas de campanha no *Facebook* *viva escola e viva língua portuguesa* e lá vem também os militantes do presidente USE, *escola ika nada e vamos valorizar a nossa língua crioula e os*

assimilados de praça que procurem o trabalho e deixem de ter esperança nas promessas do emprego do vosso presidente DSP.

O transtorno entre militante de DSP e militantes de USE levaram a sociedade guineenses numa divisão e ódio, uma vez que algumas pessoas não se sentiram representado com a questão da língua e nem da educação formal e uma moça chegou a comentar assim durante o debate eleitoral:

Mas não sei o que os guineenses querem, por favor, para ser presidente é preciso ter diploma escolar, o seu título acadêmico? É saber falar português? Ou justificar onde você estudou? Na nossa constituição está marcado que um candidato tem que apresentar diploma e saber falar português para ser presidente? Por favor guineense, vamos parar com a divisão e interesse nas promessas dos políticos. O DSP vem com esta questão de escola e falar bonito para colocar a sociedade em divisão e tribalismo, porque os nossos pais e nossos avós as maiorias não sabem o que é a escola de branco e nem falam português. Temos régulos⁷¹ nas comunidades que não estudaram nada dos bancos, mas sabem administrar suas aldeias e resolver seus problemas políticos tradicionais sem essas coisas que vocês estão falando aqui na praça, por favor parem com isso e vamos prestar atenção na unidade em busca de um presidente que vamos trazer paz e desenvolvimento nesse país. (DEBATE ELEITORAL, 26 de dezembro de 2019).

De acordo com esta fala acima, os regulados tradicionais são as estruturas políticas que existiam muito antes da chegada dos portugueses à Guiné. Tinham atingido, em diferentes graus, um certo nível de desenvolvimento, de organização, política e social” (DJALÓ, 2012, p. 78). E esses chefes tradicionais não possuíam a educação formal, mas sim usavam as suas línguas étnicas, seus conhecimentos endógenos e culturais para administrar os seus territórios.

De acordo com meus interlocutores, militantes do presidente USE, interpretaram a questão do uso da língua portuguesa como fenômeno de assimilação e negação da cultura e tradição guineense e como também de exclusão dos chefes tradicionais. Como aponta o militante do presidente USE no comentário no debate eleitoral. Nesse debate, tirei a conclusão que os guineenses ainda estão com alguns resquícios dos colonizadores. Não é possível negar a nossa língua crioula para falar o português nesse debate? Demonstra que ainda estamos colonizando um ao outro e negando a nossa política tradicional.

Entende-se que, “os contatos com o mundo europeu e a instauração da administração colonial na Guiné tiveram como efeito imediato a desarticulação das estruturas políticas tradicionais e a subordinação das elites tradicionais” (DJALÓ, 2012, p. 78).

Ainda, segundo Djaló (2012), na formação do Estado colonial, os portugueses substituíram as elites tradicionais por elites rebeldes portuguesas na administração e as elites

⁷¹ “Significa chefe ou conjunto de chefes administrativos que controlam um “tipo de organização política antiga, sem estrutura estatal (...) dispondo geralmente de um poder hereditário. (DJALÓ, 2012, p. 77).

rebeldes, por sua vez, instruíram novas leis e colocaram uma estrutura administrativa que não tem nada a ver com a sociedade tradicional e as suas normativas do estatuto tradicional nas províncias, que foram definidas no estatuto da lei de indigenato e que visam separar os assimilados e não assimilados, de tal forma que instruíram a essa dicotomia na convivência social e política guineense.

Com os meus interlocutores, pude observar que, durante o período da campanha eleitoral de 2019, alguns militantes, ou melhor, os militantes de DSP, alegaram que, *nesse país, quem manda é o presidente que tem a escola e sabe falar português. Guiné não precisa do presidente burru*, (quem não é inteligente). Ou seja, os guineenses ainda preservam as leis do indigenato, mesmo tendo 48 anos da independência – para os guineenses os assimilados são aqueles guineenses que possuem a educação formal e tem formação superior, aos que sabem falar e escrever em português e aos que não são assimilados, são aqueles guineenses que se apegam e praticam suas tradições e aos que falam suas línguas étnicas e crioulo.

De acordo com a minha observação, os guineenses usam essa dicotomia mais no período eleitoral para separar o candidato que sabe falar o português do candidato que não sabe falar o português, para desviar atenção dos seus eleitorados e acreditar num presidente assimilado que tem a sabedoria da educação formal e poderá levar a Guiné-Bissau no desenvolvimento, econômico e social, ao passo que, aos que não tem educação formal e não sabem falar o português não podem ser o presidente da república para representar a Guiné-Bissau internacionalmente.

Agora na Guiné-Bissau todo mundo quer ser os assimilados de praça para ser o presidente e ninguém mais querer saber da nossa tradição e valorizar a nossa cultura e até um candidato que quer ser o presidente da República está a rejeitar a nossa língua no debate que poderia unir todas as populações guineenses nesse momento para ouvir suas propostas eleitoral. A pergunta dos jornalistas e a resposta de DSP deveria ser em crioulo, porque é a única língua que facilita a nossa compreensão, meu Deus, não sei onde essa geração de praça, de escola, vai parar com essa prática de fazer tribalismo, e ignorar a nossa cultura o nosso valor. (DEBATE ELEITORAL, 26 de dezembro de 2019).

De acordo com Djaló (2014), o sistema de assimilação origina essa classificação dos assimilados e não assimilados baseado num conceito jurídico e político da doutrina colonial, uma vez que as massas africanas não assimiladas são aquelas que não estavam, culturalmente, moralmente, linguisticamente e intelectualmente preparadas para exercer uma cidadania responsável baseada na ideologia colonial da civilização que era o sinônimo da cultura portuguesa.

Em outras palavras, os militantes de DSP se sentiram na convicção de que o DSP é um presidente inteligente que pode levar a Guiné-Bissau para o mais alto nível da sociedade,

uma vez a forma como esses militantes fizeram a campanha dá para entender que a ainda há uma divisão na sociedade guineense em termos da língua e acesso à educação formal. No debate eleitoral, os militantes da DSP alegaram que *o presidente USE vai à escola, por favor, me parece que você não está na praça e nem sabe o que acontece aqui na Guiné-Bissau, um político como você não merecemos ter na Guiné*. E pude também perceber, nas acusações do presidente DSP para o presidente USE que, não tem uma preparação moderna para ser o presidente.

Entende-se que os chamados assimilados de *praça* são as populações assimiladas, que possuem o privilégio em termos do acesso à escola e a língua Portuguesa. O presidente DSP é colocado nessa categoria ao passo que o presidente USE não é assimilado porque não tem a escola e nem sabe falar o português.

Vamos deixar essa questão de pronunciar em portugues e falar bonito. A Guiné-Bissau não precisa disso. Vi muitos jovens aqui fazendo críticas sem fundamento. Na verdade eu vi que os Guineenses não vim aqui para assistir o debate e ouvir as propostas dos presidentes, mas vim aqui para escutar as falas em portugues e se achar que são de praça. Tem pessoas aqui que nem sabem falar e interpretar as palavras em portugues ainda estão fazendo crítica ao presidente USE? Na Guiné-Bissau ninguém fala o portugues perfeitamente. Vamos unir e pensar no desenvolvimento e paramos com essa palhaçada de falar portugues (DEBATE ELEITORAL, 26 de dezembro de 2019).

De acordo com a minha observação, essa política de assimilação não atingiu cem por cento na sociedade guineense, uma vez que os ditos chamados de assimilados de *praça*, que correspondem 70%, segundo Augel (2006), no centro urbano assim como também nas instituições guineenses ainda preservam sua cultura e tradição de modo, como pude observar nos vestuários dos candidatos, que cada um usavam as roupas e símbolos da sua identidade étnica nos pleitos eleitorais.

Outro fato que também observei é que o aspecto da valorização dos assimilados como pessoas que possui privilégios linguísticos e educacionais para ser o presidente, percebe-se que essa narrativa se torna visível no período eleitoral, uma vez que, nesse período, todo mundo fica atento em conhecer o seu candidato e saber das suas trajetórias política, condições de vida e seu nível escolar.

Em um período fora dos pleitos eleitorais, pode ser num discurso político, numa cerimônia que ocorre na Assembleia Nacional Popular (ANP) ou em outros lugares onde frequentam os políticos e as populações têm acesso aos discursos, que a sociedade faz essa avaliação de saber quem não tem *a escola* e quem não sabe *falar o português*. Mas, nas relações do dia a dia, é difícil ver um guineense fazendo essas acusações linguísticas e educativas a um político, a não ser no período de eventos políticos.

4.4 Usos de símbolos étnicos e religiosos nos pleitos eleitorais de 2019-2020.

Entre os 12 candidatos que disputaram as eleições de 2019-2020 na Guiné-Bissau, os mais votados e os mais falados nessa eleição foram Domingos Simões Pereira, do partido PAIGC, e Umaro Sissoco Embaló, do Madem-G15, denominado como os quinze membros dissidentes do PAIGC. Em disputa eleitoral, pude observar os usos dos símbolos étnicos e religiosos desses candidatos que são também um dos fatores da influência eleitoral na Guiné-Bissau.

A partir das narrativas dos meus interlocutores sobre diferentes formas de fazer o *tribalismo* na Guiné-Bissau, percebi que existe uma concordância entre os militantes na forma de representações dos símbolos visuais étnico-religiosos pelos candidatos. Uma vez que, durante as campanhas eleitorais de 2019 os militantes fizeram todas as acusações pelos candidatos e seus militantes de fazer *tribalismo* nos seus discursos, mas ninguém aponta o dedo para acusar um candidato e os partidos políticos da Guiné-Bissau por usar os símbolos étnicos e religiosos e ser facilmente reconhecidos e representados pelos seus grupos étnicos e religiosos nas campanhas eleitorais, sendo também que é uma das formas das influência de votos étnicos e religiosos na disputa eleitoral. Uma vez que os candidatos e os partidos procuraram, de modo geral, apresentar símbolos visuais simples que fossem facilmente identificados pelo eleitorado. [...] “e facilmente ser reconhecido nos boletins de voto passou, após a eleição, a fazer parte da imagem de marca do presidente” (NÓBREGA, 2003, p. 67).

Percebe-se que as representações dos símbolos visuais étnicos e religiosas pelos candidatos não é um caso recente que aparece nas eleições de 2019-2020, mas sim desde a primeira Nóbrega (2003). Eleição de 1994 os candidatos usavam os símbolos visuais das suas etnias e religiões nas eleições e como também em logomarca dos seus partidos políticos.

Nesse contexto, o presidente DSP, durante a eleição de 2019, aparecia com “panu di pinti”⁷² No pescoço, da origem Manjaca, mas todos os grupos étnicos com a influência cristã usam exclusivamente nas cerimônias tradicionais como na comemoração de casamento, rituais de iniciação e funerais. O chapéu se chama “chapéu de Mancanha”; a etnia Mancanha usam

⁷² O Pano de penti em português pente, de tear artesanal, tem uma grande importância social e cultural na Guiné-Bissau. A tecelagem guineense é uma tradição bem antiga e a versatilidade dos panos de pente não a deixam cair em desuso. Devido ao seu valor patrimonial no seio dos guineenses os panos de pente são usados em várias ocasiões de grande significado para o país, passando pelas cerimônias fúnebres e casamentos tradicionais. Apesar de ser um produto bastante dispendioso, devido a importação do algodão, está sempre presente nos rituais guineenses. Informação disponível em: <https://panodepentequeneense.weebly.com/>. Acesso em 18 de dezembro de 2021.

esse chapéu para cerimônias tradicionais como “touca choro”⁷³, casamento, e rituais de iniciação. E a camisa é da etnia Manjaco que também é exclusivamente nas cerimônias tradicionais. Lembrando que o DSP, na sua etnia é Balanta⁷⁴, também se declara ser do grupo étnico “Cristão de Guáiba”, que é uma da etnia mestiça, junção da etnia cabo-verdianos, manjacos, papel e mancanhas que deu origem a essa etnia Cristão de Guáiba, representando as etnias cristãs. E o símbolo do seu partido do PAIGC é similar com a bandeira da Guiné-Bissau. O símbolo do partido do “PAIGC não tinha grandes dificuldades nessa matéria, porque, após duas décadas de independência e um longo período de partido único, não seria difícil a qualquer guineense, por mais desinformado que estivesse, reconhecer a estrela negra” (NÓBREGA, 2003, p. 67).

Imagem 01- Domingos Simões Pereira e seu símbolo de partido



Fonte: Facebook⁷⁵

⁷³ Touca choro é uma cerimônia específica para os grupos étnicos cristãos. As etnias islamizadas não realizam. O ritual de Touca-Choro é uma cerimônia feita para homenagear as almas dos seus entes queridos, com vista a retribuir a alma da morte por tudo que realizou de bom no mundo dos vivos para a sua família, por outro lado, permite que a alma descanse em paz. Vale dizer ainda que se esta cerimônia não for realizada, os familiares do morto não se sintam à vontade ou respeitada no seio da sociedade Mancanha, uma vez que vão ser considerados incapazes de honrar as almas das suas famílias mortas.

⁷⁴ "informações dos candidatos e seus perfis estão disponíveis neste link: <https://www.voaportugues.com/a/guin%C3%A9-bissau-elege-presidente-a-24-de-novembro---quem-s%C3%A3o-os-candidatos-/5175511.html>. Acesso em 03 de dezembro de 2021.

⁷⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/vota.partido.paigc/photos/a.529075924168050/52916820082548>. Acesso em 24.11.2021.

Umaro Sissoco Embaló – USE, de Madem-G15, é um partido recentemente criado pelos quinze desistentes do partido PAIGC; durante as eleições de 2019, aparecia vestido de “Grabuba”⁷⁶: uma roupa usada pelos muçulmanos nos momentos religiosos e tradicionais como no momento de reza, jejum, festas de Tabaski e Ramão, assim como também é usada como roupas normais do dia a dia pelos mais velhos ou jovens. Usou “Cala”⁷⁷ que representa a fé na religião islâmica. Também é mais usada pelos peregrinos de Meca na Arábia Saudita, identificados como seguidores de profetas. Usou uma “bingala”⁷⁸ na mão que é usado mais pela família de *regulus* nas aldeias e como também é usado pelo profeta Mohamed⁷⁹. O seu símbolo do partido representa a “fruta de caju”, uma vez que o caju apresenta como a maior fonte de rendimento econômico do país. E a maioria dos partidos políticos, no período eleitoral, fazem várias promessas de melhoramento de campanha de castanha de caju para os camponeses fornecedores. O Sissoko Embalo é o presidente da etnia Fula e praticante da religião muçulmana e, após ser o presidente da República, realizou a viagem a cidade Santa de Meca na Arábia Saudita para purificar a sua fé muçulmana.

Imagem 02- presidente Umaro Sissoco Embaló e seu símbolo do partido.



Fonte: Facebook⁸⁰

⁷⁶Grabuba, é tipo vestido túnica em português, mas que tem o seu significado na religião muçulmana.

⁷⁷ Pode ser chamado também de lenço que os muçulmanos usam no pescoço.

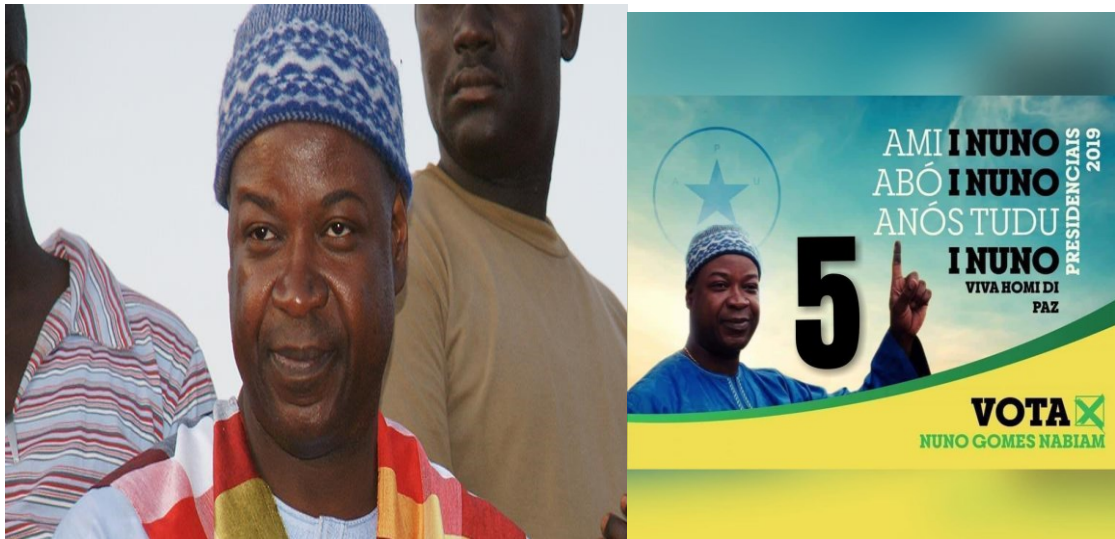
⁷⁸ Pão feita de madeira.

⁷⁹ É Allah Deus na religião Muçulmana.

⁸⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/Oficial.mademg15/>. Acesso em 24 de Novembro de 2021.

Nuno Gomes Nabiam, do Partido Democrático da Guiné-Bissau (APU- PDGB), da etnia Balanta, aparecia com a *Sumbia*, um gorro ou barrete um comum entre os mais velhos, que também é chamado de *Sumbia* de Cabral, "significava igualmente um regresso às origens do PAIGC, Cabral" (NÓBREGA, 2003, p. 67). Os Balantas também usam esse chapéu no ritual de fanado, com *panu de pinti* no pescoço. O símbolo do seu partido representa uma estrela que também é conhecida como estrela negra da bandeira da Guiné-Bissau.

Imagem 03- Nuno Gomes Nabiam e símbolo do seu partido político



Fonte: Fala de Papagaio⁸¹

Carlos Gomes Júnior, Candidato Independente (CI), da etnia pepel, também é conhecido como cristão de *praça*, aparecia com a *Sumbia* um gorro ou barrete comum entre os mais velhos, que também é chamado de *Sumbia* de Cabral, O mesmo usado por Nuno Gomes Nabiam. Camisa “Grabuba da etnia Fula o mesmo tipo usado por USE.

Imagem 04. Carlos Gomes Júnior

⁸¹ Informação disponível em: <https://faladepapagaio.blogspot.com/2019/12/nota-se-movimento-nuno-nabiam-presidente.html>. Acesso em 02 de dezembro de 2021.



Fonte: Facebook⁸²

Afonso Té é candidato do Partido Republicano da Independência e Desenvolvimento (PRID) da etnia papel, aparecia com um chapéu usado pelos mais velhos da etnia pepel e como também os manjacos e mancanha⁸³ nas cerimônias tradicionais como *touca-choro*, casamento e entre outros tipos de cerimônias. O mesmo tipo de chapéu que o DSP usava.

Imagem 05- Afonso Té e o seu símbolo do partido



Fonte: Facebook⁸⁴

⁸² Disponível em: <https://www.facebook.com/bissau.online/photos/carlos-gomes-junior-anuncia-que-ser%C3%A1-candidato-independente-nas-eleic%C3%A7%C3%B5es-preside/1341881575966415/>. Acesso em 09 de dezembro de 2021.

⁸³ Montanha, Manjaco e Papel era uma etnia só antes do período colonial chamado dos Brames e depois se dividiam de acordo com a conjuntura colonial na Guiné-Bissau e cada um foi se construindo sua cultura e tradição em regiões diferentes

⁸⁴ Disponível em: https://m.facebook.com/bissau.online/posts/1455022777985627/?_rdr. Acesso em 15 de dezembro de 2021.

Os outros sete candidatos apareceram de forma natural usando a camisa social e fato forrado ocidental. Tipos de roupas usados no dia a dia nas instituições e nos outros lugares pelo povo guineense que não representa nenhum tipo de religião e etnia.

Mamadu Intai Djabi, Presidente do partido Nova Democracia, da etnia fula, aparecia com camisa simples de uso do dia a dia sem representação étnico-religioso.

Imagem 06 - Mamadu Intai Djabi



Fonte: Facebook⁸⁵

José Mário Vaz, conhecido por Jomav, Candidato Independente CI, da etnia manjaca, aparecia com roupa social de fato forrado e gravata do uso exclusivo para cerimônias formais como festas de casamentos na igreja, civil. Também é usado diariamente nas instituições do país para manter a formalidade do serviço na instituição da Guiné-Bissau.

Imagem 07- José Mário Vaz

⁸⁵ Disponível em:

https://www.google.com/search?q=mutaro+djassi+guine+partido+politico+imagem&tbm=isch&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjombTQqOf0AhXjN7kGHfG_AyIOBXoECAEQEA&biw=1499&bih=694#imgc=zQCa4W5mR3g-M. Acesso em 15 de dezembro de 2021.



Fonte: Wikipedia⁸⁶

Gabriel Fernando Indi, candidato do Partido Unido social Democrata da etnia papel, aparecia com uma camisa simples do uso do dia a dia.

Imagem 08 - Gabriel Fernando Indi



Fonte: DW⁸⁷

Baciro Dja, Candidato Independente da etnia Fula, aparecia com a roupa formal de etnia fula usada no dia a dia pelos homens mais velhos, jovens e crianças, nas festas de Ramadã, Tabaski e na sexta feira para reza na misquita.

Imagem 09- Baciro Dja

⁸⁶ Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_M%C3%A1rio_Vaz#/media/Ficheiro:Jos%C3%A9_M%C3%A1rio_Vaz_2014.jpg. Acesso em 17 de dezembro de 2021.

⁸⁷ Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/minuto-a-minuto-resultados-das-ele%C3%A7%C3%B5es-na-guin%C3%A9-bissau/a-51431244>. Acesso em 18 de dezembro de 2021.



Fonte: Facebook⁸⁸

Vicente Mendes, Presidente do Partido da Convergência Democrática (PCD), da etnia manjaco, aparecia com fato forrado do uso diária nas instituições do país e em alguns eventos formais.

Imagem- 10 Vicente Fernandes



Fonte: Facebook⁸⁹

Idrissa Djaló, Líder do Partido de Unidade Nacional (PUN), da etnia Fula, aparecia com camisa social simples do uso diário e não representa etnia e nem religião.

Imagem 11- Idrissa Djaló

⁸⁸ Disponível em:

<https://web.facebook.com/photo/?fbid=211741777760404&set=a.211741747760407>. Acesso em 18 de dezembro de 2021.

⁸⁹ Disponível em: https://web.facebook.com/bissau.online/photos/quem-%C3%A9-o-candidato-vicente-fernandeso-candidato-vicente-fernandes-vifer-formou-s/1455019757985929/?_rdc=1&_rdr. Acesso em 18 de dezembro de 2021.



Fonte: Rispito⁹⁰

Iaia Djaló, candidato apoiado pelo Partido Nova Democracia PND, da etnia Fula, aparecia com roupa social da etnia Fula, usado pelos homens mais velhos, jovens e crianças nas cerimônias e festas tradicionais.

Imagem 12- Presidente Iaia Djaló



Fonte: DW

⁹⁰ Disponível em: <http://www.rispito.com/2015/12/sistema-politico-e-o-epicentro-dos.html>. Acesso em 18 de dezembro de 2021.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação não pretende chegar ao ponto final, mas ainda tem muita coisa para explorar sobre a prática do *tribalismo* na Guiné-Bissau. As linhas aqui esboçadas indicam caminhos, percursos e muita observação de campo nas redes sociais, em que perpassam ideias e diferentes concepções da prática do *tribalismo* na sociedade guineense.

Por mais que eu tenha tentado elaborar uma conclusão que feche em si mesma, não estaria sendo fiel aos que os meus interlocutores me ensinaram sobre a prática do *tribalismo*, pois me parece que ainda há muito que estudar para entender melhor o povo guineense e seu comportamento social, étnico, religioso e político.

Inicialmente, essa impossibilidade que a pandemia nos trouxe de fazer um trabalho de campo físico que permitirá as entrevistas semiestruturadas, interação com as populações, militantes e políticos, pareceu-me limitador, por motivo que não explorei muitos assuntos sobre o *tribalismo* que, com certeza, haverá muitas informações da prática do *tribalismo* que não foram mencionadas nesse texto e como uma entrevista direta pode resultar de vários outros assuntos relacionadas ao tema.

Entretanto, na minha escrita, tentei ser mais descritiva sobre diferentes aspectos do *tribalismo* e explorá-los etnograficamente e transportando-a para a escrita do texto. Certamente, durante o trabalho de campo, que decorreu desde dezembro de 2019 até janeiro de 2021, nas redes sociais, tinham vários assuntos publicados, mas hoje alguns foram apagados nas páginas dos meus interlocutores, mas mesmo assim consegui compreender vários assuntos pertinentes da prática do *tribalismo* que enriqueceu a escrita desta dissertação.

Quando se trata do *tribalismo*, na Guiné-Bissau, que instiga a divisão, ódio e violência, vale destacar que, a discussão não é de hoje, mas sim é um assunto que inicia desde a luta pela independência da Guiné-Bissau, fortalecida no primeiro golpe de Estado, em 1980, que dividiu a Guiné e Cabo-verde.

Nesse sentido, com a formação do Estado-nação e regime multipartidário, com as eleições e escolhas dos representantes do Estado, o *tribalismo* tornou-se um dos assuntos mais comentados nos períodos eleitorais, mas a sua aplicabilidade não se encaixa somente neste período, uma vez que, na relação cotidiana do povo guineense, existe uma forte diferenciação e representação em termos étnicos, religiosos, política e linguísticas que os meus interlocutores chamam de *tabu do tribalismo*.

Assim, ao compreender que os meus interlocutores analisaram a prática do *tribalismo* em diferentes aspectos na relação social guineense e na política, pude afirmar que os

guineenses são povos que se apegam muito nas questões de representações étnicas, religioso, linguística e afinidade política nos períodos eleitorais. Esses aspectos são demonstrados na eleição de 2019-2020, uma vez que cada indivíduo procura apoiar um candidato que lhe representa em termos étnicos, que lhe faz promessas de emprego, dinheiro, que fala bem o português e que seja intelectual acadêmico. E não pela questão de unidade na busca de um presidente que possa trazer paz e desenvolvimento para o país e todas as populações guineenses.

Em outras palavras, pude observar que a política do colonialismo e assimilação ainda está se perpetuando cada dia mais nessa sociedade que, muitas das vezes, os guineenses acabam se misturando o que é tradicional e moderno, fato que gera o discurso de *tribalismo*, divisão e ódio entre as populações numa sociedade chamada de um Estado nacional, de um só povo que luta pela unidade e igualdade.

Na eleição de 2019, a prática do *tribalismo* se viralizou e causou um incêndio, ódio, violência, discursos de *tribalismo* na sociedade guineense nas redes sociais, nas comunidades, nos bairros de Bissau e como também na diáspora.

Durante o trabalho de campo pude observar como a sociedade estava dividida e os militantes de cada partido procuravam uma forma direta de acusações nas redes sociais aos seus adversários partidários e políticos. Nessa eleição, o discurso de *lado, lado* foi incentivado para dividir a população de acordo com seus grupos étnicos, partidos políticos e religião. E os símbolos étnicos e religiosos foram usados pelos políticos nas campanhas eleitorais e como também nos boletins de votos.

Em outras palavras, na eleição de 2019-2020, pude observar que quem tem o conhecimento formal intelectual e sabe falar a língua portuguesa, é mais privilegiado para sociedade em termos de ter mais chance no poder, ser presidente e ter um bom emprego. Esses são aspectos muito preservados pelas populações guineenses na política e como também nas relações institucionais. E a quem não encaixa nessas categorias sociais, são classificados de burros, gentios, não educados e que vieram do interior e estão longe da modernidade.

REFERÊNCIAS

- AMSELLE, Jean-Loup e M'BOKOLO Elikia (coord). **Etnia, Tribalismo e Estado em África**. Angola 2014.
- AUGEL, Moema, Parente. **O Desafio do Escombro: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Editora, Garamond, 2007.
- BORGES, Antonádia, COSTA, Ana Carolina, COUTO, Gustavo Belisário, CIRNE, Michelle LIMA, Natascha de Abreu e, PATERNIANI, VIANA, Talita & Stella Z. (org.). Pós-Antropologia: as críticas de Archie Mafeje ao conceito de alteridade e sua proposta de uma ontologia combativa. **Revista Sociedade e Estado**, v.30, n. 2, maio/ago. 2015.
- CÁ, Lourenço Ocuni. **A Educação durante a colonização portuguesa na Guiné-Bissau (1671-1973)**. Campinas, 2000.
- CANDE MONTEIRO, Artemisa Odila. **Discurso nacional e etnicidade em África: o caso da Guiné-Bissau (1959-1994)**. Curitiba: Appris, 2019.
- CARVALHO, Clara. De Paris a Jeta, de Jeta a Paris: percursos migratórios e ritos terapêuticos entre França e Guiné-Bissau. **Revista de Estudos Guineenses**, Soronda, Nova Serie, n. 6, jul. 2003.
- CARDOSO, Carlos. Formação e recomposição da elite política moderna na Guiné-Bissau: continuidades e rupturas (1910-1999). In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIA SOCIAIS, 8., 2004. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004.
- DJALÓ, Tchernó. **O mestiço e o poder: as identidades e dominações e resistências na Guiné**. Pontinha: Nova Veja, 2012.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.
- FERRO, Rodrigues Paula Ana. A Netnografia como Metodologia de Pesquisa: um recurso possível. **Revista da Faculdade Eça de Queirós**, ano 5, n. 19, ago. 2015. Disponível em: www.faceq.edu.br/regs. Acesso em: 01 mar. 2021.
- FIGUEIREDO, Baquero Fábio. **Entre raças, tribos e nações: os intelectuais do Centro de Estudos Angolanos, 1960-1980**. Tese de Doutorado. Programa de pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos. Universidade Federal da Bahia, 2012.
- FRY, Peter. **O Espírito Santo Contra o Feitiço e os Espíritos Revoltados: "Civilização" e "Tradição" em Moçambique**. In *Revista MANA* 6(2):65-95, 2000.
- GEERTZ, C. (1973). *The interpretation of cultures*. New York: Basic Books.
- GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1987. p.237-364.

HAMPATÉ BÂ, Amaduo. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.) **História Geral da África: metodologia e Pré-história da África**. v. 1. Brasília: UNESCO, 2010. pp. 167-212.

HOUNTONDJI, Paulin. “Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: duas perspectivas sobre os Estudos Africanos”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

LEACH, Edmund R. **Sistemas políticos da Alta Birmânia**. São Paulo: EDUSP, 1996.

LOPES, Carlos. **Etnia, Estado e relações de poder na Guiné-Bissau**. Lisboa: Artes Gráficas, 1982.

MAFEJE, Archie. The ideology of "Tribalism". **The Journal of Modern African Studies**, v. 9, n. 2, p. 253-261, 1971.

BORGES, A. et al. Pós-Antropologia: as críticas de Archie Mafeje ao conceito de alteridade e sua proposta de uma ontologia combativa. **Soc. Estado**, v.30, n.2, p.347-369, 2015.

MANÉ, Besna. **A Formação do Estado Nacional e a Diversidade Cultural e Étnica na Guiné-Bissau**. Monografia, Unilab-CE, 2017.

MALINOWSKI, Bronisław. Introdução tema, método e objetivo desta pesquisa In: MALINOWSKI, Bronisław. **Os argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 17-38.

MENDY, Peter Michael Karibe. **Conquista Militar da Guiné: da resistência à “pacificação” do Arquipélago dos Bijagós**. Revista de Estudos Guineenses, Soronda, v. 13, p. 41-57, 1992.

CONQUISTA Militar da Guiné: Da Resistência à “Pacificação” do Arquipélago dos Bijagós. **Revista de Estudos Guineenses**, Soronda, v. 13, p. 41-57, 1992.

NAMONE, Dabana. **A luta pela independência na Guiné-Bissau e os caminhos do projeto educativo do PAIGC: etnicidade como problema na construção de uma identidade nacional**. 2014. 120 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/115896>. Acesso em: xx mês 2021.

NÓBREGA, Álvaro. Desejo de “Cambança”: processo eleitoral de 1999. **Revista de estudos guineenses**, Soronda, Nova Série, n. 6, jul. p. 107, 2003

KUSCHNIR, Karina. Antropologia e Política. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.22, n. 64, 2007.

SOUZA, Elmara Pereira de. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. **Cadernos de ciências sociais aplicadas**, ano XVII, v. 17, n. 30 jul./dez. 2020.

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

TEIXEIRA, Ricardino. **Sociedade Civil e Democratização na Guiné-Bissau, 1994-2006**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

VAN VELSEN, Jaap (2010). A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2010. p. 437-468.

VIEGAS, Caterine Gomes; KOUDAWO Fafali. **A Crise do PAIGC: um prelúdio à guerra?** Revista de estudos guineenses, Soronda, Nova Série, n. 7, p.289, dez. 2000.

WEBER, Max. Relações Comunitárias Étnicas. **Economia e Sociedade**, Brasília, v.1, p. 267-277, 2012.